



3 1761 07436175 9

Digitized by the Internet Archive
in 2011 with funding from
University of Toronto

6777
do seu amigo Marques Junior

(16) 4/4

Luiz A. Assunção

AS FREIRAS
DE LORVÃO

OBRAS DO AUTHOR

<i>Narrativas do Brazil</i> (1876-1880)	1 vol.
<i>Mil e seiscentas legoas pelo Atlantico</i>	1 vol.
<i>Os Jesuitas</i> — O Catholicismo no seculo XVI	1 vol.
<i>O Catholicismo da cõrte ao sertão</i>	1 vol.
<i>Fim de seculo</i> — Historias do meu tempo	1 vol.
<i>Laxaro e Eva</i> , dois dramas	1 vol.
<i>A Patria na officina</i> , comedia em 1 acto	1 vol.
<i>Frades e Freiras</i> — Chroniquetas monasticas	1 vol.
<i>As ultimas Freiras</i>	1 vol.
<i>As Festas d'outr'ora</i>	tiragem de 25 exemp.
<i>Matheus de Magalhães</i>	tiragem de 50 exemp.
<i>Em Hespanha</i> — Arte e paisagem	1 vol.
<i>O Patrão Joaquim</i>	tiragem de 50 exemp.
<i>Diccionario dos Termos d'Architectura</i>	1 vol.

T. LINO D'ASSUMPÇÃO

Socio correspondente
da Academia Real das Sciencias

AS FREIRAS
DE LORVÃO

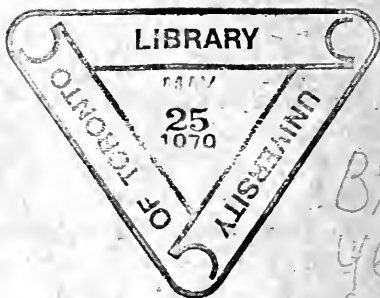
(ENSAIO DE MONOGRAPHIA MONASTICA)



COIMBRA

FRANÇA AMADO — EDITOR

—
1899



BX
4635
L62A77

AS FREIRAS DE LORVÃO

CAPITULO I

A CAMINHO DO MOSTEIRO. OS FUNDADORES E A FUNDAÇÃO

Raros nomes haverá que tanto seduzam a imaginação dos que se applicam a velharias de historia monastica como o de Lorvão. Nome rapido e aspero, com o que quer que seja do resoar longiquo de seculos barbaros, e no qual ainda cehôa o ruido d'essas terriveis tempestades das almas e dos elementos que rebentaram naquelle valle, onde apenas cabe o lendario mosteiro.

Por que brenhas passaram, rasgando as carnes nas silvas dos matagaes, de que lado vieram, que lingua falavam os primeiros monges que ali se acolheram é impossivel de averiguar hoje: e já os velhos chronicons nada nos deixaram de positivo, elles que tão pouco escrupulisavam em affirmar tudo quanto colhiam na tradição oral.

O certo é que os que pretendem visitar o velho mosteiro, no anno em que abundam os caminhos de ferro e faltam as estradas, terão que passar alguns incommodos.

De Coimbra á Rebordosa facil é o transporte, por uma das mais formosas estradas, d'essa Beira, a mais bella e pittoresca de todas as nossas provincias. Corre o traçado sempre pelo recosto de montes, sempre a cavalleiro do Mondego. Essencias várias na folhagem, na côr e na fórma ensombrêam o caminho em toda a sua extensão; bem como o aromatisam os pinhaes, que revestem os cerros que elle vae costeando.

A pouco trecho da saida de Coimbra deixamos a estrada que passa por sobre o rio, e seguimos pela que aparta pela margem direita d'este.

Chegados á Rebordosa, depois de hora e meia de carruagem, a trote manso, temos que investir a pé pelo morro que nos fica á esquerda. Até Chelo, pequeno logarejo descoberto e airoso é aspera e trabalhosa a subida, seguindo por semedeiros cavados no terreno secco e schistoso, com inclinações faes que as rampas por vezes se convertem em gigantescas escadarias *. Depois de meia hora de trepar, achamo-nos no planalto, d'onde

* Ha um outro caminho para carro de bois, mais desenvolvido e menos aspero, que póde seguir quem fôr a cavallo.

se começa a descer para o valle de Lorvão por uma apertada rodeira; por que, como nem frades nem freiras se preoccuparam em dotar a terra de uma bella estrada, ninguem mais cuidou d'isso.

A descida vae sempre por entre pinhaes, na meia encosta abrupta e pedregosa, ao fim da qual, na orreta profunda, se ouve correr a agoa, embora se não veja. O sol está alto e mordente; sol cruel, implacavel presagio certo de tempestade, e cuja lividez estampa no terreno estratificado e amarello a sombra esburacada dos pinheiros que rumorejam brandamente. Além, onde a orreta se alarga, veem-se bois pequenos lavrando a terra escura e fraca, que vae sendo semeada com punhados de milho, e das rodas d'uma azenha, cujo ruido melancolico e rythmico chega até nós, levantam-se pulverisações douradas pela luz do sol. Nas bifurcações indecisas guiam-me rodadas fundas dos carros. E cantam melros e pintasilgos; tão descuidosos como nos tempos barbaros em que por ali vagueavam frades, mouros e mouriscos.

Cruzo-me no caminho com raros homens de estatura pequena e cara rapada, vestidos de briche, e mulheres sem belleza, de tez encarquilhada, sáias sombrias colhidas nas ancas, anagoa pela cabeça, ou lenço traçado na cara, que quazi lhes tapa a bocca, deixando escapar na testa umas

farripas de revolto cabelo, que melhor se lhe chamaria estopa; pés descalços e deformados, carregando pesados cestos que lhes achatam os craneos; e tanto homens como mulheres correspondem á minha saudação com um reenvio religioso.

Interrogados — questão de passar o tempo — que tal ia a lavoura, respondiam:

— Tchouveu, mais foi poucatchinho; mas Deus Nosso Senhor, assim como manda o pouco, póde mandar o muito, se quizer.

E acho mais consolador este fatalismo beirão, do que a crença estúpida do homem do Ribatejo na sciencia metereologica do *Saragoçano*, de Madrid.

Quasi a chegar a Lorvão, numa angra da serra, defronta-se-nos Lavatodos, que não é mais do que um encarrapitamento pittoresco de casas feitas de schisto, com telhados musgosos de pouca inclinação, tendo por quadro e fundo o verde escuro e parado dos pinhaes, matizado vivamente pelo verde alegre e buliçoso dos castanheiros.

Descendo uns cem passos, temos, á esquerda, uma velha ermida, ao lado da qual se acolhe o *Pio*, pequeno e desornado cemiterio; e logo na volta do caminho, e um pouco abaixo, o mosteiro, recortando o seu perfil, ao meio do qual avulta o zimbório de azulejos azues e brancos faiscando alegremente aos raios do sol, sobre o pinhal da serra.

O sino de Lorvão batia as doze horas do dia treze de maio.

Não seria para admirar que qualquer se lembrasse que em egual dia, sete seculos atraz, Affonso Henriques tinha tomado Lisboa aos mouros.



O Lorvão d'hoje, além do mosteiro, pouco mais é do que uma estreita rua de casas pequenas, de um andar, a que algumas outras se sobrepõem, subindo pela meia encosta aspera. Ao soalheiro das portas sentam-se mulheres e creanças cortando e afeiçoando em palitos os troncos brancos do salgueiro. Os homens, pela maior parte cavões, que só vivem do trabalho da enxada, andam na lavoura alheia aproveitando as ultimas chuvas para lançarem milho á terra. Ao cabo da rua principal, e fazendo esquina para o largo do mosteiro, encontra-se, á esquerda, a venda do Carlos. Loja suja, dividida por um balcão negro, ao longo do qual vae e vem com passo lento,

gesto molle e aborrecido, o dono da casa, quando não anda por Hespanha fazendo negocio.

Era a hora de maior concorrência. Mulheres e creanças entravam de chale pela cabeça, e a troco de palitos levavam bacalhau, assucar, arroz, café, petroleo, azeite, vinho, borôa, phosphoros ou papel de côr. O palito é ali a moeda corrente. Para as transacções entre o mercieiro e os seus freguezes não ha necessidade do intermedio nem da Casa da Moeda com as cédulas, nem do Banco de Portugal com as notas. O Carlos recebe os maços, e examina-os quasi papel por papel, como um usurario examinaria uma peça d'ouro suspeita. Elle bem sabe que se o poderem enganar que não deixam de o fazer; portanto, só depois de verificar se a *moeda* lhe serve é que dá a fazenda que lhe pedem e ella representa. Muitas vezes a *moeda* soffre uma depreciação que elle arbitra, attendendo á qualidade ou imperfeição do fabrico; outras então regeita-a sem dó, como se fossem notas falsas; sem reparar que esses macinhos, em que á pressa se juntaram lascas tortas, escuras, mal aparadas, representam uma fraude da fome que, ao meio dia, desejaria roer um bocado de borôa. E como esta, sahida do forno, cheira bem e abre o appetite! Não resisto ao desejo de a provar e de reconhecer que em tal occasião me soube como se fosse a melhor ignaria. Verificada

a qualidade dos palitos, o Carlos atira com elles para diversos repartimentos, segundo a qualidade, e depois exporta-os por sua conta. A media das compras annuaes anda por uma duzia de contos de réis. Dizem: que perto de mil pessoas se occupam neste fabrico, tão simples como primitivo.

A ferramenta é elementar: uma navalha e um pedaço de couro, protector do joelho, sobre o qual se cortam, adelgaçam e abicam em termos compridas lascas de salgueiro. Os preços variam de dez réis um maço de duzentos e cinquenta palitos, em dez papeis, a sessenta réis um maço com quatrocentos.

Emquanto espero pelo sacristão, que tem de me abrir a egreja, concedam-me os leitores que lhes faça a transcripção d'um documento do seculo xviii, que nos dá o estado das cousas em Lorvão, naquella epocha.

Pela Academia Real de Historia, quando iniciou os seus trabalhos, foi remettida, ás auctoridades de todo o reino, uma circular pedindo informações do que em cada terra existisse de notavel sob o ponto de vista historico. Os provedores das comarcas, obedecendo ao mandado, enviáram questionarios aos funcionarios civis, e parochos das freguezias. E' em consequencia d'esta diligencia

do provedor de Coimbra que o juiz de Lorvão responde nos termos, que copio, tal qual elle escreveu com a sua grossa letra:

Satisfazendo A ordem do senhor doutor provedor da Cidade de Coimbra fui logo Com o meu escriuam em Correia por todos os Lugares e me em fornei em Cada hum Lugar do que auia Com os homeis uelhos e lhe preguntei tudo na forma da ordem os que sa biam alguma Coisa do que ella Cnostaua e dos uesinhos que auia em oseo lugar he o seg.^{te}

Lorua tem Cecentae hum uesinho	61
Op. ^e Licenciado M. ^{el} da Silua huma capela que estuhio ceo ti op. ^e M. ^{el} da Silua de Lorua	1
Mariana dos Cantos huma Capela que estuhio ceo irmã op. ^e Abb. ^e elencenciado M. ^{el} dias deste Lugar de Lorua	1
Bertolameo Camelo huma Capela que estuhio M. ^{el} Cardoso deste lugar de Lorua	1
Com frarias ha Ado Cantisimo Sacram. ^{to}	1
Com fraria de lus	1
Com fraria de Cam ioam bau tista	1
Com fraria da sãra dorosario	1
irmandade das almas de que a m. ^{te} juis com pitente Lugar de paradela tem uesinho tem dose uesinhos	12
Lugar da ueleira tem uesinhos quinze	15
Lugar de rio tem uesinhos uinte	20
Domingos ioam hua Capela que foi estuhidor Andredias da ueleira	
Lugar da ueleira digo Lugar do caneiro tem uesinhos	10
Maria Luis huma Capela que estuhio o p. ^e al berto ris de Lorua	

Lugar de Cam mamede tem uestinhos quinze	15
Lugar de chelo tem uestinhos dose	12
Lugar de chelinho tem uestinhos des	10
Rebordosa tem treze uestinhos	13
grania dorio tem uestinhos ceis	06
	<hr/> 56
	57
	<hr/> 113
	61
	<hr/> 174

Nam ha Liuros de ibitateis

Nam ham morgados

Nam ha Letreiros

Nam ha es pitaes

Nem ha papeis antigos

Nem em tigidades

Por esta maneira depois de ter feito esta Claresa como Lista queaordem Asima mandei faser esta em minha presensacoes Criuam em que nos Ainamos feita oie uinte e ceis dias domes de Cetembro domes momes asinei eu Ant^o de freitas ã este sobreescrivi De Mel. francisco ✠ juis *.

Entretanto tem chegado o sacristão, que fôra chamado, e dirijo-me com elle para o mosteiro.

Como em muitos outros, nem uma pedra dos tempos primitivos, nem mesmo dos seculos me-

* Mss. da Bibl. N. de Lisboa. Cod. (A-5-36) n. 212, fl. 9.

dievos; nem um vestigio sequer resta do mosteiro dos beneditinos, nem do das monjas cistercienses que os expulsaram! Tudo arrasaram, tudo substituíram a remodelação radical e as reconstrucções do seculo xvii!

Poucos imaginam que aperto de coração se sente, quando, ao fim d'uma d'estas romarias, á procura d'um passado de alta caracteristica, se encontra a pimponice garrida d'um seculo que entre nós perdeu o sentimento da severidade da arte christã, e debalde forcejamos por nos concentrarmos na abstracção que permitta evocar o velho mosteiro do tempo de Alboacem, o amir mouro de Coimbra, ou o de D. Thereza, a repudiada esposa de seu primo Affonso IX, de Leão.

Entramos num pateo amplo e soalhento. A' direita, a casa dos frades, apparatusa como convinha a bernardos ricos; em frente, fazendo angulo quasi recto com a ala esquerda, um edificio liso, sem caracter, e que mal se adivinha que contem a igreja. Esta disposição lembra, se bem me recordo, a do mosteiro de Portalegre, de monjas da mesma ordem.

A entrada para a igreja é feita por um arco sem decoração nem estylo. Subidos alguns degraus, o sacristão faz girar a pesada porta de madeira escura, delicadamente ornada com recortes de bronze e eis-nos a meio da igreja, tendo á

esquerda a capella mór, e á direita o coro monastico, de nivel com o pavimento da egreja e d'esta apenas separado por uma elegante gradaria de ferro de largos vãos, realçada por applicações de bronze tanto nos encruzamentos dos varões como entre estes *. O systema do coro no mesmo plano da egreja parece ter sido o mais seguido pelas monjas cistercienses; assim o encontro pelo menos nas que tenho visto, taes como Almoester, Odivelas, Portalegre e Lorvão. Por cima da gradaria assenta um magestoso orgam com alguns dos canos... no chão!

E já que estamos no coro demoremo-nos a examinar essas formosissimas bancadas, compostas por duas ordens de assentos de pau santo com ligeiras e graciosas applicações de ornatos de nogueira recortados e relevados com primoroso artificio. Um lamberquim, tambem da mesma madeira escura com relevos de tom mais claro, sobe desde as espaldas das estadelas do segundo renque até meia parede, terminado por um entabellamento de recortes abertos, que dá ao conjuncto um grande ar, embora com prejuizo da intenção delicada de todo o trabalho de esculptura. Este lamberquim, ou forro geral, é dividido em corpos correspondentes

* Das contas do cartorio verifica-se que importou em 7:200\$000 réis; e que foi feita em 1784.

ás cadeiras, tendo cada um d'elles, ao centro, um cartulo com um santo em relevo, de bom desenho e fina modelação e remates todos de risco differente. As perguiças dos assentos são formadas por caras humanas, mas de formas grotescas. Ha neste coro um quadro de S. Sebastião, pudicamente tangado, como convinha num mosteiro . . . embora de bernardas.

A igreja é d'uma só nave, concebida segundo o molde classico, com retabulos de cantaria cujas linhas de contorno são tão graciosas como bem lançadas. O que chamarei impropriamente cruceiro é um espaço assignalado por quatro pilastras de pedra, com capiteis corinthios, d'onde nascem arcos revindos que os ligam uns a outros, e sobre cujos rins se formam os pendentés da cupula, por onde entra a luz que suavemente se espalha por toda a igreja, fundindo-se com a que jorra das janellas do lado da epistola e a que lhe envia a rasgada e alta abertura envidraçada do fundo do coro. Aspecto geral de grandiosidade, opulencia, delicadeza e gosto! E' do melhor que entre nós produziu o pseudo classissismo do seculo XVIII. Na capella mór veneram-se, em urnas forradas de veludo carmesim, com labores de prata, realçados com pedrarias, os corpos de santa Thereza, a fundadora, e de sua irmã santa Sancha, a que fez Cellas, ambas filhas de D. Sancho I.

Parece que os filhos d'este rei tiveram muito desenvolvido o stygma da ladroeira. São do conhecimento da Historia as grandes luctas de D. Affonso II para *tirar* a suas irmãs os castellos que seu pae lhes tinha deixado em testamento, e do dominio das chronicas as luctas e artificios de sua filha Thereza para *conseguir a posse* do mosteiro e a do cadaver de sua irmã.

Conveniencias politicas levaram D. Sancho a casar D. Thereza com o primo, Affonso rei de Leão, de quem ella houve um filho e duas filhas, e de quem o papa a obrigou a separar-se por ter casado sem as dispensas de parentesco, que só elle se permittia conceder.

Fr. Bernardo de Brito, na sua *Chronica da ordem de Cister*, occupando-se d'este caso grave e escandaloso escreve:

« . . . e para Deos mostrar quanto se desservira d'este peccado, começou de castigar os povos com as tres calamidades ordinarias, que são fome, peste, e guerra, porque um anno todo, ou pouco menos, houve secca tão grande neste reino, e no de Leão, e Castella, que as novidades se não lograram por falta de humidade, e nos meses de janeiro e dezembro, que o tempo costuma a ser frio e humido, estava a terra tão secca, e havia tanto pó nos caminhos, como ha ordinariamente nos meses do estio, e se alguma verdura ou novidade se logrou

em terras humidas, e alagadiças, assolou-a uma praga de *lagosta* que sobreveiu, a qual comia até os troncos, e medulas das arvores, d'onde resultou uma fome tão grande; que a gente comia os animaes immundos, como eram cães, gatos e cobras, com outros bichos nojentos, de que se vieram a gerar doenças contagiosas, e depois uma das mais terribes pestes, que houve no mundo, porque dando em qualquer pessoa sem haver signal d'inchaço, nem outra cousa semelhante, se lhe comiam as entranhas com uma furia, e raiva tão terrivel, que acabavam comendo-se as mãos e braços a bocados, e dava de sorte, que em logares mui grandes, (como diz Ruy de Pina) com grande difficuldade ficavam trez pessoas vivas».

Neste caso o que acho de mais extraordinario é a praga das *lagostas*, que provavelmente deve de ser a *langosta* hespanhola, que em bom portuguez se diz *gafanhoto*.

Em presença de tão grande catastrophe impunha-se o divorcio, que effectivamente se realisou, resolvendo a rainha recolher-se a uma casa religiosa, escolhendo para isso o mosteiro de Lorvão, habitado ao tempo por monges negros. Oppozeram-se estes ao esbulho; mas ameaçando-os o rei, D. Sancho, de lhes mandar inquirir do modo de vida, tão irregular como escandaloso, cederam e a rainha divorciada tomou-lhes conta da casa e bens. E como

não haviam os monges de ceder quando os inquiredores seriam os bispos que, no dizer dos apologistas da ordem, eram quem mais os defraudavam tomando-lhes as terras, villas, egrejas « e que os excomungavam por acudirem pelo seu, e por fazerem queixas ao Cardeal Legado Apostolico das semrasões que lhes faziam » ?!

Assim que se viram fóra do seu mosteiro, para o qual entrou D. Thereza com monjas cistercienses, na vespera de Natal de 1200, parte dos monges foram-se, segundo o contracto feito, para o mosteiro de Pedroso, a duas legoas do Porto, e outros tomaram o caminho de Roma afim de representarem a sua causa a Innocencio III. Não zombavam reis com este papa, e razões particulares havia para elle não procurar ser agradavel ao rei de Portugal. Depois de se ter informado, por intermedio do arcebispo de Santiago que ouviu as partes, sentenciou na demanda, ordenando que a rainha pagasse as custas do processo e que os monges « fossem restituídos á posse do mosteiro, por serem expulsos contra a ordem de direito, e que de novo se despedissem d'elle, depois de restituídos. por constar *secundum allegata, et probata* que o mosteiro estava mui damnificado no temporal e espirital, e pela renunciação que fizeram. D'esta sorte ficou a rainha D. Thereza de posse pacifica em Lorvão não querendo os monjes renovar magoas

passadas, contentando-se com quinhentos crusados, que ella lhes pagou de custas * ».

Os cuidados da salvação eterna, e as lagrimas pela ausencia do marido, que depois de separado se casou com outra prima D. Berengaria, filha de el-rei de Castella, de quem o papa o separou de novo, não lhe impediram que ella, com os seus partidarios e homens d'armas, saísse a campo, e a ferro e a fogo viesse defender o legado paterno, sem se lembrar do que tinha feito aos bentos. Acompanhou-a na contenda sua irmã D. Sancha, a que fundou Cellas e ali veiu a morrer.

Ora, estava esta em transes d'agonia, quando a irmã lhe chegou á cabeceira, e piedosamente lhe fechou os olhos. Fr. Bernardo de Brito que nos relate o que se seguiu a esta morte: « Quando a santa expirou eram horas de terça, e cuidaram as freiras que quizessem logo dar sepultura a seu corpo; mas a rainha D. Thereza, que tinha outros pensamentos, mandou que se fossem todas ao coro e d'ahi ao refeitório, porque até o dia seguinte se não havia de sepultar, e ficando ella acompanhando a irmã, e mostrando que a queria amortalhar por suas proprias mãos, a esteve compondo e ornando da maneira que convinha para sua maior decencia,

* Deve de haver engano ou redução nesta indicação dos crusados, que ainda não existiam ao tempo do caso narrado.

e estando o convento jantando a metteu comsigo em umas andas e a levou caminho do seu mosteiro de Lorvão ».

Agora ahi estão os tumulos das duas, um em frente do outro, sem que ninguem até hoje lhes tenha cubiçado os ossos, e, o que é mais para admirar, tenham deixado intactos os lavoires de prata, que ornamentam as urnas que os encerram!

Por cousas menores tem ido muita gente para o inferno, que é o unico castigo que até hoje teem tido os grandes e pequenos ladrões dos bens das ordens religiosas.

Assim como a vida lhes correu desassocegada, assim os ossos não poderam descansar de vez nos primitivos tumulos em que foram encerrados, e quem sabe ainda o que lhes estará reservado, pelas gerações que se estão formando, avessas ás cousas grandes, vasia de respeitos tradicionaes e sequiosas... por lavoires de prata.

Entretenha-se o leitor alguns momentos com a historia rapida das mudanças dos restos mortaes das duas mais velhas filhas de D. Sancho I.

Quatro seculos passaram e durante elles as sepulturas das duas irmãs estiveram no coro monastico, obrando grande copia de milagres, conjunctamente com o copo por onde D. Thereza

bebia em vida. Mas a quantidade de romeiros era tal á procura de saude, tantos os devotos que junto do tumulo das *santas* desejavam expandir-se em lagrimas e suspiros, que vinha d'isso fraude e perturbação para a clausura, e sempre importunas visitas.

Pensava a abbadessa D. Bernarda de Lencastre, neta d'el-rei D. Manuel, por seu pae o cardeal D. Affonso, em fazer trasladar para o corpo da egreja os dois mausoleus, mas achou a communitade resistente em conformar-se com tal deliberação. Foi neste transe que o ceu se manifestou, como soe acontecer em casos taes.

Certa noute, uma das monjas, D. Catharina d'Albuquerque, sonhou que estava vendo as duas *santas* vestidas como nos tempos idos da sua vida. Grandes calanticas ou toucas de miudas pregas na cabeça, fino e branco veu nos hombros, longas estolas franjadas cahindo-lhes até os pés, e mantos presos ao pescoço por fivellas de ouro. Uma a outra compunha seus adornos, e na conversa pareciam um pouco agitadas. Tremendo, perguntou-lhes Catharina o que queriam? ao que ellas responderam, rindo: que o fosse perguntar ao questor da communitade, João Laeto. E, ao esvaiem-se no espaço, acordou a monja.

Immediatamente procurou a abbadessa a quem contou o succedido. Foi chamado o questor e este decidiu que as duas rainhas queriam que os seus

tumulos fossem trasladados para a igreja. Soube o mosteiro da visão e ninguém se atreveu a oppôr-se a tão formaes ordens.

E' esta a versão que corre impressa, inclusive no processo da beatificação; entretanto, nas memorias manuscriptas do mosteiro, attribue-se a mudança á abbadessa D. Briolanja de Mello. Eis a copia d'um rascunho para o seu termo de obito, que existe no livro respectivo:

« A muito religiosa D. Briolanja de Mello, religiosa d'este real mosteiro de S.^{ta} Maria de Lorvão foi a penultima abbadessa perpetua d'esta casa, viviu com muita edificação e santidade, guardando os votos e em tudo o mais a regra do nosso P.^o S. Bento; e, estando para ser abbadessa, havendo duvidas como fosse feita abbadessa, nessas occupações veiu uma voz do ceu que a publicou. No seu officio se conheceu fôra feita por Deus, e assim se verifica, pois escolheu o Senhor o seu tempo para se publicarem os thesouros que tinhamos nas santas rainhas S.^{ta} Theresa e S.^{ta} Sancha; por que estando as suas sepulturas no interior do mosteiro, e havendo grande difficuldade em as religiosas as deixarem ir para fóra, por não perderem a consolação de tão santa companhia, ellas acharam merecimentos para lhes apparecerem e mandando-lhes que as puzessem na igreja de fóra, que Deus ajudaria. E assim foi que as religiosas

se accommodaram com a sua saudade: conhecendo pela sua virtude era vontade de Deus, e se ficou fazendo muito maior estimação da prelada. Foi Deus servido, depois d'esta obra, leval-a para si com grande mostra de salvação e edificação das religiosas d'aquelle tempo, em que todas, pelas noticias que achamos no cartorio, foram santas pelo espirito com que vieram á religião ».

Na egreja estiveram os dois tumulos até que, em 1617, uma das religiosas, D. Catharina da Silveira, mandou fazer a capella de Nossa Senhora do Rosario, e os sarcophagos ficaram constituindo o altar, um junto do outro.

Nessa occasião, enquanto os operarios foram jantar, as monjas sahiram da egreja, e, servindo-se das ferramentas, levantaram a pedra do sepulchro de D. Thereza. « Logo um suavissimo perfume * se

* Parece que effectivamente existem cadaveres, que depois de muito tempo enterrados e que se acham completamente mumificados, ou em certo estado de conservação, exalam de si um cheiro que nada tem de desagradavel; e que auxiliado pela suggestão de que os cadaveres cheiram mal, provoca no olfato a sensaçã d'um perfume. Ha tempos falando com um distincto professor medico, homem de letras, e personagem notavel a todos os respeitos, tocando-lhe neste assumpto, elle me disse que, quando era moço, fôra vêr uns cadaveres, que appareceram ali para os lados de Santa Apolonia, e que se recordava de que tivera a sensaçã de que cheiravam bem.

espalhou pela egreja, e o corpo, deitado numa alcatifa de flores, tão frescas, como se ali não estivessem ha perto de quatrocentos annos, mas como se fossem cortadas naquella hora, achava-se inteiro, cerrados os olhos e entreaberta a bocca, deixando ver os alvos dentes como de quem sorri. Vestia habito de S. Bernardo e sobre o rosto estendia-se um veu preto e a pelle tão fresca e tão perfeita como se estivesse dormindo ».

Na egreja continuavam os cadaveres bemaventurados a obrar tantos milagres, que el-rei D. Sebastião resolveu promover em Roma as duas beatificações, o que não levou a effeito pelos revezes que todos conhecem e que, se lhe custaram a vida, nós tivemos que pagal-os com a independencia. O intento do cavalheiroso principe foi continuado pelos prelados da Ordem * e, d'accordo com as

* No Codice 345/300 d'Alcobaça encontram-se as minutas das cartas que em latim foram escriptas ao Summo Pontifice, em 1658, pelo D. Abbade Geral, cisterciense pedindo a canonisação das santas rainhas Thereza e Sancha; bem como a « copia da carta que escreven o conego Manuel dos Reis de Carvalho ao Cardeal Protector sobre a canonisação que se pretendia das rainhas filhas d'el-rei D. Sancho » assim redigida:

« Em^{mo} e Rev^{mo} Senhor Protector

« Havendo a Sagrada Congregação dos Ritos por sen decreto dado commissão ao Sr. D. Francisco Souto Maior, de boa memoria, bispo de Targa, para tomar exacta informação das

monjas, trataram durante largos annos a causa junto da Santa Sé, até que em 1705 conseguiram que Clemente XI declarasse bemaventuradas as filhas de Sancho I. Os gastos para tal concessão foram tantos que durante dez annos o mosteiro ficou empenhado, a ponto de sómente, em 1715,

vidas e milagres de D. Sancha e D. Thereza, filhas de D. Sancho 1.º, rei de Portugal, tidas e havidas neste reino em conceito e veneração de santas, levou gosto o dito Sr. Bispo de subdelegar em mim a dita commissão e em virtude d'ella me fui ao mosteiro de Lorvão da Ordem de Cister, na igreja do qual estão sepultados os corpos das ditas princezas, chamadas neste reino vulgarmente com o nome de Rainhas Santas, e do qual convento a dita D. Thereza foi fundadora, assim como D. Sancha o foi do de Cellas da mesma ordem, sito nos arrabaldes d'esta cidade de Coimbra; e supposto assim uma como outra morressem separadamente, cada uma no mosteiro que fundou, comtudo isso ambas estão hoje sepultadas, como tenho dito, no mosteiro de Lorvão, e por isso eu me fui assim a um, como ao outro mosteiro para tomar em forma juridica as informações que se podessem achar das pessoas mais classificadas, e mais antigas.

« Das exemplares vidas d'estas princezas não se acha outra cousa senão uma antiquissima tradição da qual juntamente muitos authores fazem menção em alguns livros que andam impressos, e é cousa que causa não pouca admiração, e espanto ver que, em tão longo e dilatado curso de seculos, não se haja diminuido a opinião, que se tem da santidade d'estas servas do Senhor, mas antes se tenha conservado sempre constante, e que cada dia vá tomando maior vigor e augmento a fama das suas prerogativas e milagres; e

sendo então abbadessa D. Bernarda Telles de Menezes, se conseguir fazer a trasladação dos tumulos de pedra, em que os cadaveres jaziam, para outros em que mais ricamente ficassem expostos á veneração dos fieis. Muito *custa*, em Romá, ser santo! Foi encarregado d'esta obra, de

supposto que se alguns poucos annos a esta parte haja faltado o culto e veneração, que communmente se lhes dava e offerecia como a santas; por se advertir e dizer ás religiosas d'aquelle mosteiro que era prohibido pelos decretos pontificios dar semelhante culto áquelles servos e servas de Deus que não fossem beatificados ou canonisados, e suas maravilhas não fossem primeiro approvadas e authorisadas pela Sé Apostolica, comtudo isso não cessou até agora nos fieis nem a devoção, nem o concurso. Muitos milagres bem notaveis, dos quaes se faz menção no dito processo, não se hão podido formalmente authenticar nelle, por incuria e negligencia dos religiosos e religiosas d'aquelles mosteiros, por não terem conservado a memoria das pessoas ás quaes a Divina Bondade foi servida de se mostrar favoravel pela intercessão d'estas suas favorecidas servas, e portanto não attribua V. Em^a o defeito á minba diligencia, se não á falta das necessarias noticias.

« E porque a morte do dito sr. bispo de Targa succedeu antes que eu lhe remetteste este processo, por essa razão se suspendeu até agora o mandar á Sagrada Congregação e a V. Em^a as noticias que se pedem, e fazendo-me agora instancias as monjas do dito mosteiro, a que pozesse por obra este negocio, tomei confiança de acompanhar aãs ditas noticias com estas regras e pedir humildemente a V. Em^a seja servido de interpor a sua diligencia na beatificação que se deseja d'estas princezas; por que além de V. Em^a obrigar a

prata lavrada batida a martello, o ourives do Porto, Manuel Carneiro da Silva, que se não fez cousa maravilhosa, como diz o editor da *Monarchia Lusitana*, Miguel Lopes Ferreira, fez comtudo uma obra bem acabada e que não deixa de ter grande ar e o que quer que seja da elegancia cortezã d'aquelle seculo*.

Estes novos cofres são ambos semelhantes. Teem o feitio de urnas, forradas de veludo carmezim sobre o qual assentam labores de prata recortada, realçados de pedrarias. A tampa termina com remate de dois anjos sustentando uma coroa, de cujas aberturas sahem quatro açucenas. A collocação das urnas, em nicho, impede que se vejam por todos os lados, mas o citado Ferreira assim as descreve:

O tumulo de santa Thereza « na primeira face tem formada uma tarja com a imagem da santa

todo este reino, que o deseja summamente, grangeará particular merecimento para com sua Divina Majestade, que será servido conceder-lhe a V. Em^a os augmentos e grandezas que a seus infinitos meritos são devidos, e que eu terei cuidado de lhe pedir em meus sacrificios, obrigado da summa devoção que a V. Em^a tenho, a quem beijo a mão, e reverentemente me inclino. Coimbra, 6 de maio de 1673. Humildissimo, devotissimo, e obrigadissimo servidor de V. Em^a

MANUEL DOS REIS DE CARVALHO, conego
penitenciario conimbricense ».

* Os dois tumulos custaram perto de oito mil cruzados.

Rainha vestida no habito de S. Bernardo, com um escudo aos pés partido em pala, do lado direito as armas de Leão de que foi rainha, no esquerdo as de Portugal, onde nasceu infante, e esta lettra: *Sancta Theresia Regina*. Na face ulterior, e logar correspondente á primeira, se fórma outra tarja em que se vêem umas lettras complicadas, cifra do nome da reverendissima prelada, em cujo triennio se fez a obra, e junto a ella um escudo atravessado com uma banda xadrezada entre duas flores de liz, que são as armas da illustre Ordem de Cister. Da parte da cabeceira ha outra tarja, que expõe uma cruz, e por cima duas mãos dadas com esta inscripção: *Votis conjunctis*. Na correspondente ha outra tarja, e nella esculpido em meio relevo um mosteiro com esta epigraphe: *Hic tutor* ».

A urna que encerra os restos de D. Sancha é em tudo semelhante á primeira, differençando-se nas figuras, emblemas e disticos. « Vê-se na tarja da primeira face a imagem da mesma santa polidamente formada, com esta inscripção: *Sancta Sanctia Infans*; e ao pé um escudo com as armas de Portugal. Na cabeceira duas coroas, uma real, outra de espinhos, com esta lettra: *Per hanc ad illam*. Na parte dos pés duas mãos dadas com esta: *Felicitas temporum*; e no remate do meio uma coroa por onde saem quatro palmas ».

A trasladação, a que assistiram o bispo de Coimbra, e seu cabido, o D. Abbade Geral, o senado da cidade, varios abbades cistercienses e grande multidão, realizou-se a 19 d'outubro de 1715, depois de alguns mezes perdidos em questões de formalidade, etiqueta e jurisdicção entre o Bispo e o D. Abbade, tão proprias d'aquelle seculo essencialmente formalista.

Foram então abertos os tumulos para se fazer a trasladação dos cadaveres. O de santa Thereza, coberto com um veu de tafetá branco, estava completo, mas a cabeça separada do tronco e os ossos já sem carne nem pelle. O de D. Sancha « se viu todo unido e inteiro sem embargo de se haver sepultado quatro centos oitenta seis annos antes, com os braços cruzados sobre o peito, e estes organizados com a composição dos ossos, e nervos cobertos com a pelle e carne; todo o peito composto, e coberto com a cutila sem lhe apparecer nenhuma das costellas: e fazendo exame o dr. Manuel dos Reis de Sousa, lente de medecina na Universidade de Coimbra, e o dr. Francisco de Oliveira Raposo, medico do convento, pelo contacto do pulso e artelho declararam que se achava brandura na carne. Só se achava separada dos hombros a cabeça ». O geral da Ordem tirou-lhe um osso grande da garganta que mandou de presente a D. João V.

Revestidos os dois cadaveres com o habito de S. Bernardo, compostas as caveiras com o toucado e veu de religiosas, foram collocados nos tumulos de prata, fechados a duas chaves cada um, uma de aço outra de prata, entregues ao Bispo, e outras iguaes ao D. Abbade Geral, e collocados no altar, onde até então tinham ficado os de pedra.

A funcção que começara depois do meio dia terminou ás dez horas da noute, quando já a frontaria do mosteiro se achava deslumbrantemente illuminada; estoiravam no ar as bombas dos foguetes e morteiros, cahiam as bagas luminosas dos foguetes de lagrimas, e os fogos d'artificio eram acclamados por enorme multidão, que juntava as suas acclamações ao repique jubiloso dos sinos.

E comtudo a festa não passou sem um dissabor, que por não ter tomado maior vulto, nem por isso deixaria de figurar como incidente no poema do *Hyssope*. Pois na segunda feira, segundo dia do *Triduo* que se seguiu á trasladação dos santos ossos, o cabido não teve a audacia grande de vir á porta da egreja de cruz alçada, cantando o *Te Deum* receber o Bispo!! Ora isto oppunha-se á jurisdicção do D. Abbade Geral que se intitulava nada menos que: *D. Abbade do Real Mosteiro de Santa Maria d'Alcobaça, Senhor Donatario e Capitão Mor das Villas de Alcobaça, Aljubarrota, Alfeixarão, Alvorminha, Pederneira, Santa*

Catherina, Paredes, Cox, São Martinho, Señr do Matto, Mayorga, Evora, Cella, Turquel e mais logares e poroações dos seus termos e coutos do Mosteiro, do Conselho de Sua Magestade, e seu Esmoler Mor, Geral reformador da congregação de São Bernardo nestes Reinos e Senhorios de Portugal e Algarves, etc., etc.

A *Senhora da Paz* metteu-se entre os monjes e o cabido, e a pendencia de jurisdicção, entre o faustoso bispo-conde d'Arganil D. Antonio de Vasconcellos e Souza, e o reverendissimo padre doutor fr. Antonio do Quental, não teve seguimento, embora ficasse, de passagem, consignada nas chronicas.

Findos os tres dias de festa, os cofres foram levantados do altar onde durante ellas se conservaram e collocados nos camarins que lhes estavam preparados na capella mór; o de D. Thereza do lado do evangelho, e o de sua irmã do lado da epistola.

Por fins do primeiro quartel do seculo xviii, as monjas tratavam de nova mudança dos restos das duas princezas para o seu antigo altar, onde lhes tinham preparada « uma admiravel tribuna de rica talha dourada, e nella dous vãos, ou nichos grandes, nos quaes em mãos de anjos se exporiam os cofres das santas rainhas, tudo por modo admiravel ». Esta ultima trasladação não se levou a effeito. Que motivos a obstaram, ignoro.

Se o edificio do mosteiro, composto de grandes corredores, marginados de largas e claras cellas, está bem conservado, e nas condições de ter qualquer applicação asyilar, as crastas e suas capellas são acervos de ruinas e de podridão. E' completo o abandono e quasi total a queda dos telhados. As paredes estão alluidas, esverdeadas, e pendentas de traves negras pedaços luzidios e oscillantes de velhas talhas douradas. Nas capellas, ás quaes o tempo ainda conservou o telhado, os altares estão denudados; e sobre elles, isolados e cobertos de poeira e bolor, esperam as imagens em vulto d'alguns santos que alguém as leve... para o ferro velho. Não tiveram mão d'artista que as valorizasse, de nada lhes serviram as virtudes que lhes abriram as portas do ceu!

Afastando, com o pé, montes de lixo e terra ainda pude ler nos lagédos do claustro grande o epitaphio das sepulturas de D. Cecilia Goes da Silveira, mulher que fôra de Domingos Leitão da Silveira, embaixador em França. Quando enviuvou recolheu-se com suas duas filhas ao mosteiro, e ali morreu em 1599. Indicação gravada na pedra dizia que uma outra sepultura e as dos lados se não deviam de abrir. A argamassa recente que

cercava as lapides mostrava que a prohibição tinha provocado a curiosidade.

Neste claustro são curiosas as seguintes capellas desenhadas em gracioso estylo de Renascença: a da Nazareth datada de 1603; a de S. João Baptista de 1602 e a do Calvario de 1644. Se não fossem as datas dar-lhes-iamos, pelo menos, cincoenta annos de antecendencia.

Na velha casa do capitulo, azulejada até meia altura, com as lages das sepulturas fendidas, ainda se leem os epitaphios de: D. Bernarda de Alencastre, neta de D. Manuel, por seu filho o cardeal D. Affonso; junto de cujos ossos foi sepultada em 1740 D. Cecilia de Castro; a de D. Catharina d'Albuquerque, ultima abbadessa perpetua, fallecida em 1604, e a de uma D. Magdalena que se finou com opinião de santa.

Ha pouco tempo o Instituto de Coimbra, d'accordo com o sr. Bispo-conde foi áquelle montão de lixo, e salvou algumas obras de talha e de azulejo, que os estragos do tempo e a incuria das nossas Obras Publicas iam deixando perder completamente.

Parece que o abandono das cousas é muito antigo entre nós, porque já fr. Antonio Brandão, no 4.º volume da sua *Monarchia Lusitana* escrevia: «... e é magoa ver em muitas partes do reino semelhantes espectaculos, que estão como figuras

mudas declarando a gloria antiga e a miseria presente ». Este threno tem a data de 1632.

Entre aquelles objectos trazidos de Lorvão, além de algumas esculpturas medievas e de dois frontaes de azulejos, figuram muitos trechos architectonicos e um tumulo.

Os trechos compunham varias capellas da crasta, mas o Sr. Dr. Antonio de Vasconcellos — a quem o Museu do Instituto deve a sua actual renascença — tendo-os examinado cuidadosamente e medido, verificou que, adaptando-os uns a outros, se formava com elles um retabulo completo, e concluiu por poder affirmar que fôra o da capella mór da antiga egreja.

Quanto ao tumulo é curiosissimo como trabalho d'arte. E' pequeno; terá um metro, se tanto. Largo numa das extremidades e mais estreito na outra parece indicar que era destinado a um cadaver de criança, e não para encerro de ossos que para ali teriam de ser trasladados. Achava-se mettido no grosso d'uma parede do claustinho, não deixando ver senão uma das faces, onde em alto relevo estão representados os cinco martyres de Marrocos. Julgou-se que o relevo fosse levantado numa simples lapide, e só se verificou o que na realidade era quando a excavação permittiu ver o tumulo. Comtudo, como se verá noutro lugar, em tempo esteve já exposto á veneração na capella mór, por

que na face exterior da cabeceira tem evidentes signaes de raspadellas, ou d'um corpo, como corda, que por ella roçava a miude. A frente relevada representa um trecho architectonico do seculo xiv (?), composto de seis arcos trevados, sobre cujos rins se erguem uns como que miranetes telhados com laminas imbricadas. No primeiro vão, á nossa esquerda, figura insolentemente sentado o Miramolim, e em cada um dos outros um dos santos franciscanos em attitudes que nos dão a impressão de que o imaginario que as levantou da pedra, não se deixou compenetrar do lance terrivel em que se encontram os martyres, e encarou aquella scena de tragedia com uma leve ponta de ironia comica, que, a pezar nosso, nos faz sorrir e verificar que o scepticismo é de todas as epochas, e que na esculptura medieval tem elle muitas das suas grandes e impereciveis manifestações.

No claustro, d'onde foram tirados estes restos d'outras epochas e d'outras fórmulas de crença, existiu em tempos um relevo da Santíssima Trindade, que podia ser o que compõe o fecho do retabulo a que alludi, e que passava na tradição como tendo sahido da terra. Não será esta crença uma recordação vaga de que elle estivesse soterrado algum tempo, depois de demolida a capella mór? Existia mais um *Senhor Jesus* preso á columna, com quem uma santa monja tinha devotos colloquios, e tanto

assim foi que, desde que pela ultima vez falou com ella, ficou com a bocca entreaberta, como quem não tem animo de se despedir de todo.

Subindo aos terraços da egreja, á volta do zimbório, coberto como já disse de azulejos azues e brancos, recortados e imbricados, á maneira de louzas, e cuja conservação se deve aos particulares cuidados e sacrificios do parochio, antecessor do actual, vê-se a um dos lados a povoação, apertada entre o mosteiro e a serra, e não se atrevendo a trepar pelo recosto d'esta, para não ter que diminuir a porção de milho e de alimento que ella lhe dá; e ao redor as ruinas das velhas crastas, do capitulo, das capellas interiores, das casas dispersas pela cerca, em que as monjas preferiam viver, tudo humido, tudo invadido pela vegetação bravia e silvestre, tudo inundado de sol, tudo dominado pelo silencio da hora da sesta, silencio apenas quebrado pelo canto dos melros e rouxinoes acolhidos ás sombras das arvores que vicejam na beira do regato, o qual lá no fundo vae correndo, com essa imperturbavel indifferença com que a natureza supporta a existencia dos homens.



CAPITULO II

LORVÃO MOSTEIRO DOBRADO

Foi este mosteiro em algum tempo dobrado ou duplice; isto é, se debaixo da obediencia do mesmo prelado, com egreja commum, embora em dormitorios separados e incommunicaveis; existiu uma communidade de homens e outra de mulheres?

A questão entre nós creio que ainda se póde considerar de pé, dividindo-se as opiniões dos eruditos.

E comtudo essa existencia não repugna nem á nossa moral nem á historia.

Entre os romanos a maior parte dos sacerdotes, principalmente aquelles cuja origem era mais antiga, eram assistidos por suas mulheres nas ceremonias cultuaes. « A *flaminica* tinha deveres quasi tão delicados como o *flamen*, seu marido, e estava sujeita ás mesmas minuciosas prescripções ».

Entre os hebreus não repugnava, senão a união, pelo menos a approximação dos dois sexos com um fim cultural ou de vida aperfeiçoada. Os therapeutas, que foram um ramo dos essenios, e que viviam em commum, como depois viveram os monjes, sem que por isso sejam precursores d'estes, habitavam em edificios nos quaes as mulheeres moravam de um lado e os homens de outro, divididos por um muro de trezentos e quatro covados d'altura. Em algumas das suas solemnidades eram ellas convidadas a certos actos communs, inclusive ao da comida á mesma meza.

Os apóstolos levavam consigo nas suas viagens a *agapeta*, que uns querem que seja uma simples acolyta, outros a concubina, traduzindo a palavra *agapeta* por *bem amada*; o que não é bastante para affirmar a segunda hypothese.

Renan, citando Epiphanio, diz: « elles (christãos) formavam umas especies de communidades onde os dois sexos viviam juntos, servindo as mulheres os homens, e seguindo-os nas suas viagens a titulo de companheiras ».

Com o correr dos tempos a instituição das companheiras espirituaes, convertidas em devotas que cohabitavam isoladamente em companhia d'um irmão, degenerou na mais baixa e sacrilega mancebia, que S. Jeronymo e S. João Chrysostomo verberaram com a maior energia e eloquencia.

Parece que neste tempo já existiam no oriente mosteiros mixtos.

E' o que se deduz do caso de Sabiniano, contado pelo mesmo S. Jeronymo. Sabiniano era um diacono ordenado pelo bispo de Roma. Dado a todos os vicios, bebado e devasso, foi obrigado a fugir para a Syria, temeroso da vingança d'um marido que o tinha encontrado em flagrante delicto d'adulterio. O bispo de Roma, porém, deu-lhe cartas de recommendação para S. Jeronymo, que, em boa fé, o recebeu como « um anjo de luz » e o admittiu no mosteiro dobrado de Belem, edificado no proprio lugar onde a tradição colloca o nascimento do Redemptor. Sabiniano tratou de não desmentir o passado e, tendo sedusido uma das monjas, escolheu para consumir o seu crime, segundo diz S. Jeronymo, « o quarto da Virgem Maria. Depois de ter roubado a honra d'um marido, queria roubar a de Jesu-Christo ».

Taes mosteiros duraram até fins do seculo vi, apesar das prohibições da Egreja e dos imperadores.

Perdidas que foram a abnegação e a santidade dos primeiros tempos, os instinctos eram menos facilmente domados, e a occasião do peccado mais frequente.

Justiniano I julgou necessario prohibir a visinhança perigosa dos mosteiros dobrados, e impedir que o mesmo tecto, embora em apartamentos

diversos, cobrisse monjes e monjas; mas sem resultado, porque em 782, no segundo concilio de Nycea, ainda foi ordenado que os mosteiros duplos, já fundados por S. Bento, e segundo a sua ordem, subsistiriam; mas que para o futuro não se edificariam novos « visto que a juxtaposição não deixava de ser escandalosa e de ter seu perigo ». O mesmo concilio determinou que qualquer conversa d'um religioso com uma religiosa só teria logar rapidamente, fóra da clausura e sob as vistas da abbadessa.

Querem alguns authores que este systema de monachismo não passou para o occidente, e dão como testemunho o elogio que S. Gregorio I fez a Germano, bispo de Cagliari, por ter prohibido que se construísse um mosteiro de monjes junto de um outro de monjas. Não me parece absolutamente irrefutavel este argumento, quando bem podia dar-se que a prohibição fosse suscitada por exemplos que não conviesse imitar. De S. Bento sabemos nós que em 529, tendo edificado um mosteiro no monte Cassino, sobre as ruinas d'um templo de Apollo, não impediu que sua irmã, Santa Escolastica, proximo d'elle edificasse outro para mulheres.

Os mosteiros da ordem de Santa Brigida foram duplos, em hora da submissão que o discipulo amado, S. João, teve á Santa Virgem. O numero das religiosas era fixado em sessenta, e o dos

religiosos sacerdotes em treze, em memoria dos treze apóstolos, — contando como tal S. Paulo —, quatro diaconos, representando os quatro doutores da Igreja, e oito conversos.

Todos estes religiosos estavam sob a jurisdicção da abbadessa, e como signal da sua inferioridade, era-lhes apenas permittido frequentar o coro de baixo, enquanto que as mulheres frequentavam o de cima.

Na vida dos S. S. Foillão e Ultão * lê-se « Elle (S^{te} Gertrudes), attira aussi des pais éloignés d'outre-mer des hommes d'un merite distingué; car il est bon de remarquer que son monastère était double, comme celà était fort commun dans ces siècles ». Santa Gertrudes é chamada em Nivelles: *Gubernatrix famulorum famularumque Christi quae sub ditio suo degerunt*.

Assim tambem acontecia em Morehienne, em Manhenge, em Denain, em Hasnon, provavelmente em S. Pedro de Gand; porque a doação de Engelwara, em 702, traz: *Id totum ad integrum congregationi servorum et ancillarum Domini tradidit, ubi ipsa (Engelwara) abbatissa esse dinoscitur* **.

* *Les vies des Sancts*, Paris, Marc Bordelet, 1779, pag. 231.

** Cf. L. Venderkindere, *Introduction à l'Histoire des Institutions de la Belgique au moyen age*, pag. 178 e 179.

Em Hespanha a Igreja impunha a maior cautella nas relações entre monjes e monjas. No segundo concilio *hispalense*, reunido em Sevilha, em 619, ao qual concorreram oito bispos, que approvaram treze canons, ficou determinado: que « os monjes terão a administração temporal dos mosteiros de mulheres, mas sob a conveniente cautella de evitarem toda e qualquer familiaridade, não chegando mesmo ao vestibulo, á excepção do abbade, ou do irmão por elle proposto, não podendo tratar com a superiora d'assumptos que não sejam de moral e devoção, mas isto raramente, em poucas palavras, e na presença de duas ou tres freiras. O monje a quem estiver confiada a intendencia dos bens das servas de Jesu-Christo, será d'uma virtude experimentada, e terá a approvação do bispo. Em recompensa dos serviços que elles prestam ás religiosas, estas lhes darão de vestir ».

O mosteiro d'Armentera, na Galliza, fundado por Ero e sua mulher, foi duplo; mas quando passou para a ordem de Cister já vinha simples, assim o affirma Manrique, nos *Annaes Cisterciense*, referindo-se aos annos de 1162-1167.

Yepes declara como duplos os mosteiros de Santo André de Espinaredo, e outros de Astorga. O epitaphio do tumulo de Santo Hermenegildo e suas irmãs termina: *Era 981 -- Fratres et sorores orate pro nobis.*

Morales, referindo-se aos mosteiros de Cordova escreve: «... que todos los Monasteros de entonces tenian monges y monjas, juntamente digo, porque no avia un monastero sin otro, que com estar junto estavan divididos (como alguna vez dije San Eulogio) com muy altas paredes, entonces se usara assi, despues se recio mejor hazer-se la division mas entera, que ay aora...».

Na Gallia as mesmas cautellas que acima indicámos para os mosteiros de Hespanha. O concilio *agathense*, celebrado em Adge em 506, ao qual concorreram vinte e cinco bispos, oito presbyteros e dois diaconos representando os seus bispos, que decretaram setenta canons, lá estipulou no 28.º que «se afastarão os mosteiros de mulheres dos dos homens, para prevenir as tentações do Demonio e as accusações da malignidade». Esta redacção, porém, faz crer que effectivamente existiam mosteiros *proximos*. Sem comtudo d'ella se poder inferir que os houvesse *dobrados*.

Nos primitivos hospitaes (*maison-Dieu*) da idade media, organizados monasticamente, e em muitos d'elles com os tres votos de: obediencia, pobreza e castidade, havia homens e mulheres formando congregações mixtas. Os que peccavam contra o terceiro voto eram mais severamente punidos do que por outra qualquer falta, com castigos corporaes, separação da communidade, e

às vezes completa exclusão da casa. Em algumas congregações, como na de Troyes, « se os dois culpados eram do mesmo hospital, o irmão era expulso sem remissão, e a irmã privada do veu e sujeitada para o resto da vida a uma penitência composta de jejuns e disciplinas, á discreção do prior e do capitulo * ». A regularidade da vida em commun foi, porém, afrouxando a pouco e pouco nas casas hospitalares; e tanto que, no fim do seculo xv, o relaxamento dos costumes trouxe abusos que obrigaram a desaparição das freiras.

Os mosteiros que na idade media tiveram por fundador o mystico Roberto d'Arbrissel, e principalmente o de Fontevrault, foram duplices, no seu começo. Aos homens competiam os trabalhos do campo, e o provimento da vida material da communitade, enquanto as mulheres rezavam, cantavam e louvavam a Deus; sendo ellas quem governavam e administravam. Roberto foi accusado de incontinente. No auge d'um mysticismo extravagante ia dormir com as religiosas, « não para goso material, como elle provou na defesa que adduziu, mas afim de se habituar á resistencia das tentações ».

A ordem dos premonstatensis, fundada por S. Norberto, em 1119, no pontificado de Calixto II,

* *Revue des Questions Historiques*, 125^e livraison, 1^{er} janvier 1898, pag. 107.

tambem se iniciou com mosteiros dobrados: mas já dezoito annos depois, em 1137, o beato Hugo de Fossi, successor de S. Norberto, prohibia toda e qualquer communicacão entre homens e mulheres.

Entre nós, os antigos chronistas monasticos haviam como certa a existencia de taes mosteiros, ou pelo menos tão proximos que tinham as egrejas communs, e talvez tambem as cêrcas, e outras dependencias da economia geral.

D. Nicolau de Santa Maria, chronista dos conegos regrantes, diz no cap. iv do livro xii da sua chronica: « Escrevem diversos authores e historiadores, que os mais dos mosteiros que se fundaram antigamente eram dobrados, por serem logo fundados para terem religiosos e religiosas, mas divididos entre si com suas paredes e claustros, ém fórma que não podesse perigar a honestidade. D'estes foi um, o real mosteiro de S. Cruz de Coimbra, que logo desde sua fundação foi dobrado, tendo conegos e conegas ». Como prova d'esta affirmacão diz: « porque com a nova reformatão da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho introduzida no dito mosteiro pelos annos de 1132, começou outra de mulheres a quem chamaram conegas regrantes, para as quaes ordenou o Padre Santo Theotónio certas casas a modo de dormitorios com sua claustro, e egreja pequena... ». Parece que esta prova favoravel tem o mesmo valor que a

prova contraria que resulta do elogio feito por S. Gregorio I.

Infelizmente D. Nicolau de Santa Maria não cita os authores a que se refere, e a sua probidade de historiador, segundo o proprio testemunho dos que o succederam no cargo de chronista da ordem, está longe de ser irreprehensivel. Por conveniencias de theorias, por interesses da communidade, e ás vezes até por pouco cuidado na interpretação e leitura de certos documentos, pela facilidade de confiar em outros, cuja authenticidade era muito discutivel, elle tem sido apanhado em flagrantes erros venciveis, e até em falsidades propositaes e premeditadas. E' d'elle tambem a affirmação de que o mosteiro de Chellas fôra dobrado.

Manuel Bernardes Branco, esereve, não sei com que fundamento, a respeito de Arouca: « Alguns documentos antigos dizem que os descendentes d'estes fidalgos (Anderico e Vandilo) venderam o direito de padroeiros a D. Ansar e D. Eleva, em 961, da era de Christo, e que esta D. Eleva, senhora de muita piedade, se recolhera ao mosteiro, e com outras senhoras ali se votou á vida religiosa, formando assim o convento mixto, como muitos outros que houve nos primeiros seculos das ordens religiosas ».

A *Benedictina Lusitana* dá como duplo o mosteiro de Soalhense no bispado do Porto.

Tres são os mosteiros, e todos beneditinos, de que se encontram documentos que podem levar á convicção, ou presumpção de duplicidade, e são: aquelle de que particularmente nos occupamos, o de Vairão, e o de Pedroso.

Numa escriptura do mosteiro de Vairão datada aos 8 das kal. de outubro da era 1059, trata-se da doação de certos bens situados *in villa lenete . . . acisterio valeri subtus castro de bore territorio portugalensis discuriente rivulo are . . . et ad fratres et sorores qui ibi habitantes fuerint*, etc.

Noutra doação, da era de 1148, ainda ha referencia a *fratres et sorores et ad clericis qui bonos fuerint et vita sancti perseverarint*, etc., etc., e em outras, das eras de 1173, 1187, 1252; comquanto em documentos das eras de 1180, 1181, 1179, 1191 só se fale na abbadessa.

Logo direi como João Pedro Ribeiro interpreta taes documentos, atravez das suas lunetas de paleographo eximio, mas de historiador sem grande alcance.

Antes d'isso, porém, devo indicar qual o documento que diz respeito a Lorvão; e depois relatar a conhecida historia das duas monjas de Pedroso, em que se estribam os que affirmam a existencia em Portugal dos mosteiros dobrados.

No tempo de Mestulio, terceiro abbade de Lorvão, segundo o catalogo organizado pòr fr. Manuel da Rocha, no *Portugal renascido*, e no anno de 935, Gundemano. e Suzana sua mulher, deram umas terras áquelle abbade, e ao seu mosteiro, prometendo a Deus, e ao mesmo abbade, que em morrendo algum d'elles, o outro que ficasse vivo, entraria a viver religiosamente na mesma casa, debaixo da santa regra e obediencia do abbade: *Insuper etiam promittimus Deo, et vobis, ut qui es nobis superstes fuerit ni præsenti vita Monasterium intreat, et secundum in Sancta Cautione Regulae, et arbitrio vestro fuerit, vivat.*

Onde neste documento muitos vêem a existencia de dois mosteiros, sob a direcção d'um só abbade, observam outros que tal sacrificio de vida não passava d'uma consagração de *oblatos*, isto é, famulos dedicados aos serviços infimos da comunidade, ou então aos do culto.

O caso de Pedroso contal-o-hei, com as proprias palavras de fr. Leão de S. Thomaz, na *Benedictina Lusitana*, t. II — 105:

« Colhe-se em segundo logar que este mosteiro de Pedroso foi duplex, como mostram aquellas palavras, *ad Fratres et Sorores, quæ ibi sunt habitantes*, etc., etc. E confirma-se com uma escriptura da era de 1340 que é anno de Christo 1302, na qual se diz que duas freiras do mosteiro

de Semide, sito no bispado de Coimbra, se sahiram do dito mosteiro com auctoridade do Papa (que devia ser Bonifacio VIII) e vieram viver debaixo da obediencia do D. abbade de Pedroso, que lhe constituiu rações, e ellas deram ao mosteiro certos casaes na terra da Feira, que hoje pertencem ao mosteiro de Villa Cova... d'onde alguns conjecturam que as freiras de Pedroso se passaram ao mosteiro de Villa Cova ».

Ora João Pedro Ribeiro, que, como já disse, procura todos os meios, não de negar, pelo menos de pôr em duvida, a existencia dos mosteiros duplices, conta, a historia da seguinte maneira, e, segundo elle affirma, extraída do documento original: « Duas religiosas do mosteiro de Semide, sahiram d'aquelle mosteiro com animo ou pretexto de se recolherem em outro da Ordem mais estreita de Cister; mas ou por que nelles as não quizessem receber, ou porque tinham tomado esse pretexto para a sua divagação, se conservaram apostatas; e como taes; quiz proceder contra ellas o bispo de Coimbra. Alcançaram um breve da Penitenciaria para serem absolvidas, e recolhidas em mosteiro do seu *instituto e observancia*. Este breve, em data de 4 dos idos de maio do anno de 1310, veiu commettido ao deão do Porto D. Gonçalo, depois arcebispo de Braga; o qual lhes assignou o mosteiro dos religiosos benedictinos de Pedroso (não

obstante ser-lhe vizinho o de Villa Cova de religiosas da mesma ordem, e haverem mais tres no mesmo bispado, o de Vairão, de Rio-Tinto, e Tuyas) e com effeito foram recebidas pelo abbade e monjes d'aquelle mosteiro, e se lhes assignou ração, vestimenta, etc., etc. Todo este facto não mostra, continua o mestre paleographo, que ellas fossem habitar para aquelle mosteiro (a cujo respeito nada se especifica), mas que ficaram debaixo da obediencia d'aquelle abbade: e o que indica bem é que aquelle delegado executou o breve, contra o seu espirito; que não podia ser outro senão que ellas se recolhessem effectivamente em algum mosteiro não de religiosos, mas sim da sua ordem e sexo: os motivos comtudo por que se fraudou o espirito d'aquelle rescripto com a escolha, que fizeram do mosteiro de Pedroso, e a approvação do juiz executor ao mesmo respeito, não deixam de se entrever do mesmo rescripto ».

Para este critico semelhantes clausulas ás que lemos nos documentos de Vairão e Lorvão não significam necessariamente que taes mosteiros fossem dobrados: « nascendo esta clausula da ampla faculdade dos padroeiros de fazer mudar de habitantes de mosteiros, quando bem lhes parecia; querendo portanto os doadores prover a este caso, para se conservarem no mosteiro os bens doados, ainda que para elle passassem pessoas de diverso sexo, como temos muitos exemplos de assim ter succedido ».

Nos restos dos edificios existentes em Portugal, pelo menos nos de que tenho noticia, nem vestigios se encontram d'uma disposição duplice. O proprio D. Nicolau de Santa Maria, descrevendo o antigo mosteiro de Santa Cruz, onde elle diz terem vivido conegos e conegas, nada escreve que faça suppor a necessaria divisão.

E' vulgar, sim, a existencia de mosteiros e conventos de differentes sexos nas proximidades uns dos outros, o que deu origem á lenda, até hoje não provada, de communicações subterraneas: mas creio que seria abusar de mais da credulidade do leitor, querer vêr nesta tradição infundada, um écho das communidades dobradas.

Postos os termos da questão, o leitor que decida o que achar de mais plausivel.



CAPITULO III

MOUROS E CHRISTÃOS. O ABBADE JOÃO DE MONTEMÓR.

LENDAS E HISTORIA

É creença dos chronistas beneditinos que ainda S. Bento, o *Patriarcha dos monjes*, vivia, já os seus filhos da negra cogula punham em pratica nas selvas de Lorvão o instituto do monte Cassino.

A' sombra do loureiro, d'onde veiu o nome ao mosteiro, se é que já o não tinha dado ao valle ou a um dos montes que o fórma, elles meditavam na finalidade da vida, mantendo-se mais com o que iam buscar á terra, por suas mãos desbravada e cultivada, do que com o que, monteando, caçavam.

Logo veremos o fundamento que tem a existencia do instituto de S. Bento, entre os primeiros monjes que penetraram em Hespanha: o que desde já podemos affirmar é a grande antiguidade de religiosos naquelle valle, e por ella verificar a enorme força

do monachismo, o seu poder de irradiação, e portanto comprehender que elle não foi um producto artificial, uma expansão singularissima de um ou outro espirito contemplativo; mas uma necessidade não só da propria Igreja, para se proteger, como da sociedade para se salvar da barbaria.

Não pretendo refazer as paginas apaixonadas, quentes e vibrantes de Montalembert, nem conformar-me com todas as suas idéas; mas posso, com um escriptor imparcial *, dizer que não devemos censurar o christianismo por ter impellido os seus adeptos para a vida do claustro, separando-os do mundo. « A grande força do christianismo foi de, nas grandes epochas de decadencia ou de barbaria, ter opposto um ideal, quasi impossivel, de renuncia e d'ascetismo, ao trasbordamento das paixões depravadas e ferozes », embora as primeiras tentativas de isolamento do mundo fossem individuaes, simples aspirações de almas inquietas, pelo isolamento e concentração, « no meio das miserias d'uma irremediavel decadencia ».

Foi esta força que impelliu os monjes laurbanenses a estabelecerem-se no sertão, que começaram de arrotear, porque por aquella epocha o monje tinha por obrigação, conforme estatuiu S. Columbano: « vir tão fatigado para a cama, que já viesse

* J. Zeller.

dormindo em pé. E que se levantasse antes que tivesse satisfeito á necessidade do somno ».

Mas se é innegavel que em Lorrão houve monjes em epochas muito remotas, é de difficil prova que elles fossem benedictinos*.

Uma das origens d'esta crença, centenas de vezes repetida e reproduzida, sob fórmias e auctoridades differentes, é um apontamento encontrado escripto em latim barbaro num antigo livro d'aquelle

* As principaes auctoridades em que os chronistas benedictinos se fundam para legitimarem as suas pretensões de antiguidade, precedencia e até primazia de instituição, são os livros de Dextro, Maximo, Luitprando, Juliano, Nauberto e Liberato. Infelizmente estes livros são falsos, e para os eruditos como Papebrochio, cardeal Aguirre, Bolland e outros, taes escriptos não passam de novellas. Papebrochio chega a escrever na vida de Santa Quiteria (22 de maio): « Que ninguem deve fazer caso d'estas e de semelhantes historias, e com muito maior razão, porque alguns bispos das Hespanhas mais pios, e menos cautos, quando sahiram aquellas falsas chronicas com tantos nomes de santos incognitos, começaram a dar-lhes culto, como se fossem verdadeiros, sendo materia indubitavel, que não só taes santos não pertencem á Hespanha (que menos mal fôra) mas nem se póde provar, que nascessem no mundo ».

A nossa *Academia Real da Historia Portuguesa*, num catalogo que publicou em 22 de setembro de 1721, de auctores apocriphos « para que nenhum academico se valha de sua auctoridade, como, de escriptores, que tem o credito, que mereceriam estes livros, se fossem dos auctores, a que se attribuem » cita, entre outros, todos os que acima indiquei.

mosteiro, e que traduzido vinha a dizer: « Esta nossa casa de Lorvão foi edificada vivendo ainda o nosso patriarcha S. Bento, e dedicada aos martyres S. Mamede e S. Pelagio: porque aquelles que a vieram edificar traziam consigo reliquias d'estes santos, e por isso os tomaram por seus patronos. Foi dedicada a egreja aos ditos santos em 29 de maio (*quarto kalendas junii*) ».

Applicando a chronologia benedictina, vê-se que tendo morrido S. Bento em 543, e havendo, segundo a tradição, entrado os primeiros monjes em Hespanha em 537, ou pouco depois, segue-se que a fundação de Lorvão foi entre aquellas duas datas.

Mas seriam monjes benedictinos esses que primeiramente atravessaram a Lusitania? O fundamento dos apologistas é a entrada em Hespanha de S. Martinho de Dume, que com Mabillon affirmam ter elle professado a regra de S. Bento, emquanto que o auctor dos *Siglos Geronymianos*, pretende que elle fosse eremita de S. Jeronymo, e fr. Antonio da Purificação que foi augustiniano.

Poupo ao leitor as longas discussões que taes assumptos tem provocado entre os auctores de chronicas, e muito especialmente aos controversistas do seculo xviii, quando, por occasião da procissão do Corpo de Deus em 1719, convidadas todas as comunidades de Lisboa a assistirem a

ella, foi dada a precedencia, sobre os beneditinos, aos monjes de Belem, do que aquelles aggravaram, seguindo-se renhida discussão em grossos volumes.

A unica indicação com auctoridade historica, relativa a S. Martinho, é que elle veio directamente do oriente, onde não havia beneditinos, á Gallia, e aqui começou de evangelisar os suevos. Estabelecido isto, os mais ousados affiançam que elle professava o instituto augustiano, que era o seguido nas partes d'onde viera.

Outra origem da crença beneditina é a existencia d'um monje chamado Lucencio, que tendo sido fundador e abbade de Lorvão, passou a bispo de Coimbra, como consta do livro dos obitos do mosteiro, e que D. Rodrigo da Cunha, no seu *Catalogo dos Bispos do Porto*, dá como tendo assistido a um concilio bracarense, em 563, firmando, já então, como bispo.

Este facto, quando muito, prova apenas a existencia dos monjes no seculo vi, em Lorvão.

Quando fr. Leão de S. Thomaz trabalhava na sua *Benedictina Lusitana* escreveu a uma religiosa de Lorvão, para que lhe communicasse o que soubesse do passado do mosteiro, e ella, entre outras cousas, por demais sabidas, contou-lhe que: «No anno de 1621, sendo abbadessa a sr.^a D. Margarida, minha tia, fazendo-se um arco de pedraria que está no sepulchro da rainha D. Thereza, se

achou na grossura da parede uma sepultura d'um abbade com seu baculo de bronze, o qual lhe trouxeram a mostrar estando eu com ella na grade da egreja, e depois de o vermos, e venerarmos como reliquia, o mandou outra vez metter no lugar em que o achou. Na quadra da claustro, que chamamos da colacção, onde está o nosso capitulo, em uma fresta que fica á mão direita, junto ao altar dos apóstolos, se achou, haverá seis ou sete annos, andando Antonio de Pina ahi trabalhando, um corpo inteiro com habito negro...». Ora o que não conta fr. Leão, ou a monja não lhe quiz dizer, mas nos relata Miguel Joaquim de Freitas nas *Notas da analysis benedictina* é que «foi a Lorvão o mestre fr. Filippe de Abreu, cathedratico de prima de escriptura na Universidade de Coimbra, a informar-se da verdade do caso, e o que lhe depozeram as religiosas graves, e antigas do mosteiro, foi que o habito preto d'aquelle veneravel corpo era da ordem dos eremitas de S. Agostinho, e que por cima estava cingido com uma corrêa...». E acrescenta: «Na guarnição do retabulo das santas rainhas, que estão em um altar de Lorvão, e é de pedra de feitio antiquissimo, na parte da epistola está uma imagem de um religioso agostinho de meio relevo. Assim se via no anno de 1656». «Com rasão digo logo que o mosteiro de Lorvão foi augustiniano e no seculo undecimo

passou a ser beneditino, recebendo a regra de S. Bento ».

Tambem por seu lado Viterbo, um dos nossos maiores manejadores de documentos, affirma que não ha vestigio algum de que, até 1051, os monjes de Lorvão seguissem a regra de S. Bento. O que parece mais proximo da verdade é que os monjes não seguissem á risca nenhuma das regras monasticas então em vigor, e que fosse Fernando, rei de Leão, quem em 1064, concedendo-lhes varios privilegios e confirmando-lhes as suas rendas, lhes impozesse a observancia da de S. Bento, indo nisso d'accordo com as disposições do concilio coycancense, reunido na diocese de Oviedo em 1050.

Foi no tempo de S. Mayolo I, quarto abbade de Cluni, que sahiu do seu mosteiro a observancia monastica de S. Bento para as partes mais occidentaes da Europa; segundo o affirma Rivó na sua *Chronologia Cluniacense*. E os primeiros d'elles de que ha noticia certa nestes reinos são os chamados *Monges da Caridade*, os quaes, por apenas reconhecerem a auctoridade d'um superior estrangeiro, não convieram aos reis que fundavam um reino, e tiveram que banil-os.

De mais, por certo, me tenho alongado nesta discussão do Instituto; tempo é pois de continuar

na abreviada noticia, que intentei d'este mosteiro.

Não o molestaram os mouros conquistadores de Coimbra, e se aggravos houve vieram elles dos monjes.

Ufanava-se o mosteiro com uma concessão de isenção de tributo que lhe fizera Alboacem, na era de 772: o documento em que ella estava exarada ou pelo menos a sua redacção, porque o documento já não veio até nós, é taxado de apocripho por João Pedro Ribeiro. Não o negamos, comquanto tenhamos por verdadeira toda a doutrina nelle contida: em que não ha nada de extraordinario.

Passados os primeiros ardores e violencia da conquista, os arabes, espiritos delicados, não pretendem fazer proselitos, e facilmente consentem que os povos conquistados continuem na sua vida normal, comtanto que lhes paguem a capitação. Os *infieis* conservavam usos, leis, jurisdicção propria e até o livre exercicio do seu culto. Se, com a conquista, a terra se convertia em propriedade do conquistador, o seu usufructo era deixado ao antigo dono, com a condição de que, além do imposto de capitação, pagaria o kharadj, verdadeira renda pela terra que lhe era conservada. Da massa da conquista eram tiradas propriedades para os arabes, que as faziam cultivar por sua conta, ou

as davam de renda aos antigos possuidores. Depois vinham os casamentos, as mutuas conversões, os filhos, os interesses criados, e assim no meio da população hespanhola christã acabou por viver uma outra população hespanhola musulmana, embora já com muitos dos caracteres ethnographicos dos antigos conquistados.

Nestas condições os monjes de Lorvão continuaram no seu mosteiro e o acaso d'uma caçada que levou Alboacem ao valle, a maneira como ali foi tratado e obsequiado, a cura d'um seu filho, milagrosamente operada por um dos abbades, são motivos sufficientes para os favores da concessão. Espiritos muito mais superiores do que os da sociedade barbara que acabavam de conquistar, não é para admirar que o amir encontrasse nos monjes, algo mais lidos do que o resto da povoação, momentos de entretenimento consolador.

O documento, embora renegado pelo mestre paleographo, merece ser transcripto. Eil-o: « Alboacem, filho de Mahomet Albamar, que foi filho de Tarif (aquelle forte guerreiro vencedor das Hespanhas) senhor de Coimbra, ordeno que os mosteiros que estão em meu senhorio possuam seus bens em paz, e paguem os sobreditos cincoenta pesos ou moedas de prata. O mosteiro das montanhas de Lorvão não pague peso algum, porque com boa vontade me mostram o logar em que pastam seus

veados, e fazem bom gasalhado aos mouros, e nunca achei nelles mentira nem má vontade: possuam em paz e boa quietação todas as suas herdades sem discordia, sem vexação, nem força da parte dos mouros, e vão e venham a Coimbra com toda a liberdade de dia ou de noute, quando quizerem, comprem e vendam sem pagar direitos, com tal condição que não saiam fóra das minhas terras sem meu consentimento, e boa vontade. Foi feita esta carta de lei na era dos christãos 772; e segundo a era arabe na de 147 ».

Embora o citado paleographo affirme que esta carta « nunca existiu », não repugna acreditar o contrario, tanto mais que a ser um documento apocripho e fabricado com o intuito de provocar novas concessões dos reis christãos, pelo estímulo que nestes aquellas podiam suscitar, não vejo porque motivos não se indicaram privilegios de maior monta, e só aquelles que estavam d'accordo com a magnanimidade arabe do tempo. Além de que os documentos devem ser lidos, embora pelas lunctas dos paleographos, com olhos de historiador. Fustel de Coulanges, o eloquente professor da *École des Cartes* escreve, a meu ver, com extrema razão: « Imaginemos que o historiador póde servir-se de cartas interpoladas e falsas; e até mesmo póde tirar certo partido das que são falsas. Effectivamente o que nos importa numa carta, não é o fim

para que foi fabricada, mas sim o uso ou a disposição de direito que ella revela. Uma doação falsa, um falso testamento, uma falsa partilha de successão, uma falsa alforria, uma falsa *précaire* esclarecem-nos quasi tanto como se esses documentos fossem verdadeiros, porque nos mostram as regras de direito, que eram seguidas em taes materias e ás quaes o falsario tem todo o cuidado de se conformar. As desintelligencias dos homens sobre questões litigiosas, tanto nos são conhecidas pelos documentos falsos, como pelos authenticos » *.

Como, porém, os monjes pagaram tal magnanimidade já o veremos. O certo é que a melhor vizinhança existiu, por muito tempo, entre a comunidade de Lorvão e os mouros de Coimbra; salvo quando estes se julgavam aggravados, como succedeu com o abbade Eugenio, algum tanto antes do caso do abbade João de Montemór, que adiante resumirei.

Commetteu certo christão um crime contra um musulmano, que se dava por satisfeito com uma reparação pecuniaria. Não tinha o criminoso dinheiro, e, nos transe da afflicção recorreu ao abbade Eugenio, que ficou por seu fiador, emquanto elle tratasse de grangear a quantia necessaria. O

* *Histoire des institutions politiques de l'ancienne France. La monarchie franque.* Paris, 1888, pg. 23.

christão, porém, aproveitou-se da liberdade para fugir, deixando o seu benfeitor prezo. Então o mouro aggravado agarrou o abbade, pendurou-o, por uma corda, numa trave, e de varios modos o esteve atormentando por espaço de toda uma noute. Souberam-o os christãos de manhã, e acudiram a *Muça Alcorexi*, senhor de Coimbra, a quem pagaram a pena do culpado no dobro; e receberam em troca o abbade. Vinha o pobre homem quasi morto, e em braços foi levado á egreja de S. Pedro, onde morreu, cinco dias depois, a vinte e tres de junho. O seu cadaver foi levado para Lorvão, e ali sepultado.

A reconquista de Coimbra, se dermos credito aos chronistas beneditinos, foi obra exclusiva dos monjes laurbanensis, e não do plano assente de D. Fernando.

Eis a tradição monastica, que revela um triste documento da falsa fé dos monjes.

Depois de se terem informado da pouca segurança da cidade, e da descuidada confiança com que os mouros ali viviam, pretextando uma romaria a Oviedo, alguns d'elles alcançaram licença para sahirem. Com mil cautellas e muito resguardo, conseguiram chegar até D. Fernando; e depois de o informarem da fraca defesa da cidade, e da

oportunidade da sua reconquista: depois de o instigarem ao ataque, e de lhe terem feito as maiores promessas de auxilio, voltaram ao mosteiro e esperaram os acontecimentos.

Sucedeu isto em outubro, e em janeiro seguinte « appareceram as cruces das bandeiras catholicas á vista da dita cidade de Coimbra, com um exercito copioso em que o proprio rei D. Fernando vinha em pessoa, acompanhado dos grandes do seu reino e d'alguns bispos d'elle... ».

« O abbade de Lorrvão com seus monjes lhes sahiram ao encontro e lhes assistiram sempre fazendo o officio de capellães, celebrando cada dia, e cantando as horas do officio divino no meio do arrayal, como se estiveram dentro de seu mosteiro ».

A Historia não acceita francamente a intervenção dos monjes na guerra; mas a tradição e a poesia conservaram-lhe a memoria. A poesia exaggerando os factos, conta no romanceiro do Cid, que:

.....
siete años duró el cerco.

.....
Porque el lugar es muy fuerte
de muros bien torreado,
no ay vianda en ei Real,
que todo lo haviam gastado.
Já quieren alçar ei cerco,
al Rey monges han llegado

de aquel grande Monasterio
que nombrado era Lorvano.
Que con trabajo crecido
avian mucho trigo alçado
mucho millo y aun legumbres
y al Rey todo se lo han dado.
Rogandole no alee el cerco,
que darian vianda e abasto,
el Rey se lo agradeci6,
tom6 lo que le fue dado.

Fernando Magno pagou o serviço recebido confirmando ao mosteiro varios bens, numa escriptura longa e diffusa, que é geralmente tida como apocripha.

Tomando o conde D. Henrique posse do seu condado, em tal estado achou os monjes de Lorvão, tão mau emprego viu que elles faziam das rendas, que lhas tirou, applicando-as á sé de Coimbra, ainda então pobre dos bens da terra. Queixaram-se os monges; mas sómente sete annos depois foram em parte attendidos pelo respectivo bispo que os reformou, obrigando-os a viver mais honesta e santamente, sujeitando-os á sua jurisdicção, e restituindo-lhes parte dos bens.

De nada lhes serviu aquelle castigo. As doações succediam-se: hoje era um mosteiro que se lhe

annexava com as suas rendas, ámanhã vinha uma terra de bom rendimento, um moinho, direitos senhoriaes, dizimos, tudo quanto póde crear a abundancia, o poder e o orgulho, pelo largo e afastado caminho, que quanto mais andavam nelle, mais se afastavam do Ceu.

Senhores e possuidores de bens, rendas, terras e dominios, opulentos e orgulhosos, os monjes esqueceram-se completamente da sua instituição de trabalho e santificação, e passaram a viver como *ricos-homens*, envolvidos nos negocios e torpezas do mundo, tal como se de Deus nada pretendessem.

Foi quando a dissolução tinha chegado ao maior auge, e os bens e rendimentos do mosteiro andavam servindo ao luxo e capricho dos monges, que D. Thereza, como já vimos, escolheu aquelle valle para nelle sepultar as tristezas da sua viuvez, e obrigou os beneditinos a sairem e a dispersarem-se.

E elles sacudindo pela ultima vez á porta do mosteiro o pó das suas sandalias, fizeram ouvir a maldição que seculos depois Alexandre Herculano repetiria, supplicando uma esmola para as laurbanenses que morriam de fome!



Resumamos, agora, a lenda do abbade João de Montemór, a que acima me referi, e que anda ligada á tradição d'esta casa.

Naquelles primitivos tempos do mosteiro, D. Ramiro, rei de Leão, sabendo que Abderramen, rei de Cordova, andava envolvido em guerras com extranhos e com os seus, emprehendeu a conquista das terras do Douro até Coimbra.

A guerra não teve a fortuna que o rei desejava. Coimbra resistia, apezar d'elle ter posto os arredores a ferro e fogo. Na volta por Lorvão, visitou ali o abbade João, seu tio, por ser filho illegitimo de D. Froyolo, que se alegrou immenso com a visita, pois que, desde que trocara a vida das armas pela da oração, nunca mais o vira. « Maravilhou-se el-rei * da solidão e extranheza do sitio, aonde os

* Estas e as seguintes transcrições são feitas da *Chronica antiquissima da Prorincia de Portugal da Ordem dos eremitas de Santo Agostinho* por Fr. Antonio da Purificação. Tambem se encontra o assumpto tratado na litteratura popular do seculo xvii, em folhetos como os que, depois, se chamaram de *cordel*.

olhos não teem por onde se possam estender por todas as partes, mais que pelas ingremes ladeiras dos montes, que vão encaminhando a vista ao ceu, por cujo premio se condemnavam os humildes eremitas ao estreito sitio d'aquelle pequeno valle. Considerou as casas que além de pobres eram mui antigas e estavam damnificadas das destruições que os barbaros nellas haviam feito por vezes: e compadecido de seus trabalhos e grande pobreza, lhes fez doação de algumas herdades e rendas de dinheiro, e gado no districto da Feira e Montemór-o-Velho; que, fóra de ser naquelle tempo de poucos moradores, era todavia forte por natureza de sitio e bem murado e guarnecido por arte, obrigando ao abbade a que sustentasse um presidio de soldados, que o podessem defender dos mouros, e com o restante das rendas provesse os frades do necessario, e restaurasse as officinas do mosteiro que estavam arruinadas ».

Feita a doação, o-rei partiu com o exercito, e o abbade, á frente de homens d'armas, envergada de novo a eouraça, foi-se a caminho de Montemór.

Diz a historia que um pupillo do abbade, Garcia Sanches, creança que elle encontrara engeitada e recolhera e creara, instigou a Abderramen para tomar o castello. Ouviu-o o infiel, e tendo Garcia renegado e tomado nome Zulema, lhe foi promettido o governo da conquista. Formado o exercito agareno,

partiu em marcha sanguinolenta e victoriosa até Montemór, a que poz apertado e forte cerco.

« Mas o abbade, como quem em sua mocidade se tinha exercitado na vida militar, rebatia com grande valor e destreza os assaltos dos inimigos, fazendo-os retirar sempre com maior perda da sua parte, do que deixavam feita nos cercados. O que visto por Zulema e sabendo quão leal e animosa gente estava recolhida na fortaleza e o muito sangue que havia de custar o entral-a, tentou render o abbade com palavras brandas, commettendo-lhe grandes partidos e segurando-lhe grandiosas mercês e premios de Abderramen, se se quizesse entregar, e muito maiores se juntamente deixasse a fé e lei de Jesu-Christo e se sujeitasse á de Mafoma, como elle tinha feito.

« Porém o veneravel abbade lhe deu tal resposta, que com as esperanças do que pretendia, perdeu juntamente as de cobrar aquella villa, emquanto dentro d'ella houvesse pessoa viva que a defendesse. Pelo que se dobrou nos barbaros a braveza e furor dos combates, e nos christãos pelo conseguente o animo e cuidado de lhes rebater e segurar o limitado muro que os dividia. E assim chegou a contumacia de uns e a constancia de outros a estado que, depois de grandes contrastes e façanhosos feitos d'armas da parte dos cercados, lhes começavam a faltar mantimentos, sem ser possivel

neste particular de alguma maneira serem soccorridos, pela grande vigilancia que os mouros tinham em toda a parte. E vendo-se no cabo de alguns dias no ultimo estado de miseria, em que lhes era necessario ou renderem-se ao vencedor ou perecerem á fome dos muros a dentro, trataram entre si sobre que meio tomariam para escaparem de tão crueis extremos ».

Nesta conjunctura resolveram fazer uma sortida, afim de acharem morte gloriosa nos alfanges inimigos, tendo antes d'isso degolado mulheres e creanças, para as pouparem ás sevicias e ultrages dos vencedores.

« E sendo o abbade o que primeiro deu o exemplo aos mais em sua irmã, se fez uma madrugada este admiravel sacrificio, em que cada um tirava a vida d'aquelles a que mais amava, derramando do intimo d'alma o sangue que via correr da garganta do filho, da irmã ou da esposa ». Consumado o sacrificio, abriram as portas da fortaleza e deram com tal força d'improviso sobre os mouros, que não esperando o ataque nem contando com a violencia d'elle, fugiram em debandada, sendo perseguidos pelos christãos pela extensão de quatro legoas. « E como o abbade temesse que, refazendo-se nellas (nas brenhas) e ajudando-se da aspereza do logar, fizessem algum damno na gente que vinha desordenada, e quasi sem alento do muito que

tinham pelejado: fez tocar a recolher em um valle, aonde por cessar ali o alcance, e se gritar aos nossos, com esta palavra *cessa, cessa*, se chamou d'ahi por diante: o Valle de Cessa, e hoje com pouca corrupção lhe chamamos Ceyça ».

Terrivel foi a noute que se seguiu a este combate: se a uns a gloria de vencer supplantava magoas de coração, outros cançados da refrega, caíram num marasmo acabrunhador, lembrando-se das victimas por elles feitas na madrugada, e amaldiçoavam a victoria, que poderiam ter alcançado sem o sacrificio barbaro em que immolaram entes indefesos e caros.

Mas soaram as trombetas a alvorada, e o exercito se preparava para correr o campo e recolher os despojos « de que todo estava semeado », quando começaram de apparecer alguns homens de cavallo, que vinham trazer a nova « de serem resuscitadas com estupendo milagre todas as pessoas que deixaram mortas na villa. Pareceu a nova a principio tão extranha e difficil de crer, que os mais a tiveram por fabulosa e inventada, para com um fingido contentamento incitarem os animos abatidos da tristeza a proseguir o alcance dos mouros, e victoria começada. Mas sobrevindo outros, que testificavam terem visto, e falado aos resuscitados, veiu a se tirar a duvida, e se dobrarem as razões de alegria que tinham, correndo alguns diante a

ver o que mais amavam livre das mãos da morte. E os outros ordenados em batalhões se puzeram a ponto de partida, desejando cada hora que chegasse aquella em que esperavam gosar com seus olhos o que depois de visto lhes parecia ainda de puro gosto e espanto, cousa phantastica e sonhada. Porém o abbade João, que penetrava com mais profunda consideração as grandes mercês de Deus, e via com quanta honra sua o livrara do poder dos barbaros, querendo-lhe reconhecer tamanhos beneficios com se entregar todo elle, mandou seu sobrinho D. Bermudo, que tornando-se a Montemór com a gente de guerra, lhe repartisse igualmente os despojos da batalha, e puzesse na villa a guarda e presidio necessario até se ordenar d'ella o que fosse mais conveniente. Porque sua ultima determinação era viver e acabar seus dias naquelle proprio lugar em que Deus lhe mandavá tão alegres novas ». Foram baldadas todas as instancias dos monjes, capitães e soldados para o demover da resolução tomada. Elle resistiu a todas as supplicas e razões. «E assim dando suas armas e cavallo a D. Bermudo, em ultimo signal do amor que lhe tinha, se ficou vestido em habito de religioso tão humilde e pobre aos olhos do mundo, quão bravo e invencivel tinha parecido o dia d'antes nos do exercito inimigo ».

Chegada a tropa celebrou o milagre, verificando que em todos os degolados vivos se notava « um

fio e signal vermelho na garganta onde se lhe dera o golpe ».

Quanto ao abbade João não só consentiu que os monjes laurbanensis tivessem parte nos despojos, mas fez doação do mosteiro ao abbade Theodomiros; e ficou vivendo em Ceyça, numa capella onde collocou uma imagem da *Virgem* com o *Menino* nos braços, tendo nos pescoços um fio vermelho. « Alguns entendem que este risco foi mandado pintar pelo devoto abbade fr. João na garganta da *Senhora* e do *Menino*, em memoria do milagre tão extraordinario que na sua igreja acontecera: outros dizem que foi celestialmente pintado » *.

O auctor do *Jardim de Portugal* diz que no seu tempo (primeiro quartel do seculo xvii) ainda

* Uma lenda semelhante a esta anda ligada ao culto de Nossa Senhora d'Atocha, em Madrid. Quintana refere-a assim: « Gracia Ramirez, valoroso caudilho do seculo viii, tendo tido noticia de que, por occasião da invasão serracena, certa imagem da Virgem tinha ficado escondida num *atochar* (sitio plantado de esparto), foi procural-a e lhe erigiu uma capella. Souberam-o os mouros, accommetteram-o em grande numero, e elle, surprehendido saiu-lhes ao encontro; tendo antes d'isso degolado sua mulher e filhas para as livrar da ferocidade dos inimigos, dos quaes não esperava senão a derrota, a morte, ou o captiveiro. Favoreceu-o a sorte, e depois de vencidos os sectarios de Mafoma, volveu á ermida, onde encontrou sua mulher e suas filhas sãs e salvas, rezando aos pés da sagrada imagem ».

algumas mulheres de Ceyça se viam com os signaes dos golpes na garganta!

Passado um anno, o abbade João morreu, e querendo-o os monjes levar para Lorvão, o não conseguiram, tal o peso que o cadaver adquiriu, que bem mostrava que elle queria ficar sepultado em Ceyça. Então levaram a cabeça, ou talvez a caveira, que pelo correr dos tempos obrou grandes milagres.

Não pude encontrar documento ou narrativa que me instruissem de como a cabeça ou caveira fôra parar ao mosteiro.

A ultima noticia que li foi que nos primeiros annos da monarchia, querendo o abbade do mosteiro de Ceyça, fr. Manuel das Chagas, remover a imagem de Nossa Senhora d'uma velha ermida para a igreja do mosteiro, a imagem desaparecia de noute, e era vista no dia seguinte no seu antigo logar: e tantas vezes se renovou a fuga, que o abbade mandou derrubar a ermida, para que assim não tivesse a Senhora para onde ir.

« Caso maravilhoso, escreve fr. Agostinho de Santa Maria *, continuou o prodigio, e fugindo a Senhora da igreja do convento, foi buscar o cavernoso tronco de um grande carrasco, e d'elle fez ermida e altar; o qual estava junto ao mesmo

* *Sanctuario Mariano*, t. iv, pg. 370.

oratorio ». O abbade, que a este tempo, e por castigo, fôra atacado de sezões, mandou erigir uma nova ermida e para ella levou a imagem, e fez trasladar os ossos do abbade João para o interior do altar; « na grandeza dos quaes se deixava ver a proporção e agigantado do corpo, que tinha vivendo; pois considerado o comprimento da canella de uma perna, multiplicada por ella a medida dos mais membros, em ordem a boa geometria, se achava passar de onze palmos de comprido ».

No museu archeologico do Instituto de Coimbra existe uma lapide que commemora este facto. Mede esta, segundo a indicação do catalogo do mencionado museu, 0^m,77 de alto, por 0^m,57 de largo, e 0^m,21 de espessura.

« Com algumas falhas e mutilações, diz o mesmo catalogo, contém nas faces anteriores e posteriores a seguinte inscripção, cujas lacunas vão substituidas pela copia, não muito correcta, que d'ella tirou o capitão-mór Antonio Correia da Fonseca e Andrade, na sua *Historia Manlianense*, pag. 163.

AD PERPETVAM rei memoriam : se mandov pe
LO NOBRE SENADO desta villa eregir este
PADRÃ PERA ã não só a boca dos homens m
AS TAMBÊ AS MESMAS pedras digão a todo o mv
NDO O ADMIRAVEL SVSESO ã Neste lugar acontece

O PELOS ANNOS DE XPO DE 850 EM CVJO TEMPO ESTAVA O CASTELO DESTA EMCAREGADO AO ABBADE D IOÃO PARENTE DE ELREI RAMIRO Q̃ ENTÃO REINAVA QVANDO OS MOIROS SENHORIAVÃ A MAIOR PARTE DE ESPANHA E SOMENTE SE CONSERVAVÃO ALGVMAS RELIQUIAS DO REINO CATHOLICO NAS MONTANHAS DE ASTVRIAS BISCAYA E POVCA PARTE DE PORTVGAL E GALIZA : ACONTECEO ESTVPEN DA MARAVILHA Q̃ REINANDO EM CORDOVA ARDEBBAME 2.º DO NOME MANDOV CONTRA AS TERAS D OS CRISTÃOS HÛ PODEROZISIMO EXERCITO CONTRA ESTE CASTELO CÔ ANIMO BARBARO DE NÃO LE VĀTARË O CITIO SË A FORTALEZA SE ENTREGAR E A NÃO SER A MIZERICORDIA DE DEOS SERIA FACIL DE CONSEGVIR, VENDO O ABBADE Q̃ ESTAVA CERCARDE DE TÃO PODEROZO EXERCITO DESCONFIANDO DA VICTORIA SE RESOLVEO COM OS SEVS EM DEGOLAREM MVLHERES E FILHOS POR NÃ

LHE FICARË EM PODER DOS MOVROS EXERCITADA A DEGOLAÇÃO NÃO SEM LAGRIMAS SAHIRÃ OS SERCADOS AOS INIMIGOS OBRANDO TANTAS PROEZAS EM Q̃ *o braço de deos LOVVADO assistia que PVZERAM AOS inimigos em vil FVGIDA deixãdo* OS CAMPOS *do Mondego* CVBERTOS DE CORPOS MORTOS Q̃ SE *afirma* pasarẽ DE LXX mil E SEGVINDO AOS IMIGOS *athe ás matas* DE CEIÇA AHI MANDOV CESAR O *abbade João* OS SEVS e SOLENIZAN DO O GOSTO DA VICTORIA DANDO GRAÇAS A DË PELOS BENEFICIOS RECEBIDOS TAMBË COMESARÃ *a chorar a MORTE* DOS Q̃ DEIXARÃO DEGOLADOS EM

CUJO TEMPO CHEGOU A NOTICIA DE Õ OS DEGOLADOS
 AVIÃO RESVCITADOS e VOLTANDO CE TODOS PARA
 ESTE CASTELO SO O ABBADE QVIS NAQUELAS MATAS
 FICAR AONDE COM ADMIRAVel EXÊMPLO COROOV A
 VIDA COM HÏA SANTA *morte*. PASMEN AGORA
 OS HOMENS ADMIREMCE OS VIVENTES DE TÃO RELE
 VANTE PRODIGIO *para* Õ NA DEVOÇÃO CATHOLICA
 ESPECIALmente nos MORADORES DESTA NOBRE V
 ILLA *se nã* DEIXE NYNCA ESQVECER ESTE MIL
 AGROSO PRODIGIO. ANNO DE MDCCX12

AD INGENIOSOS VIROS

. A. V. S. E. P. E. M. Q. S. O. N. C.

« No dizer do mencionado historiador, fôra este
 padrão mandado levantar em 1713 pelo juiz de
 fóra de Montemór-o-Velho, dr. Gaspar Pimenta
 de Avellar, no terreiro proximo á egreja de S. João
 do Castello da mesma villa, onde é tradição que
 a degolação se executara. Demolido o monumento
 passados annos, é de suppôr que a lapide fôsse
 recolhida no armazem da Camara Municipal,
 d'onde, a pedido da secção de archeologia do Insti-
 tuto, veio como deposito para o museu em 24 de
 abril de 1875 ».

CAPITULO IV

AS MONJAS E O SEU VIVER. D. FILIPPA D'EÇA, D. JOÃO III
E A ROTA. AS QUE FORAM SANTAS E AS QUE PEDIRAM
ESMOLA

As exemplares rainhas Thereza e Sancha, se deixaram como herança ao mosteiro a tradição do seu espirito indomavel ás exigencias da corôa, não conseguiram, nem por milagre, que perdurasse em todas que viveram naquelle claustro o estimulo das suas virtudes, nem o da sua honestidade.

Ainda as monjas viviam na illusão de que ouviam os passos de Thereza, encaminhando-se, alta noite, sósinha e silenciosa, para o coro, ainda contavam enternecidas e admiradas umas a outras o milagre da vespera: as surdas que ouviram, as maleitas pertinazes que desappareceram, o leso que readquiriu o movimento, e tantos outros; e já uma sua neta, a iufanta D. Branca, filha de D. Affonso III e de D. Brites, nomeada abbadessa do mosteiro.

affrontava o escandalo com os actos da sua vida licenciosa.

E' fr. Antonio Brandão, monje de S. Bernardo, chronista mór do reino, que, no tomo iv da sua *Monarchia Lusitana*, nos diz: que ella « nunca quiz ser casada, e sendo abbadessa de Lorvão e Olgas de Burgos, teve amores com um cavalleiro chamado Pero Esteves Carpinteiro, que d'elle houve um filho chamado João Nunes do Prado, que foi craveiro * na ordem de Calatrava, e depois seu mestre, e morreu degolado por mandado de D. Pedro, Rei de Castella ».

Segundo a *Corona Gothica* pôde suppôr-se que não foi o rei que o mandou matar, mas que o fizeram os partidarios da amante D. Maria Padilha.

As relações manuscriptas dos feitos das abbadessas apenas dizem que ella saiu de Lorvão para Burgos, na era de 1283, a reformar o convento das religiosas d'aquella cidade, onde foi abbadessa. Que taes não seriam as de Burgos, que de tal reformadora necessitavam!

Estas historias de reis e fidalgos d'aquellas eras envergonhariam hoje qualquer plebeu por mais grosseiro que fôsse de sentimentos.

* Comquanto esta palavra assim tambem se escrevesse, a sua fórma mais seguida era de *clarario* e *claveiro*, a que corresponderia o *chaveiro* de hoje. Era titulo do individuo que guardava as chaves das officinas da commuidade.

Com estes reis e esta nobreza o que seriam os mosteiros, cujo pessoal dirigente era fornecido pela cõrte? O relaxamento da disciplina monastica subiu de ponto, que não é ousadia affirmar que a deshonestidade, a ignorancia, a altivez e soberba eram qualidades fundamentaes de muitos mosteiros, e com especialidade das cistercienses de Lorrvão.

Os cargos da casa, e principalmente o abbadessado, converteram-se em apanagio das familias que formavam partido e organizavam sequazes, e protegidas pelas influencias dos parentes, a muitos dos quaes soccorriam com as rendas das communiidades, punham e dispunham dos bens, viviam dentro ou fóra da clausura, em cohabitação de manebia com fidalgos, clerigos, monjes, e até gente da baixa plebe; e quando as justiças reaes ou ecclesiasticas pretendiam pôr cobro aos abusos, affrontavam-as, desattendiam-as, e, ou appellavam do bispo para o rei, ou d'elles para o papa, e quando este era o primeiro a intervir pelos seus legados, acolhiam-se á protecção do padroado regio, e sempre encontravam um poder civil ou ecclesiastico que, por querer ser mais forte do que o outro, lhes garantia a impunidade.

O caso de D. Filippa d'Eça é typico. Mostra elle o facto particular do grau de abatimento a que tinha chegado o opulento mosteiro, e de que força

dispunha ainda a nobreza para, se não conspirava abertamente contra o rei, conseguir proteger aqui e em Roma a causa das monjas, apesar de já ter passado o reinado de D. João II.

Foi um dos sucessores d'este, o *piadoso* D. João III, que, ao mesmo tempo que negociava em Roma, quasi exclusivamente para conseguir a instituição do tribunal da Inquisição em Portugal, tratava de restabelecer no reino a disciplina monastica, procurando dar um exemplo que, pela celebridade do mosteiro, e prosapia das pessoas envolvidas, fizesse bem notorio quaes eram as suas intenções.

A familia d'Eça, tinha reduzido o mosteiro de Lorvão a casa de procreação de bastardos das monjas d'aquella familia. — bastardas ellas proprias e outras legitimas — e a sustento e recolhimento da magna prole legitima e illegitima d'aquella já então numerosa e antiquissima familia, onde de paes a filhos, de mães a filhas, passava em legado a mais completa auzencia de senso moral. Familia completamente bestial e vivendo quasi unicamente pela instigação dos instinctos.

Vejamos como, com a lendaria abbadessa D. Filippa d'Eça, mais uma vez se justifica o dictado: « Quem sae aos seus não degenera », expressão popular e antiquissima da moderna theoria da hereditariedade e das propriedades adquiridas.

A transcrição que passo a fazer do livro das genealogias, que pertenceu á bibliotheca do Marquez de Pombal, e hoje existe, com o n.º 262, na bibliotheca nacional de Lisboa, torna-se necessaria, não só para explicar o temperamento e character de D. Filippa, como para nos dar a conhecer com que poderosos elementos de combate ella contou para se declarar em lucta aberta contra D. João III e quasi que obrigar-o a capitular.

O titulo com que abre a genealogia, a folhas 81, é nada menos do que: *Casa Real dos Eças!* E segue: « Capitulo I. A majestade d'esta real familia tem seu fundamento nos reis de Portugal como nascida d'elles por via de varão, que foi D. João, filho d'el-rei D. Pedro o *Cru*, o qual casou com D. Maria Tello de Menezes, filha de Martin Affonso Tello e d'ella, conforme a melhor opinião, nasceu D. Fernando chamado d'Eça. Casou D. João em Castella a segunda vez com D. Constança, filha d'el-rei D. Henrique, de quem teve: D. Brites, condessa de Valença, D. Maria, condessa de Siguales mulher de D. Pedro Ninho. Houve não legitimos: D. Affonso de Cascaes, D. Pedro da Guerra, D. Fernando, senhor de Bragança.

« D. Fernando, filho legitimo de D. João se chamou d'Eça, tomando esse appellido de uma terra de que em Galiza foi senhor, dada pelo duque

de Arjona D. Fedrique, seu primo; casou com D. Isabel d'Avallos, filha de Pedro Lopes de Avallos, adeantado de Murcia, filho do condestavel Ruy Lopes d'Avallos e d'ella nasceram: D. Pedro d'Eça, D. João e D. Duarte clerigo, D. Branca d'Eça, segunda mulher de D. Vasco Fernandes de Lucena, D. Ignez, primeira mulher de Garcia de Sousa, D. Catharina, abbadessa de Lorvão, D. Maria de Portugal, freira em santa Clara do Porto, D. Brites, abbadessa das Cellas. D'outra legitima mulher teve D. Fernando a: D. Fernando d'Eça, D. Garcia, D. Diogo, D. João, commendador da Cardiga, que morreu sem geração, D. Leonor da Guerra, mulher de Galeote Leitão, senhor da torre d'Ota, no termo d'Alemquer, D. Izabel, casada com D. Pedro de Souto Maior, mãe da duqueza de Villa Formosa, casada com D. Affonso d'Aragão, filho d'el-rei D. João e irmã d'el-rei D. Fernando o *Catholico*, D. Ignez Portugal, que em Aragão casou com D. João Xara, e um filho frade da ordem de S. Bernardo, chamado frei Antão de Mouros. De modo que os filhos d'este D. Fernando d'Eça foram quarenta e dois entre femeas e varões e os mais d'elles legitimos; porque, como affirma o conde da Castanheira no seu nobiliario, casou muitas vezes e sendo algumas das suas mulheres vivas todas gozavam d'esse nome de mulher e os filhos se tratavam como legitimos.

« D. Pedro d'Eça foi alcaide mór de Moura e notavel cavalleiro, como d'elle diz a chronica d'el-rei D. João II, a folhas 29. E por ser tão esforçado o teve el-rei D. João comsigo, quando matou o duque de Vizeu seu cunhado. Casou com D. Leonor filha de Rui Casco de Evora; teve d'ella a D. Rodrigo, D. Fernando, D. Christovam, fallecido moço, D. Francisco, D. Isabel, mulher de Christovam Moniz commendador de Panoias; e a segunda vez com Christovam Corrêa veador da rainha D. Maria, e da rainha D. Catharina e outras freiras. Não legitimos teve: a D. João d'Eça, D. Jorge, D. Catharina da Guerra, mulher de Alvaro de Carvalho, senhor do morgado de Carvalho e capitão d'Alcacer, D. Filippa e outras freiras »*.

Vê o leitor que D. Filippa descendia e estava aparentada com o que de maior havia em Portugal,

* João Rodrigues de Sá, disse dos Eças, descrevendo-lhes o brasão:

Os que num cordão com nós
tem labeo de armas reaes,
e nos pontos trazem mais
as quinas; tem por avos
infantes, e reis seus paes.
E que andem sem estado
quejando foi o passado;
rasão não sera que esqueça
o real sangue dos Deça;
posto que o tempo he mudado.

e que a mancha de bastardia não era pecha que a prejudicasse na familia d'um homem que pública e infamemente viveu casado á face da igreja com umas poucas de mulheres. Vejamos agora como ella e os seus luctaram com D. João III.

Em 31 d'agosto de 1543 o monarcha expõe ao papa o estado de questão numa longa carta, que repete com mais extensão em 16 de janeiro seguinte * e das quaes transcreverei apenas trechos da primeira por ser mais curta e trazer tudo quanto é essencial. «Doutor Balthasar de Faria, en el-rei vos enviou muito saudar. Direis ao Santo Padre da minha parte que neste reino de Portugal, no bispado de Coimbra, está um mosteiro de monjas da ordem de Cister, o qual é muito antigo e fundado e dotado pelos reis d'estes reinos meus antecessores, e casa de maior renda que nelles ha de mulheres, que vale a renda d'ella de quatro mil cruzados para cima, e valeria muito mais se as propriedades quintas e granjas d'ella se não alienaram e emprazaram pelas abbadessas que pelo tempo foram; e que ha na dita casa cento e sessenta mulheres, entre professas e noviças e conversas, e ha sessenta annos e mais que nella são abbadessas mulheres da linhagem dos de Eça,

* Os alludidos documentos e outros sobre o assumpto estão publicados no *Corpo Diplomatico Portuguez*, tomos v e vi.

em modo que grande parte das monjas da dita casa são da dita linhagem, e algumas filhas de monjas da dita linhagem, que já nasceram na dita casa. E do dito tempo para cá no dito mosteiro não se guardou a religião e observancia d'ella em nenhum dos votos substanciaes, como pela regra e constituições da ordem se devera fazer, antes na dita casa se viveu muito tempo mui dissolutamente, e muitas monjas d'ella emprenharam e pariram, e teem filhos e filhas: e isto é muito notorio no reino, e causa de muita infamia da religião e escandalo do povo ».

Continua o monarcha dizendo que ainda a abbadesa D. Margarida de Eça não era morta, que elle ordenara que se sobrestivesse na eleição, caso ella fallecesse, até nova ordem regia*.

* O caso não era singular, não só em Portugal, nem fóra. As congregações religiosas foram sempre muito agarradas aos seus privilegios, e por elles luctavam até á mão armada, sem medo de exercitos nem de excommunhões. O facto seguinte mostrará que o espirito de rebelião já lá vem de traz.

No começo do seculo xiv falleceu a abbadesa do convento de S. Lourenço de Avinhão, Raymunda de Aramón. As religiosas, conforme o costume, reuniram-se em capitulo e elegeram em seu logar Dulce d'Avinhão. Dulce pouco tempo viveu, e, por voto unanime da commuidade, foi investida do baculo abacial uma tal Alice Vinhayrole. E' neste momento que intervem o ordinario, Bertrand Aymini, que se julga lezado na sua jurisdicção e direitos, porque, segundo elle, as

As freiras, porém, não esperaram que a prelada fechasse os olhos, para mandarem recolher ao mosteiro D. Filippa « que com ellas se criou na dita dissolução » e assim que se deu o fallecimento

freiras não podiam eleger abbadessa sem que elle estivesse presente, e que depois approvasse o acto. A' vista d'isso annullou a eleição e substituiu a eleita por Alice de Mandajout. Estavam as cousas neste ponto, quando Alice de Vinhayrole morreu, e as religiosas, contestando o direito allegado pelo bispo, prepararam-se para proceder a nova eleição. O bispo ameaça-as com a excommunhão, se a tal se atreverem; ellas appellam para o papa, que então era Benedicto XI; mas como a decisão se demorasse o bispo dirige-se para o mosteiro com uma escolta de homens d'armas, arromba as portas, e, depois de ter intimado as religiosas para que reconheçam a auctoridade de Alice de Mandajout, confirma-a no cargo, e dá-lhe violentamente posse da habitação abbacial. Isto, porém, de pouco lhe valeu. Emquanto que Alice se installa na sua cella, as religiosas reunem-se, votam e elegem Bertand de Barjols. Assim que o bispo o soube, no auge da colera, encarrega o seu official de chamar as rebeldes á ordem, e este, se bem lh'o mandaram, melhor o fez. Coireu á abbacia, tratou as monjas como excommungadas, tirou-lhes os vasos sagrados, os livros liturgicos, os paramentos sacerdotaes, expulsou-as da egreja, e açoutou uma das cabeças de motim. Emfim, em 9 de janeiro de 1304, o papa, resolveu tratar da questão, e encarregou d'isso o arcebispo d'Embrun, reitor do condado. Tinha este de ouvir as partes, avaliar as queixas e fazer prevalecer o bom direito; o que elle fez, decidindo o favor da eleição canonica de Bertrand de Barjols ». *Journal des Savants*, mai 1887. pag. 308-9.

a elegeram tumultuosamente por abbadessa, lhe deram posse, ainda com o cadaver da antecessora insepulto, e esperaram os acontecimentos. O rei mandou expulsar a intrusa, nomeou como abbadessa D. Melicia de Mello, que o era de Arouca, e, por cujo intermedio, começou a querer reformar a casa. Baldado empenho! Enquanto as monjas faziam amargurar a D. Melicia todos os momentos da vida, D. Filippa appellava para Roma, e a Rota, fechando os ouvidos e a consciencia aos factos de ordem moral e religiosa, e abrindo as algibeiras aos presentes e os olhos ás formalidades chicaneiras, mandava reintegrar a Eça no seu logar. E' para notar que ao tempo de sentença, não podendo D. Melicia supportar as impudentes creaturas que tinha de governar, resignara o cargo; e, a petição de D. João III, o papa nomeava para a substituir a D. Anna Coutinho, egualmente monja d'Arouca. A Rota, para fazer valer a sua iniqua sentença, poz os bens do mosteiro em sequestro, promulgou excommunhões a torto e a direito, e ficou talvez muito convencida que era assim que se havia de oppôr um dique á corrente do lutheranismo e concõrrer para a reforma do monacato. «E, continua o rei, se S. Santidade quer ser certo como a dita D. Filippa é pessoa que viveu mui dissolutamente, e tem filhas e netos, illegitimos, tudo consta largamente por umas

inquirições e autos que estão juntos ao feito que pende perante os auditores da sua Rota, as quaes inquirições e autos foram tirados e processados por auctoridade de certos juizes apostolicos, a quem S. Santidade esta causa e demanda, que pende sobre esta abbadia de Lorvão, commetteu no reino, os quaes juizes deram sentença final, porque puzeram silencio perpetuo á dita D. Filippa sobre o direito que ella pretende ter á dita abbadia de Lorvão, pelos quaes actos e inquirições largamente consta da nullidade da dita eleição de D. Filippa, e assim consta largamente da dissolução da sua vida, e de como é illegitima, e do escandalo que seria, haver ella D. Filippa de ser restituída ao dito mosteiro. E os ditos auditores da Rota não querem dar fé ás ditas inquirições...». O papa esse, não diz sim nem não; deixa, como se diz em linguagem vulgar « correr o marfim » e ao mesmo tempo os emolumentos do processo.

Insiste o rei; a Rota persiste em só attender as pretenções de D. Filippa, que, livre dos cuidados abbaciaes, se entrega, já velha como era, a uma vida de baixa prostituição, para maior gloria da Rota e dos Eças.

Baste um unico facto para o provar. Tendo D. João III obtido do papa, a muito custo, que elle encarregasse -- devolvidos tres annos -- o nuncio, não de proceder officialmente a uma devassa,

mas de em segredo se inteirar da verdade dos factos; mandou o nuncio que o seu auditor fosse a Coimbra e por lá se informasse. « E tendo o dito auditor do nuncio, conta o rei na sua carta de 9 de junho de 1546, tomado a dita informação secretamente por testemunhas, que assim ex-officio perguntou, aconteceu que indo o meirinho do corregedor da cidade de Coimbra e assim o meirinho do bispo a prender uma manceba de um clerigo e entrando em casa do clerigo para a prender, por terem informação que estava lá fora, acharam D. Filippa d'Eça e a manceba do dito clerigo e outra freira escondidas em uma furna, que o dito clerigo tinha feito na dita casa para esconder a manceba, na qual furna todas tres estavam mettidas despidas em camisa, d'onde os ditos officiaes da justiça levaram a manceba do clerigo presa para a cadeia, e a dita D. Filippa para o mosteiro de Santa Clara da dita cidade, donde a foram pôr e m'o fizeram logo saber, e mandei que a deixassem ir para onde quizesse ».

D. Filippa defendeu-se allegando que fugia a ser presa; mas o que ella nunca explicou foi porque se achava a deshoras, e em trajos quasi paradisiacos, em casa d'um clerigo d'aquella laia; quando, a mulher da sua estirpe, não lhe faltariam honradas casas a que se acolhesse. D. João, temendo que ella convertesse Santa Clara em Lórvão,

mandou expulsal-a d'ali. O curioso da historia é que tal informação perdeu-se no caminho de Coimbra para Roma, ou se lá chegou já ia com outro feitiço.

D. Anna continuou a reger o mosteiro, e D. Filippa a perseguil-a com demandas, e a gosar as rendas que podia sequestrar. Cança-se o rei de pedir justiça e moralidade ao papa; mas não larga de mão completamente a causa; e, em 10 d'agosto de 1548, D. João de Menezes escreveu-lhe de Roma, entre outras cousas: «... isto é o que passei com o cardeal *Crecencio* no dia que lhe fui falar e dar informação d'este negocio de Lorvão, no qual, se me elle não engana, está mui bem, e as testemunhas são já acabadas de tirar, como mais largamente Balthazar de Faria escreve a Vossa Alteza, porque isso trata e o trabalha quanto melhor póde por sua parte: ao cardeal Santa Cruz fui falar o mesmo dia que fui a *Crecencio*, e por estar lá o embaixador de França lhe não pude falar como eu quizera, mas elle está assaz informado, e com mais declarada vontade para emendar este negoeio, de que espero teremos cedo a resolução, porque me affirmou quem viu os ditos das testemunhas, que provam assaz o que basta para D. Filippa não dever de ser abbadessa: queira Deus que não seja esta uma das acções para parecer alguém que o deve ser ».

Em 4 de setembro de 1549, Balthazar de Faria comunicou ao rei que D. Filippa não entraria na posse do abbadessado, mas que receberia alimentos.

Aconteceu-lhe o mesmo que a certos funcionarios prevaricadores dos tempos que vão correndo. Foi aposentada com o ordenado por inteiro!

Muito tempo passado, a 12 de setembro de 1551, oito annos depois de começada a lucta, o papa Julio III expediu um breve ao rei pedindo-lhe que em virtude das tres sentenças que D. Filippa alcançou em seu favor, das quantias que despendeu, dos trabalhos que passou, da velhice que a opprime, a restituia, como de direito, ao logar para que foi canonicamente eleita.

Creio porém que D. João III não fez caso do breve, porque se então já não era ali abbadessa sua sobrinha, D. Bernarda, filha do infante D. Afonso, o mesmo que inquiriu e julgou contra D. Filippa, estava prestes a sel-o, e neste ponto a historia tem que fazer-se por supposições, porque desapareceram os documentos escriptos, e o que se escreveu teve por fim apagar a memoria de Filippa; porque nem o seu nome se acha sequer incluído na lista das abbadessas perpetuas. No caderno das eleições d'estas, feito pelos indícios que se encontraram no velho cartorio, veem ellas pela ordem seguinte:

« A primeira que se achou em uma doação antiquissima que se assignava abbadessa com G., que parece ser Dona Goda, e é tradição antiga ser a primeira abbadessa d'este mosteiro *.

A 2.^a Dona Urfasia.

A 3.^a D. Prieina.

A 4.^a D. Maria Affonso, cujos ossos se achavam numa caixa de pedra muito bem lavrada, mettida na parede do claustro, para a parte do capitulo.

A 5.^a D. Brites da Cunha.

A 6.^a D. Sancha Gonçalves.

A 7.^a D. Maria Joannes.

A 8.^a D. Constança Sugeria ou Soeiro.

A 9.^a D. Maria Gomes.

A 10.^a D. Urraca Raimundo.

A 11.^a D. Thareja Mendes.

A 12.^a D. Mariannis (M.^a Annes).

A 13.^a D. Guiomar.

A 14.^a D. Mecia Lopes.

A 15.^a D. Maria Vasques da Cunha.

A 17.^a D. Catherina d'Eça.

A 18.^a D. Margarida d'Eça.

A 19.^a D. Branca, infanta filha de el-rei D. Afonso III e da rainha D. Brites, foi senhora de Montemór-o-Velho, e d'este mosteiro foi mudada

* Encontra-se uma nota dizendo que governou de 1243 a 1260.

para Castella, onde foi abbadessa no mosteiro de Uelgas, em Burgos. Era de 1283.

A 20.^a D. Gracia Mendes, filha de Dom Mendo Gracia de Sousa e de sua mulher D. Graciannes.

A 21.^a D. Clara d'Eça.

A 22.^a D. Anna Coutinho, freira d'Arouca, que tornou para lá.

Vê-se que não só se não fala de D. Filipa, como também ha uma enorme lacuna que abrange perto de dois seculos.

A 23.^a A regedora D. Melicia de Mello, freira de S. Bento do Porto *, « que para lá tornou, *as quaes vieram por causa das parcialidades das eleições* ». Não se póde salvar melhor a honra do convento!

A 24.^a Sr.^a D. Bernarda de Alencastre neta de D. Manuel **.

* O rei diz que D. Melicia era monja d'Arouca, enquanto os assentos que tenho á vista a dão como sendo de S. Bento da Ave Maria, do Porto.

** Num apontamento do primeiro livro dos obitos encontra-se o seguinte, a respeito d'esta neta de D. Mannel; porque do pae não se fala: A muito religiosa Sr.^a D. Bernarda de Alencastre religiosa d'este real mosteiro foi neta de el-rei D. Mannel; tão observante foi mui assistente dos estatutos da regra e votos, guardando o silencio e o fazia guardar, com o seu exemplo muito humilde.

Veiu por sua grande devoção e humildade para este mosteiro de Lorvão, onde foi recebida com amor e affecto que

A 25.^a D. Briolanja de Mello, esta mudou as santas rainhas para a igreja de fóra.

A 26.^a D. Catherina d'Albuquerque; esta foi ultima das abbadessas perpetuas ».

D. João III não quiz ou não poudo applicar ás laurbanensis a pena de Talião, e fazer ás sequazes de D. Filippa d'Eça o mesmo que Sancho I tinha feito aos monjes benedictinos; isto é, expulsar d'ali as libertinas e dar o edificio a quem melhor soubesse viver nelle. E depois, quem sabe, se apesar de catholico, o rei não era tambem christão, e como Christo não julgava que ha no ceu mais alegria pela conversão d'um peccador, do que sobre noventa

merecia a sua pessoa: e pelos muitos favores que esta casa tinha recebido do rei D. Manuel, seu avô, que supposto estes fossem dedicados a Santa Thereza rainha de Leão, religiosa d'este mosteiro, a veneravam e queriam sem dote, porque na sua virtude o trazia; mas foi tal a sua devoção e humildade que agradeceu esta vontade com dar a este mosteiro dadivas reaes, como foi una cruz de ouro com o santo espinho, e outra do santo lenho de notavel grandeza, e uma pedra de jaspe para o sacrario de jaspe. com o seu nome esculpido, porque queria ter o seu nome debaixo do Sacramento. Foi esta senhora abbadessa perpetua e conservou a religião sempre no primeiro auje, imitando as nossas santas rainhas, estimando as religiosas, e tendo-se pela mais humilde de todas, muito caritativa servia as enfermas com muito amor, e dava muitas esmolas aos pobres e os vestia. e ainda hoje se conservam estas memorias para exemplo e edificação. Está sepultada na casa do capitulo, aonde se póde ver para maior gloria de Deus.

e nove justos, que não teem precisão de se converterem! O piedoso monarcha, espirito estreito em materia religiosa, queria que as monjas se arrependessem e vivessem na contricção. Conseguil-o-ia? E' de trer que muitas vezes pensasse no assumpto e ao mesmo tempo nos bons serviços que a Inquisição poderia prestar em taes casos; e lido em historia, não se lembraria de quão longe estavam estas cistercienses das monjas de S. Bento d'um mosteiro que existiu nos confins da Carpetania, no reino de Toledo?! Tinham-se os mouros assenhoreado de Hespanha, e, no enthusiasmo da conquista, ao gozo sensual do solo fertil juntaram o das virgens consagradas ao Senhor. As d'aquelle mosteiro, temendo perder a sua coròda virginal nos braços dos agarenos, supplicaram a Deus que antes as subvertesse pela terra do que permittisse o ultrage. Ouviu Deus os seus rogos; abriu-se a terra que enguliu o mosteiro, tornando a fechar-se, como sobre o navio que foi a pique se unem as ondas do mar. E, caso extranho, os que por ali passavam, affirmavam que do centro da terra, ás horas canonicas, se ouvia tanger o sino, e ao ceu subiam em coro melodioso as vozes das subvertidas monjas!

Escrevendo estas linhas e reconhecendo que o edificio de Lorvão, ainda forte, seguro e bem

conservado, servido de boa agoa, merecia ser aproveitado. lembrava-me que o sr. Bispo de Coimbra, á imitação do que se está fazendo em Braga, podia estabelecer nelle um recolhimento de *mulheres arrependidas*, que expiassem as culpas de todas as Eças que ali escandalisaram a Deus... mas não aos homêns!

Com o correr dos tempos melhoraria a disciplina? E' provavel que começassem a seguir o conselho de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e que fossem mais cautas. Mas o seculo xviii, e o que se lhe seguiu, presenceou grandes escandalos; tanto nos mosteiros como nos conventos*. O que menos nelles se respeitava era a clausura, e tanto foi o abuso que em 1761, Benedicto XIV, indignado com o espectáculo que davam as freiras de Portugal, que, a pretexto de tratarem da saude, andavam em constantes passeios e frequentavam escandalosamente os divertimentos, publicou a sua bulla *Cum saerarum virginum*, mandando que todas as que andassem fóra da clausura a ella voltassem, reservando para a *Congregação dos Bispos e Regulares* a faculdade de conceder para o futuro licenças para as freiras poderem sahir.

Urgia, porém, uma grande emenda, e essa foi tentada com a mudança da fórma do governo das

* Vejam-se os meus livros *Frades e freiras* e *Ultimas freiras*.

abbadessas, que em 1605 passaram, de perpetuas que eram, a ser triennaes.

O mosteiro tinha chegado ao maior relaxamento de administração, e o principal cuidado da primeira abbadessa triennial, D. Leonor de Noronha, foi tratar da organização do cartorio; encarregando d'esse serviço o dr. Sebastião de Torres de Almeida. São d'elle as seguintes paginas, escriptas como dedicatoria á abbadessa D. Maria da Silva, a terceira das triennaes; pertencem ao numero das poucas que ainda existem da vida interna do mosteiro, e pela sua significação tenho por conveniente transcrevel-as na integra, apenas orthographando-as ao uso corrente, do codice 319, segundo a enumeração que aos manuscriptos d'este mosteiro foi dada no Real Archivo da Torre do Tombo.

« Considerando as senhoras e santas rainhas e irmãs Dona Tareja, Dona Sancha, e Dona Branca, ao tempo que houveram este mosteiro de Lorvão para ser instruido de freiras da Ordem de Cister, e regra do glorioso e santissimo padre S. Bernardo, sendo d'antes da ordem do padre S. Bento; e intitulado de S. Mamede e S. Pelayo; como assim os bens que d'antes tinha, como os outros de que por ellas era dotado, e por outras vias se lhe adquiriam; não podiam ser conservados e livres de alheações, e usurpações (a que as communiidades,

e principalmente de mulheres, podem pouco atalhar) sem terem seu cartorio mui pleno, authenticico e concertado, e nelle dos proprios originaes assim doações, como documentos outros de qualquer sorte, e privilegios; muitos treslados e copias authenticas de cada uns, em maneira que nunca podesse haver falta nos instrumentos de importancia: o puzerão por obra de muita curiosidade; da qual, como das virtudes, foram tão boas successoras as abbadessas e religiosas que se seguiram, como ainda de presente se enxerga. — Pois vemos que não sómente conservaram nelle todos os documentos e doações antiquissimas que os frades tinham desde a recuperação de Hespanha, com os processos da extincção nelles, e instituição de religiosas; mas ainda alcançaram muitos privilegios reaes, e apostolicos para este mosteiro, e seus criados, serviçaes, caseiros, e lavradores, com outras muitas prerogativas de sempre ser defendido e recebido na guarda e encommenda dos reis passados de gloriosa memoria; e houveram privilegio da Sé Apostolica para que os treslados passados de outros, que estivessem na guarda do dito cartorio, tivessem valor e auctoridade, como se fôsem treslados dos proprios originaes; o que não sabemos que haja em muitos outros archivos, afóra do celebradissimo, e real da Torre do Tombo, de Lisboa: E foi este cartorio de Lorvão de tanta fé e auctoridade, e de tão boa

reputação em sua guarda, que d'elle se alcança por muitas escripturas antigas, mandarem as pessoas particulares seus contractos e testamentos a elle, para serem guardados, e não carecerem de credito pela variedade e mudança dos tempos vindouros. E sobre tão grande privilegio concedido a este cartorio para nobreza e gravidade da casa e mosteiro, além de outras muitas confirmações, breves e indultos apostolicos, houveram tambem as antigas senhoras religiosas, algum de muita importancia: a saber: que o confessor do mosteiro possa fazer os benzimentos das freiras, como se fôsem actualmente abba des ou bispos:— e que o convento possa engeitar os frades que do capitulo geral lhe mandarem para seu ministerio e serviço, e lhe serem dados outros quaes pedirem;— e que na egreja do mosteiro se não possa celebrar, nem administrar os Sacramentos sem licença das abba dessas. E sendo estas cousas, e outras que ha, de tanto momento; estando neste nosso tempo tão lançadas de uso, e exercicio, que não sómente se deixam de lograr, mas ainda tem por duvidoso aproveitar-se do que tanto custou aos antepassados, e lhes foi concedido *ad perpetuam rei memoriam, et perpetuis futuris temporibus*, e não é de espantar a mudança que os tempos neste particular fizeram, quando se vê maior na falta que houve no mesmo cartorio de cem annos a esta parte, pouco

mais ou menos: pois de esse tempo não se acham nelle papeis que façam direito, ou conservem as posses do mosteiro, sendo muitos dos seus bens e rendas aforadas, emprazadas e alheadas, sem constar dos titulos por quem o foram; e estando usurpados quasi todos os padroados de suas egrejas e beneficios que tanto o ennobreciam, e manifestavam ser mosteiro real, e na antiguidade o primaz do reino e de Hespanha, pois nem ainda no tempo que toda ella (pela sua universal perdição) esteve possuida de mouros, deixou de sustentar-se em christandade e religião: e finalmente tendo dados por emprazamentos direitos reaes, que não se podem alhear, e dizimos ecclesiasticos, de que os leigos são incapazes, e tirando de si em alguns prazos novissimos os laudemios e licenças das vendas e alheações, que são as principaes cousas por que o direito senhorio se conserva: e o que peor é que não haja muitas pessoas assim das religiosas do convento, como dos religiosos que o administram no espirital e temporal, que saibam, e procurem tornar estas faltas á boa ordem, ou pelo menos ordenem como os damnos não vão em tanto crescimento, e que das cousas usurpadas e mal alheadas se recuperem as possiveis: E por que a uns e outros, por esta desculpa, o breve termo dos triennios, e a multidão e confusão dos negocios e causas d'esta casa, e com essa o mosteiro não

deixa de sentir cada dia mais suas perdas, com as quaes (sendo uma das communitades mais arrendadas do reino) vemos que padece mingoas e faz tantas dividas como as muito pobres; vim a imaginar que não podia isto correr d'esta sorte, em casa tão santa, e por taes santas instituida e dotada, e tão cheia de santas reliquias e penhores do Ceu; sem ser por via de castigo de algum descuido nas obrigações espirituaes d'ella; e procurando tomar alguma altura neste pensamento, achei por muitos documentos d'este cartorio serem deixados ao mosteiro muitos bens, terras, e rendas com obrigações de missas, e anniversarios, alumiar de alampadas, em dias assignados, e ainda de missa quotidiana, com juramento feito pelo convento em seu nome, e das successoras; e que estas cousas se não cumprem de muitos tempos a esta parte; pelo que a isto fiquei attribuindo o que acima relatei; fiz duas taboas e roes, declarando sobre que bens foram deixadas e accitadas estas obrigações pias, e as dei á Sr.^a Prelada, que de proximo acabou seu triennio; e o lembrei a visitadores e ao Rev.^{mo} P.^e Geral. E não se tomou até agora nisso resolução, queira Deus dar-lh'a, de modo que o mosteiro no commum não padeça, e pague os descuidos e faltas das preladas: E no que toca ao cartorio, de que é o meu principal instituto, tenho para mim que seria grande parte de elle andar sempre

ordenado, e não sahir d'esta reformação, se fôsse encarregado a uma religiosa com titulo de cartularia, que desoccupada de outros encargos da Ordem, sem prefinição de tempo, empregasse seu talento e curiosidade, em fazer e procurar o que a elle pertence: pois com isso poderá haver quem tenha noticia das cousas da casa e de sua fazenda (que sem papeis se não administra) e poderá haver informação para os feitores e agentes, quando lhes cumprir: e haverá vigilancia de modo que se não façam menos os documentos como cada passo acontece, e nos de mais importancia, e tratando da occasião d'esta obra e reformação do cartorio, que em tão diversos tempos foi principiada, proseguida, e ora acabada em o principio da prelazia de V.^a S.^a Ill.^{ma}, a quem Deus fará tão feliz e proveitosa aos bens espirituaes e temporaes de seu mosteiro, como está promettendo seu cuidado, deliberação e inteireza: E' bem sabido que, com o intento de fazer o tomo e demarcações dos bens e terras d'este convento, segundo por sua majestade me está commettido, comecei (em o tempo que era abbadessa a Ill.^{ma} Sr.^a D. Leonor de Noronha) de ver este cartorio, e em poucos dias alcancei estar tão confuso e revoluto, que sem muita difficuldade não poderiam achar-se os documentos e papeis que a cada cousa e terra pertencem e podiam ser necessarios: e sendo-me mostrado um livro de alphabeto, que d'elle fez com

curiosidade Onofre Francisco, letrado antigo, que foi d'este mosteiro, procurador em Coimbra, me pareceu ainda mais confuso que o mesmo cartorio; por quanto se não dividiam os papeis pelas rendas e terras, a que pertencem, antes misturadamente se assentavam pelas lettras A, B, C. Segundo cottas e numeros, que nas costas de cada um se puzeram, se vê que ha quadernos que conteem diversas escripturas que podiam ser assentadas em differentes lettras, e em uma só não se podiam achar, de modo que tendo prazos e aforamentos uns haviam de ir ao A e os outros ao B e para se buscarem cousas tocantes a alguma terra ou casal sem se saber se estavam por carta, se por doação ou testamento, se não podiam achar com facilidade nem menos saber-se tudo o que ha tocante a uma cousa e logar; vendo tambem que algumas das cottas, que nas costas foram escriptas estavam gastadas com o tempo e vicio dos pergaminhos, e outras não declaravam ao certo a substancia dos documentos; Assentou a dita senhora por estas razões, e outras que experimentou com sua presença, que necessariamente se devia rever o cartorio, e reformar as cottas, e fazer novos maços e sacos apartados, com repertorio, pelo qual se podesse mais facilmente buscar, e achar quando fôsem necessarios. Com seu mandado e benção, ajudado das religiosas que então eram bolseiras e cartularias, D. Maria de

Mendonça, e D. Isabel de Noronha, que do trabalho acceitaram grande parte, passei inteiramente todo o cartorio, lendo-o sem faltar cousa alguma, por pequena que fôsse, e cotei todos os de importancia, e ainda muitos que sómente servem para informação; e apartados de outros que não tocam ao mosteiro por serem de particulares pessoas, que, como fica dito, antigamente os lançaram na guarda do dito cartorio; succederam na casa tantas adversidades e molestias ordenadas pelo Prebendeiro que então tinha, e favorecidas por quem mais devia a religião, que fui forçado deixar a obra no estado em que por então poude ficar; que foi emmaçar todo o cartorio, debaixo de titulos dos logares, e comarcas a que pertenciam, e em sacos da mesma fórma. Acabado o triennio da Sr.^a D. Leonor de Noronha, lhe succedeu a Ill.^{ma} Sr.^a D. Margarida da Silva, em cujo triennio se fez sómente um borrão, de que se podesse alimpar este repertorio, quando houvesse tempo e logar, que por então faltou por occupaões e outras incommodidades minhas, e algumas molestias e contrariedades de quem para fazel-as tinha ainda então poder e querer. A esta Senhora succedeu V.^a S.^a Ill.^{ma} com tanta alegria e applauso, assim do convento, como ainda das pessoas que d'elle teem pouco conhecimento, que ficou convidando a todos, e obrigando a mim a desejar com muita efficacia servir o mosteiro em

o tempo da sua prelazia e administração. E com este animo, mandado e incitado por V.^a S.^a me empreguei em alimpar e concluir este repertorio, o qual não poude ser feito sem longo trabalho e a reformação dos maços e sacos de que V.^a S.^a é testemunha; que sempre é certo que aquillo que com facilidade se desordena, custa muito a tornar a caminho: escuso de apontar a ordem da obra, por que ella de si a mostra; se nella se acharem faltas, e erros merecem desculpa, pois esses são propriedade minha; e se tiver alguma cousa digna de louvor a V.^a S.^a se deve attribuir; de cuja benignidade fio me relevará de culpa, nas advertencias em que aqui me alarguei, pois tem V.^a S.^a conhecimento do meu zelo, que quando não é contra o bem, não póde ser reprovado, ainda que a calumnia de pessoas curiosas a nada perdoa: Receba V.^a S.^a a boa vontade d'este seu servidor, que d'ella faz a principal offerta, pois esta obra não tem outro valor mais que o de ser-lhe dedicada e offerecida, e em cuja benevolencia espero empregar-me em cousas do serviço de V.^a S.^a e d'este seu convento, que o Senhor Deus conserve em augmento da religião, e das rendas ».

Este documento, comquanto não datado, é facil averiguar, pelas referencias aos nomes das

abbadessas, que foi começado em 1605, quando o mosteiro passou a ser governado por abbadessas triennaes, e acabado entre 1612 e 1614, no governo da terceira abbadessa triennial D. Maria da Silva, e, ao que se subentende, com a opposição de D. Margarida.

Em 7 de novembro de 1640 a communitade alcança dous breves, um para poder extinguir a capella de S. Sebastião, que era parochia do povo, e fundal-a de novo em qualquer districto * e outro para que o bispo-conde não inhiba ou se intrometta em a nova fundação.

Este bispo era D. João Mendes de Tavora, com quem o mosteiro travou accessa lucta, e na qual interveiu o D. Abbade Geral d'Alcobaça, ao tempo fr. Gerardo Pereira, lucta que vinha do tempo de Filippe IV, em 1630, e que obrigara o geral da ordem a ir a Roma, onde alcançou sentença a seu favor.

Queria o bispo ter jurisdicção no mosteiro, e nelle praticar o que fôra ordenado por Gregorio XIII, com o fundamento de que a egreja servia de parochia. Mas, não contente com esta intervenção, que suscitou os breves de 7 de novembro, queria

* Pelo que se lê adiante, só uns quarenta annos depois é que tal egreja se construiu, mandada edificar pela abbadessa D. Seraphina da Camara.

tambem intervir na eleição da abbadessa. Pleiteado o caso, foi, a 26 de junho de 1641, expedido um mandado executorial do tribunal dos negocios de bispos e regulares, intimando o bispo a suspender o projecto que tinha feito, no sentido da intervenção directa e pessoal. Não era D. João homem que cedesse, e ordenou ao seu delegado que fôsse visitar a egreja. As freiras oppõem-se á execução da ordem, e elle declara-lhes sequestro; o que as obrigou a appellarem para o primaz de Braga, o qual, a 9 de dezembro de 1641, deu sentença contra o seu diocesano.

Com as eleições triennaes não voltou de todo o socego, o que era de prever, visto se amiudarem as causas de competencias.

Assim temos que, por fallecimento da 15.^a abbadessa triennial, D. Paula de Castello Branco, cujo governo durou só um anno e nove mezes, « querendo-se fazer a eleição, houve taes bulhas, que nove mezes esteve impedida e o mosteiro sem abbadessa, e no fim d'este tempo, para aquietar as parcialidades, veio em maio D. Francisca de Vilhena, freira de Cellas, que para lá tornou, e foi a 16.^a ».

Este caso devia dar-se por 1647 ou 1648.

Percorrendo a lista das abbadessas podemos refazer a historia da reconstrucção do edificio e

seus augmentos; bem como a da aquisição das suas joias e alfaias.

A 19.^a D. Maria de Carvalho « fez a fonte que está dentro do dormitorio ».

A 26.^a D. Antonia Coelho « mandou forrãr a egreja e coro, por estar muito damnificado pela sua antiguidade ».

A 27.^a D. Seraphina da Camara, que governou talvez em 1688, « mandou fazer a egreja do burgo, e com ella nos livrou da oppressão que nos davam os freguezes na nossa, com assistencia dos seus sacramentos. Mandou mais fazer o claustro novo, que pela sua antiguidade se estava arruinando, em cujas paredes se acharam muitos corpos de frades bentos inteiros, cujos capellos tiveram na mão religiosas que hoje existem; e se viu mais, para a parede que divide o refeitorio, um religioso que estava em pé separado com uma grade de canas, o qual fechou logo o official, por não motivar alvoroço, e na parede do capitulo se acharam alguns abbades, que conheceram por taes, por terem bago, aonde ficaram por lhes ignorarem os nomes ».

A 28.^a D. Theophila de Alvim « principiou a fachada do dormitorio, que foi do tempo dos padres bentos, e estava incapaz de assistirem nelle as religiosas ».

A 30.^a D. Antonia Coelho, no seu outro abba-dessado, continuou o segundo lanço do dormitorio,

em 1685. A abbadessa que se lhe seguiu, D. Theophila Alvim, deu fim á obra.

A 33.^a D. Joanna Sarmento prefere edificar no Ceu, e para isso distractou vinte mil cruzados, dos que se deram para a factura do dormitorio, e mandou procurador para Roma a tratar da beatificação das nossas santas rainhas ».

Chegamos a 1700, e com a terceira eleição de D. Theophila Alvim « se mandou fazer e dourar a tribuna nova ».

A que lhe succedeu, D. Catharina de Mello, prezá a chronica por formaes palavras: « que mandou fazer as casas em que estão os nossos padres, mandou fechar a porta do pateo, e pela do valle saíram todas as religiosas e foram ver as casas, e nellas lhes deu o prelado uma grande merenda ».

D. Marianna Freire de Albuquerque mandou dourar a capella-mór, e teve a fortuna de se conseguir no seu tempo a beatificação das santas rainhas. Havia dez annos que estava em Roma, tratando d'essa causa, o padre dr. Bernardo de Castello Branco. Á noticia da sentença chegou ao mosteiro a 18 d'outubro de 1704, e o breve foi passado na vespera de Natal de 1706. E' a ella que se devem os « novos tombos das fazendás d'este mosteiro, em que fez grande obra, que estava tudo perdido ».

D. Bernarda Maria d'Albuquerque mandou dourar parte do tecto da igreja. Neste governo se augmentaram os dotes, que de 600\$000 réis passaram a ser de 800\$000.

A 38.^a abbadessa foi D. Angela Pereira de Sampaio. Mandou acabar de dourar o coro, reconstruir o muro da clausura, que tinha caído, e fazer a fonte do pateo. Foi uma santa, e se outras provas faltassem, teriamol-as nos seguintes utilissimos milagres. Naquelle anno o trigo subiu a 960 réis o alqueire, e o azeite a 1\$200 réis; pois « este ferveu nos potes e o trigo se multiplicou nos celeiros, e nas contas cresceu dinheiro! Esta maravilha, accrescenta a chronista, se experimentou pela caridade e zelo d'esta grande religiosa, na era de 1709 » *.

D. Bernarda Telles de Menezes mandou fazer o refeitório, as hospedarias, e o muro da cerca de fóra.

Sua successora, Marianna Borges de Castro, « mandou fazer o altar de talha com tribunas preparadas, para nelle se tornarem a repor os corpos das santas rainhas como está determinado ».

A 41.^a prelada, D. Cecilia d'Eça e Castro, mandou fazer o orgão em 1718.

A 43.^a abbadessa, D. Maria da Trindade, fez mudar o orgão, e accrescentar-lhe mais registos e dourar-lhe a caixa.

* Este milagre era vulgar em grande numero de conventos.

Foi D. Filippa da Cunha e Menezes, que lhe succedeu, quem deu começo ao noviciado, que só ficou prompto dez annos depois, em 1736, no abbadessado de D. Thereza de Mendonça. A inauguração da nova casa foi feita com toda a solemnidade a 22 de agosto. O visitador, D. fr. Nuno Mascarenhas, benzeu-a, introduziu nella as noviças e lhes deu os estatutos porque haviam de se reger.

D. Paula Marcellina, eleita em 1739, é mais financeira do que constructora: « fez ella grande obra, que foi tirar muitos mil cruzados que se deviam a razão de juro ».

D. Thereza Luzia de Carvalho mandou principiar a obra do coro da igreja, que continuou durante os seus dois abbadessados, que duraram de 1742 a 1748.

« Aos 23 de novembro de 1748 se elegeu por prelada a muito illustre senhora D. Eugenia Jacintha de Vasconcellos, e no seu triennio se desmanchou a capella-mór, para se fazer de novo, e do lado esquerdo d'ella se tirou o caixão que tinha os ossos dos SS. MM. de Marrocos, e os viu toda a commuidade, e se tiraram do caixão de pedra e se puzeram em um de prata na sacristia, d'onde se guardam, e o de pedra está no claustinho novo, d'onde se veneram os SS. Martyres, que nelle estão feitos de vulto na pedra, e foi a 52.^a abbadessa triennial ».

A este caixão me refiro noutro logar.

D. Helena Maria de Quadros (1755-1758) « continuou as obras da igreja, mandou fazer a cruz de prata para o altar-mór, o relógio e sino, a capa d'asperges bordada, e outras obras e joias ».

O governo de D. Leonor Thomazia de Mendonça foi organizador da fazenda; e querendo a communitade reelegel-a, « ella pediu a Deus Nosso Senhor que a levasse para si. Elle lhe fez o gosto, dando-lhe logo uma malina que lhe acabou a vida, que sem duvida tinha sido singular ».

As obras da igreja continuaram, e em 1761, sendo prelada D. Marianna de Vasconcellos Coutinho, se achou a construcção em estado de ser sagrada. « Comprou um calix para o altar-mór, que custou 107\$050 réis, e mandou fazer uma custodia, para o que logo mandou oitenta moedas ».

Grande constructora a abbadessa D. Maria Xavier Maldonado (1763-1766). « Fez a tribuna, que fica por cima da grade da igreja; mandou forrar a quadra do claustro, que fica á porta da igreja, e nella mandou fazer um confessionario; acabou a obra do zimbório, e as mais que estavam principiadas, e mais alguns concertos que foram necessarios ao mosteiro, mandou fazer o pulpito e o mandou pintar e os confessionarios e realejo ».

A lampada de Nossa Senhora da Vida, que custou 378\$260 réis, foi mandada fabricar pela abbadessa D. Francisca Angelica de Moura (1766-1769).

« Mandou fazer mais uma bacia e jarro para a sala, que feita de prata da outra velha deu mais 168\$520 réis. Mandou fazer os castiçaes e cruz que se põe nas festas no altar-mór; da prata dos frontaes que se desmancharam, e da prata que se tirou da grade chamada de prata, e deu em dinheiro para se acabar de pagar o feitio ».

No triennio de 1777 a 1780 a prelada, D. Maria Ignacia de Figueiredo Brandão, promoveu e « alcançou licença para entrarem noviças, que havia muitos annos lhe tinham ficado á porta ás ordens da real Majestade ». Em o seu governo se desempenhou o mosteiro, e ainda deixou na bolsaria dezoito mil cruzados « para os altares que se haviam de fazer na egreja ».

A administração de D. Maria Catharina Xavier de Mendonça é importante, não só porque procurou chamar as suas subditas á observancia da regra, que estava sendo menos que rigorosa, mas pelas obras que fez. Concluiu as varandas do claustro, reformou a portaria de cima com portas novas e azulejos nas paredes e estuques dourados na abobada, e melhorou o throno, sacrario, altares das rainhas, de Nossa Senhora da Vida, de S. João e do Santissimo Sacramento. A conclusão das obras importaram em :

Cofre para o Santissimo Sacramento, passou de .	800\$000
Tribuna	600\$000

Sacrario	66\$900
Damasco de ouro	1:201\$850
Paineis	430\$230
Capellas	2:400\$000
Castiçaes	166\$800
Credencias	76\$300
Banqueta do altar-mór e molduras dos paineis	118\$300

Foi neste triennio, a 18 d'abril de 1780, que D. Maria I reduziu o numero de religiosas a cem.

D. Magdalena Maria Joanna Caldeira, que se lhe seguiu (1783-86), não foi menos magnificente; a sua folha de contas é extraordinaria:

Com a egreja do padroado gastou	719\$705
Baculo novo	118\$780
Caixa de prata para a chave do sacrario	3\$970
Pagou o resto do vaso do sacrario	620\$740
Caixões para a sacristia	60\$000
A' conta do orgão novo	778\$000
Grades do coro	7:200\$000
Ornamentos e frontaes para todos os altares, de damasco de ouro	1:540\$000
Cortinas para as tribunas das rainhas	245\$200
Mais ornamentos para a egreja	1:520\$090
Cafeteira de prata para a celleria	53\$200
Cortinas de droga para a camara da abbadessa	19\$620
Reparos nas enfermarias	2:344\$555

E depois de ter gasto 12:764\$720 em obras, joias e alfaias, ainda lhe restaram 10:400\$000 réis, que deu a juros!

A D. Maria Eufrasia de Lacerda deveu o mosteiro o Tombo novo, e á conta do orgão, que estava em fabrico, deu 2:906\$000 réis.

Na folha de serviços de D. Magdalena Xavier de Quadros contam-se: sete alampadas de prata para a igreja, a agoa da fonte nova, e outras obras de pequena monta.

A 25 d'outubro de 1802 reuniu-se a communi-
dade para nova eleição, e os votos caíram em D. Maria Joanna de Mello. Mas nem rogos, nem supplicas, nem ameaças a moveram a acceitar o cargo. A tudo, como ajuizada e prudente que era, preferiu a quietação da sua cella. Logo, no dia seguinte, se procedeu a outra eleição, saindo eleita D. Maria Thomazia d'Albuquerque.

Parece, porém, que o governo d'aquella real casa se tinha tornado difficil, porque em 1808, terminado o triennio de D. Maria Thomazia e procedendo-se a nova eleição foi votada D. Maria Victoria do Sacramento « porém tão resolutamente resistiu a este emprego, diz a chronista, que nem quiz ouvir a nomeação que d'elle havia de fazer o prelado e se foi metter na sua cella, aonde concorreu toda a communiidade, rogando-lhe quizesse acceitar o governo d'este mosteiro, para o que tinha toda a capacidade e talento; mas todas as diligencias e persuasões foram baldadas, e constante resistiu a tudo, de sorte, que de tarde no

mesmo dia, pelas tres horas, se procedeu a nova eleição, e depois de se votar quatro vezes, porque se não ajuntavam os votos necessarios, na ultima vez saiu eleita para abbadessa d'este real mosteiro de Lorvão a Ill.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Casimira . . . ». A esta e á sua successora, D. Anna Luzia de Vasconcellos Coutinho, estavam guardados os dias amargurados das invasões francezas.

No livro das abbadessas, que estou extractando, vem uma « relação do que se passou neste mosteiro desde a primeira invasão dos francezes, até que foram expulsos do reino a terceira vez, em abril de 1811 » a qual vou resumir.

Foi no verão de 1807 que chegou ao mosteiro a noticia de que o exercito francez marchava por Hespanha para invadir Portugal *. A communitade encetou logo uma serie de preces e de espirituaes devoções para que Deus afastasse o flagello ameaçador. Deus não lhe attendeu as orações e Junót entrou em Lisboa a 30 de novembro de 1807. As noticias da fuga da familia real, para o Brazil, não abrandaram o fervor das rogativas, antes mais o acrisolaram, augmentando a magoa e a consternação geral.

Em fevereiro de 1808 foi a communitade obrigada a reconhecer a Napoleão, e a enviar grande

* Convém notar que vou resumir o que está escripto, e não fazer historia, sob minha responsabilidade.

parte da prata, á excepção dos calices, para a contribuição de guerra, e a concorrer para o cofre dos invasores com um terço dos seus rendimentos, « do que pouco chegamos a mandar, escreve a chronista, porque em junho d'esse anno se começou pelas provincias do norte a rebellar a nação contra os francezes, que em agosto do dito anno foram obrigados a fazer uma convenção com o general inglez de evacuarem o reino, depois de serem muito batidos pelo seu exercito e portuguez na batalha do Vimieiro, o que se verificou no dia 15 de setembro ». O mosteiro recebeu a noticia da retirada das tropas invasoras com regosijo, que manifestou em sollemnes acções de graça.

Entretanto findava D. Maria Casimira o seu triennio e era eleita D. Anna Luiza. Poucos mezes se passaram sem que as não assaltassem novos sustos. O paiz viu-se ameaçado pelo exercito de Sault, que chegando a Chaves em março de 1809, passou por Braga e entrou no Porto em quarta-feira de trevas, 29 d'aquelle mez. Assim que isto constou em Lorvão o alvoroço foi grande, e algumas das monjas abandonaram logo a clausura á procura de refugio. A entrada, em maio, do exercito alliado em Coimbra impediu a avançada de Sault e salvou o mosteiro.

As religiosas que tinham saído voltaram « e todas juntamente agradeceram a Deus este novo beneficio ».

Antes, porém, de fugirem foram tomando as suas precauções. Passaram, para dentro da clausura os corpos das santas rainhas, e, com as joias e as alfaias, as esconderam em lugar seguro; « conservando-se tudo d'esta maneira até á terceira invasão do maior exercito commandado pelo general Massena, que entrou no reino e se fez senhor de Almeida em 22 de agosto de 1811 ».

Wellington com o seu estado maior alojou-se no mosteiro nos dias 19 e 20 de setembro, na casa dos padres, naquella onde um seculo antes D. Catharina de Mello tinha dado a lauta merenda ás suas freiras. Sigamos agora a narrativa singela da chronista. O general alojou-se ali « sustentando-se por sua conta, sem que do mosteiro fôsse mais que algumas cousas para o serviço; e um mimo de doce, que agradeceu muito á prelada, e a tratou com a maior civilidade, assim como á commuidade, e lhe disse não estavamos aqui bem, e nos deviamos retirar: para o que elle concorreria, em caso de precisão. Logo no dia 22, de manhã, começaram a sair d'este mosteiro algumas religiosas, mesmo a pé, consternadas e atemorizadas, por verem approximar o inimigo; e que já os padres confessor e feitor se tinham ausentado de noute sem o publicarem. De tarde saíram muitas mais, e a prelada, da forma que se poderam arranjar, e a maior parte sem parentes, não tendo antes os prelados proporcionado

meios alguns para isto, pela impossibilidade em que estava o mosteiro por falta de dinheiros ».

« D'este infausto dia até o ultimo do mez de setembro foi saíndo a commuidade, accommodando-se algumas religiosas mais velhas, e de terras mais remotas, com muitas criadas, no lugar de S. Mamede. Em o 2 de outubro, pelo fim da tarde, acabaram de sair as seis unicas religiosas que ainda aqui existiam, para o sitio de Valle de Fojo; como foi as M. M. Ex.^{mas} abbadessas D. Maria Archangela de Mello, e D. Maria Thomasia de Albuquerque, e as madres D. Antonia Gertrudes, D. Anna Barbara, D. Maria Delphina, D. Joanna Ferraz e D. Maria Candida, onde se conservaram até o domingo 7, amparadas pelo caritativo, zeloso e intelligente escrivão do mosteiro, José Alves Cardoso, que não só dirigia tudo o que respeitava a subsistencia e commodo possivel das religiosas, e grande numero de criadas, mas aqui o mosteiro, onde apenas tinham ficado quatro criadas muito velhas, para que não fôsse roubado pelo povo, como pretendia, e elle muito bem soube atalhar. »

Tiveram estas religiosas noticia de que no dia 6 os francezes tinham saído de Coimbra, e no seguinte, 7, que era domingo do Rosario, resolveram recolher-se ao mosteiro com mais quatro, que se lhes juntaram, vindas das aldeias visinhas, onde se achavam refugiadas. Naquelle domingo já

ouviram missa na sua igreja; e successivamente foram chegando outras até perfazerem o numero de vinte e cinco. Restabeleceram como puderam as obrigações cultuaes e monasticas e « continuaram logo com as suas supplicas a Deus, a quem davam graças por se verem outra vez no seu mosteiro, livres dos insultos barbaros de um exercito tão desenfreado; pois que apenas em S. Mamede encontraram duas religiosas, que foram a madre D. Paula Michaela já muito decrepita, e a madre D. Joaquina Candida demente, a quem não trataram como costumavam, satisfazendo-se em roubar os moveis de outras que para lá os tinham mandado ».

Na volta tiveram que soffrer uma epidemia de *malinas*, que atacou as criadas, das quaes morreram vinte e duas.

Escusado é dizer que dos religiosos da casa nenhum appareceu. Foram os primeiros a fugir e os ultimos a entrar. S. Bernardo, cujos filhos eram, deixou-lhes exemplos de mais valor e maior afouteza.

O susto continuo de que os francezes voltassem da provincia da Extremadura moveu parte d'estas religiosas a procurarem as casas de seus parentes, e outras foram para a quinta que o mosteiro possuia na Esgueira, onde algumas já se tinham homisiado, logo no principio de invasão. Em

de dezembro se lhes juntou a prelada D. Maria Luiza, que até então tinha vivido em Soure e suas visinhanças. E assim, a pouco e pouco, chegaram a juntar-se ali vinte e tres religiosas. Entretanto, apesar dos sustos continuos, das noticias das atrocidades que o exercito inimigo tinha commettido em Poiares, sempre no mosteiro se conservaram religiosas. Estas mesmas, porém, no dia 23 de março de 1812, tornaram a sair precipitadamente, fugindo para as visinhanças do-Bussaco, « ficando apenas no mosteiro as madres D. Maria Archangela de Mello, D. Leonor Joanna de Albuquerque, e D. Garcia Perpetua Beltrão e mais cinco religiosas que não se tinham ainda podido retirar ».

Esta fuga susteve-se quando chegou aviso de que os francezes desistiam de entrar em Coimbra, e que se retiravam em retirada por Foz d'Arouce, acossados pelo nosso exercito. As da Esgueira só tornaram ao mosteiro na semana antes da Paschoa, em principios de abril, e o resto foi voltando successivamente.

A madre D. Joanna Delphina d'Albuquerque, cartoraria, e uma das primeiras que se recolheu a Lorvão e onde depois sempre se conservou, escrevendo esta noticia, acrescenta :

« E pela misericordia de Deus nunca nos faltaram meios de subsistir no mosteiro, posto que não fôsse da maneira do costume, e soffressemos varias

precisões das cousas de primeira necessidade, tudo causado pela proximidade do inimigo; sendo muito de notar não descerem do alto da serra, d'onde o mosteiro se via, os francezes, que ali andavam em busca de saque, o que parece dever-se attribuir á protecção especial de Deus, por attenção aos piedosos thesouros que aqui conservamos dos veneraveis corpos das nossas santas rainhas, com a vista das quaes suavizou muito a communitade a lembrança dos trabalhos por que passou, a qual passo a escrever com a possível miudeza para constar a todo o tempo como se passou; e foi do modo seguinte ».

Infelizmente o resto da pagina está em branco, bem como a pagina seguinte. E' de crer que a doença a impossibilitasse de cumprir a promessa.

E comtudo não era velha, por que tendo professado em 1781, podia ter, na peor das hypotheses, cincoenta annos em 1812. Mas já nas contas de 1813-1816 não apparece o seu nome, e no seu termo de obito lê-se que falleceu a 16 de janeiro de 1820; «... e por causa das suas graves molestias a mandaram os medicos a remedios fora da clausura algumas vezes, e ultimamente vindo dos banhos do mar e estando em Coimbra, em casa de seu irmão inquisidor, foi assaltada de um accidente repentinamente, de que Deus a levou para si... ».

Lamento que tão cedo lhe caísse a penna; aliás conheceríamos como o mosteiro escondeu e

perseverou do roubo dos francezes as suas preciosidades; o que não conseguiu dos *liberaes*... para quem tudo foi pouco!

Nas contas de 1807 a 1810 figuram as seguintes verbas, que são curiosas na *petite histoire* que vou fazendo.

« Hospedagem do Marquez das Minas, generaes Francisco da Silveira, José Lopes de Souza e mais 2:300 militares que aqui se tem apresentado depois da restauração, e finalmente com a familia do general Bacellar, que tambem aqui passou e se demorou cinco dias, e com a familia dos Hortas, de Braga, que aqui veio ao tempo que os francezes entravam na cidade do Porto, e demorando-se nesta casa por espaço de tres mezes: 480\$000 réis. »

Para Coimbra mandou o mosteiro mantas para a tropa, e gastou com a brigada de caçadores que foi a Lorrvão: 1:344\$820 réis.

No triennio de 1810 a 1813 figura nas contas a « hospedagem a Wellington, a Bacellar, officiaes e mais militares, que aqui estiveram no tempo em que os francezes estavam nas linhas de Lisboa: 186\$295 réis ».

« Em mimos ao general Terant (aliás coronel Trant) e outras gratificações: 53\$730 réis. »

Os tempos difficeis que já se tinham iniciado antes da invasão aggravaram-se com esta. Os monjes brancos que administravam o mosteiro, não

o faziam melhor do que os negros do tempo de Sancho I, aos quaes a santa Rainha expulsou. As rendas da communitade, orçadas pelo sr. Alexandre Herculano, em trinta e dois contos, eram esbanjadas em regalos, luxo e festas opulentas. O grande historiador conta que « certa vez (os monjes administradores) não sabendo explicar plausivelmente o dispendio de uma verba de 600\$000 réis, escreveram numas contas irrisorias, que mostravam annualmente á abbadessa: palitos — 600\$000 réis ».

Seguiram-se as contribuições de guerra dos francezes e contra os francezes; e em 1826 a administração era tal que D. Pedro, pela *Junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das ordens regulares*, expediu uma provisão, a requerimento das religiosas, privando a abbadessa do seu emprego, pelos arbitrarios e ruinosos arrendamentos que tinha feito!

Depois vieram os tempos de D. Pedro e D. Miguel, e os *subsídios voluntarios* exigidos pelos governos.

Devo notar que dos muitos manuscriptos de varios mosteiros e conventos que me tem passado pelas mãos, só nos d'este encontro referencia directa á extincção das ordens religiosas, no seguinte termo de eleição: « Aos 20 do mez de junho de 1834, tendo a Ex.^{ma} Sr.^a D. Joaquina de

Bourbon * acabado de servir treze mezes de prelada, se extinguiram todos os conventos de religiosas, por ordem do novo governo da Sr.^a D. Maria II, ficando nós sujeitas ao ordinario, e logo recebemos ordem do mesmo governo para se eleger nova prelada *que fôsse addida ao systema constitucional*. (Gripho esta ordem dos liberaes). Saiu eleita a Sr.^a D. Auta José de Abreu ».

Os monjes bernardos que administravam a casa saíram d'ali deixando tudo empenhado; uma divida de perto de oito contos de reis, derrubadas as mattas, vendidas as madeiras, e levando o dinheiro comsigo. Veiu o fisco e fez que o mosteiro pagasse

* Esta abbadessa era grande musica, como deprehendo da seguinte decima que lhe foi dedicada por uma das suas discipulas, num livro que lhe offereceu :

Presidenta da harmonia
A vós vos fez o destino ;
Porque lugar tão divino
Sómente a vós competia.
A aula de melodia
Assim chegaes a illustrar,
Pois vossa voz singular,
Quando no canto se engolfa,
Dá nova doçura á solfa
Dá novo lustre ao logar.

MARIA MICAELINA.

vinte e cinco contos de decimas relaxadas, que os administradores tinham dado como satisfeitas.

A situação das religiosas peora de dia para dia. Os credores particulares apoderam-se do que bem lhes apraz; desapareceram os dizimos; acabaram direitos senhoriaes; os foreiros tornaram-sê recalcitrantes, confiados em que as justiças não os obrigariam a pagar como bons *liberaes* que eram, e fazedores de votos; e finalmente, em 1851, sendo presidente *in capite* D. Maria Rita de Bourbon, — que nunca quiz ser eleita abbadessa, e de quem o *Livro das abbadessas* diz: « é muito estimada de todas pela caridade com que as soccorre, e pela resignação com que leva os trabalhos que se offerecem » — o governo d'então cessou de abonar ás espoliadas o pequeno subsidio que lhes fôra concedido, e a fome entrou no vasto e empobrecido mosteiro.

Foi dois annos passados que se fez ouvir a grande voz de Alexandre Hereulano em favor da miseria, e o governo consentiu em continuar a dar como esmola uma infima parcella do que se tinha apoderado pelo direito da força.

O clamor d'aquelle grande homem foi ouvido, as suas palavras ainda hoje retinem aos nossos ouvidos, e do alto dos terraços, olhando para as cercas abandonadas, como que se ouve o echo d'ellas repetindo: « Peço esmola para as freiras de

Lorvão, que foram ricas e felizes na mocidade, e que na velhice têm fome. A velhice é sancta! ».

O seu grito de protesto, que é uma das paginas mais eloquentes que penna e alma portugueza em tempo algum produziram, tem o seu logar neste pequeno resumo da historia do lendario mosteiro.

Eis os mais importantes dos seus trechos:

« Meu amigo. — Escrevo-lhe do fundo do estreito valle de Lorvão, defronte do mosteiro onde repousam as filhas de Sancho I: d'este mosteiro melancolico e mal assombrado com as montanhas abruptas que o rodeiam por todos os lados: escrevo-lhe com o coração apertado de dó e repassado de indignação. Descendo a examinar o archivo das nobres cistercienses, penetrei no claustro por ordem da auctoridade ecclesiastica. Lá dentro, nesses corredores humidos e sombrios, vi passar ao pé de mim muitos vultos, cujas faces eram pallidas, cujos cabellos eram brancos. Esses cabellos nem todos os destingiu o decurso dos annos: a amargura embranqueceu os mais d'elles. Quasi todas essas faces tem-n'as empallidecido a fome. Morrem aqui lentamente umas poucas de mulheres, fechadas numa tumba de pedra e ferro. Estas mulheres ouvem de lá, do seu tumulo, o ruido do burgo apinhado na encosta fronteira, e dividido do mosteiro apenas por um riacho. Naquellas casas de telha-vã, negras, gretadas, desaprumadas, com o aspecto

miseravel da maior parte das aldeias da Beira, vive uma população laboriosa, que até certo ponto se póde chamar abastada, e a que, pelo menos, não falta o pão nem a alegria. No mosteiro sumptuoso, vasto, alvejante, com um aspecto exterior indicando quasi a opulencia, é que não ha pão mas só lagrimas. Lorvão é peor do que um carneiro onde se houvessem mettido vinte esquifes de catalepticos, sellando-se para sempre a lagea da entrada. O cataleptico, fechado no seu caixão, ouve, sente, tem a consciencia de que foi sepultado vivo. Nas trevas e na immobildade, o terror, a desesperação, a falta de ar matam-no em breve: a sua agonia é tremenda, mas não é longa. Aqui é outra cousa, aqui vê-se, por entre as grades de ferro, a luz do ceu, a arvore que dá os fructos, a seara que dá o pão, e tudo isto vê-se para se ter mais fome. Todos os dias uma esperança duvidosa e fugitiva atravessa aquellas grades de envolta com os primeiros raios do sol: todos os dias essa esperança fica sumida debaixo das trévas que á tarde se precipitam sobre Lorvão das ladeiras do poente. Depois as noites de insomnia; depois o choro; depois, sabe Deus se a blasphemia!

Dez vezes que tenhamos lido o Dante, ao chegarmos á descripção da torre de Ugolino, erriçam-se-nos sempre os cabellos. Mas Lorvão é uma torre de Ugolino. A differença está em que

no carcere da *Divina Comedia* havia um homem forte de alma e de corpo, afeito á dôr e ás scenas de dôr: aqui ha dezoito ou vinte mulheres na idade decadente, que se afizeram na juventude aos commodos, aos regalos, e até ao luxo compativel com ás condições da vida monastica. Lá o *fiero pasto* acabava, e depois morria-se rapido. Aqui não: aqui ha justamente quanto basta para prolongar por mezes e por annos o martyrio. Dir-se-hia que existe uma providencia infernal para que não falte ás freiras de Lorvão o restrictamente indispensavel para, lento e lento, se lhe irem os membros mirrando num longo expirar, debeis e senis.

« Imagine, meu amigo, uma noite de inverno, no fundo d'esta especie de poço perdido no meio da turba dos montes que o rodeiam: imagine dezoito ou vinte mulheres idosas, mettidas entre quatro paredes humidas e regeladas, sem agasalho, sem lume para se aquecerem, sem pão para se alimentarem, sem energia na alma, e sem forças no corpo, comparando o passado, sentindo o presente e antevendo o futuro. Imagine o vento que ruge, a chuva ou a neve fustigando as poucas vidraças que ainda restam no edificio; imagine essas orgias tempestuosas da natureza que passam por cima das lagrimas silenciosas das pobres cistercienses, e as horas eternas que batem na torre. Imagine tudo

isto, e sentirá accender-se-lhe no animo uma indignação reconcentrada e inflexivel.

« Ha poucos dias passou-se em Lorvão uma scena tremenda. Num accesso de desesperação parte d'estas desgraçadas queriam tumultuariamente romper a clausura; queriam ir pedir pão pelas cercanias. Custou muito conte-las. Tinha-se apoderado d'ellas uma grande ambição; aspiravam á felicidade do mendigo, que pode appellar para a compaixão humana, que pode fazer-se escutar de porta em porta. Era uma vantagem enorme que obtinham. A sua voz é demasiado fraca e os muros de Lorvão demasiado espessos. Gemidos, brados, prantos, tudo é devorado por esse tumulto de vivos. Ao menos surgiam como Lazaro da sua sepultura.

« Gemidos, brados, prantos, nada d'isto chega aos ouvidos dos homens que exercem o poder nesta terra: nada d'isso os incommoda. Entretanto, se eu falasse com elles, dar-lhes-hia um conselho. Talvez o ouvissem, porque a minha voz é um pouco mais forte que a das velhas freiras. Era o de enviarem aqui sessenta soldados, formarem as monjas de Lorvão em linha no adro da egreja e mandarem-lhes dar trez descargas cerradas.

« Desapparecia, a troco de poucos arrateis de polvora, um grande escandalo, e resolvia-se affirmativamente um problema a que nunca achei

senão soluções negativas, o da utilidade da força armada neste paiz.

« Sim, isto era util, porque era atroz; porque era uma festa de cannibaes; porque se gravava na mente dos homens; porque ficava na historia, como um padrão maldito, para instaurar no futuro o processo d'esta geração. Mas não era infame, não era covarde, não era o assassinio lento, obscuro, atraído, feito com a mordação na bocca das victimas. Corria o sangue durante alguns minutos, não corria o suor da agonia durante annos. Era uma scena de delirio revolucionario, mas não era um capitulo inedito para ajuntar aos annos tenebrosos do santo officio. »

A ultima professa de Lorvão foi a Sr.^a D. Luiza Magdalena Tudella, que deu a alma a Deus no dia 3 de julho de 1887. Findava assim, naquella valle, a instituição cisterciense com quasi sete seculos de existencia! Os ultimos tempos d'aquella religiosa foram cruelmente atribulados pelos abusos que se commettiam a coberto da sua incapacidade mental. E taes e tantos foram esses abusos, alguns dos quaes podem ser considerados como verdadeiros crimes, que o prelado diocesano, o actual Sr. Bispo-Conde, se viu obrigado a tomar providencias de character energico, afim de acautellar,

o que ainda existia de valor, e objectos d'arte de portas a dentro do edificio.

No seu officio de 17 de junho de 1877 declara que: constando-lhe « que os valores e preciosidades, paramentos, alfaias, guisamentos do culto divino, imagens, prata, louças antigas e moveis podem facilmente extraviar-se, e que alguns se teem extraviado já por estar muito velha e valedudinaria a R. madre abbadessa... » encarregava uma commissão de fazer inventario minucioso de tudo que ainda lá existisse, dando-lhe plenos poderes para entrar na clausura e concedendo-lhe as licenças e jurisdicções para o seu bom desempenho da missão que lhes confiava. Encarregava tambem a mesma commissão de indagar « se depois de 1858 d'ali saíram alguns dos objectos de que se trata e para onde, e no caso affirmativo quaes os meios que seria necessario empregar para elles se tornarem a haver ».

Um mez depois, quasi dia por dia, são tomadas mais rigorosas providencias, porque ao conhecimento d'aquelle Ordinario haviam chegado as provas de que se tinham « tirado clandestinamente, nestes ultimos tempos principalmente, muitos moveis, paramentos e outros objectos preciosos do mesmo mosteiro ».

« A abbadessa, parecia, diz o Sr. Bispo-Conde, estar loucamente apostada a deitar pela porta fora

tudo quanto ha no mosteiro, não escapando já nem os proprios santos... ». E, com receio de que ella sonegasse qualquer cousa valiosa á commissão inventariante, ordenou que o parochio, com auxilio da auctoridade administrativa, fechasse e pozesse fechaduras novas em todas as portas do mosteiro, cujas chaves estariam em seu poder e o seu uso sujeito á sua responsabilidade. Era encarregado de verificar tudo quanto saísse do edificio, podendo reter « o que fôr e parecer do mosteiro, e que não saia para uso e serviço d'elle ». Com taes medidas desgostou-se a velha abbadessa, queixando-se ao prelado e pediu-lhe transferencia para outro mosteiro, ao que elle respondeu: « E por que nos vieram falar no pedido de V. Ex.^a para a sua transferencia para' outro mosteiro, apressamo-nos tambem a declarar a V. Ex.^a que póde continuar a permanecer nesse, ou, obtidas as necessarias licenças, transferir-se para outro, como fôr mais da sua vontade, na certeza de que ahi, ou noutra parte nós faremos com que lhe não falte nada, e com que V. Ex.^a seja tratada com todo o respeito ».

Em 31 d'agosto do mesmo anno, o ministro concedeu a licença para a transferencia mas de que a requerente se não quiz utilizar.

Das senhoras que ali se extinguiram, quasi mortas de fome, muitas houve que, tendo entrado creancinhas de trez e de quatro annos para o mosteiro, não faziam idéa alguma do que fôsse o mundo para além dos montes, no fundo dos quaes viviam sepultadas em vida. Ainda hoje se conserva a recordação d'uma sr.^a D. Francisca, que perguntava a todos, que iam de fóra, o que era o mar? Como havia de ella comprehender as explicações que lhe davam se nem sequer nunca tinha visto o Mondego... no estio!

Outras ouviam com concentrada curiosidade a descripção que se lhes fazia d'uma carruagem; e nas suas pobres imaginações jámais chegaram a comprehender o que poderia ser o caminho de ferro.

Morreram quasi todas ignorando o nosso progresso, que as destruia, e os espectaculos da natureza, que não gosaram!

CAPITULO V

O QUE REZAM OS LIVROS DOS OBITOS

Não será a chronica de Lorvão sómente de desregramento de instinctos, de más paixões e desprezo das leis divinas e humanas. Em todos os tempos, sob aquelles tectos tantas vezes reconstruidos, floresceram a humildade, a crença e todas as virtudes que fazem o ornato singelo e santo das verdadeiras religiosas. Por mais arida que seja a charneca na praça das serras, por mais violentos que soprem os ventos devastadores, sempre se encontra, ao abrigo de qualquer prega do terreno, uma flor, que, por singular, maior belleza mostra e mais alto valor tem.

Depois da santa princeza D. Thereza, encontramos Maria Martins, de costumes simples e puros, que tendo feito, quando ainda conversa, voto de ir a

Jerusalem, depois que professou vivia mortificada sem saber como cumpril-o.

Nestas angustias se lamentava diariamente, quando aconteceu publicar o Santo Padre um jubileu plenissimo, auctorisando os confessores a commutar quaesquer votos. Maria Martins expoz o caso de consciencia que a mortificava ao seu director espiritual, e este mandou-lhe « que o tempo que havia de gastar no caminho de Jerusalem andasse por dentro do mosteiro, rezando certas devoções ». Obtido o consentimento da prelada, e tendo-se confessado e commungado, deu começo a essa romaria. Silenciosa, absorvida na contemplação dos mysterios da religião, caminhava pelos claustros, cercas e corredores, ajoelhando aqui, descançando acolá, indo ao refeitório comer quando todas já de lá tinham saído, indicando por um gesto á refeitoreira que desse o resto aos pobres, dormindo algumas horas onde quer que a noute a surprehiendia, affrontando os frios mordentes do inverno, e o sol tropical do estio, até que, completado um anno d'este errar incessante, ao bater da meia noute, cabiu de joelhos ante o altar do Sacramento, e erguendo as mãos em acção de graças « até horas que a sacristã foi para abrir as portas da egreja, e poder entrar o povo para ouvir missa, e chamando-a para que viesse para dentro algumas vezes, e vendo que não accedia, se chegou a ella e a viu estar

fria, sem espirito, mas tão formosa e com a còr do rosto tão clara e resplandecente que bem mostrava o corpo o logar para onde mandara a alma ». Fr. Bernardo de Brito, de quem heuemos a noticia do facto e d'onde fizemos a transcripção que acaba de ler-se, da sua *Chronica de Cister*, continúa : « Accudiu o convento a ver esta maravilha, e a deixaram estar d'aquelle modo á vista do povo todo, que veíndo tão rara cousa, e sentindo a fragrancia e cheiro que de si despedia, lhe beijavam os pés, e habito e cortavam d'elle para reliquias, com as quaes fez o Senhor grandes milagres; mas como os não puzeram em lembranças, não me é possivel contar mais, que esta breve summa, que nos ficou em tradição e escripta. Sepultaram-a em uma parede do claustro da colação, em um moimento feito de modo, que seu corpo ficou nelle da propria maneira que expirou, sentada de joelhos, com as mãos levantadas ».

Havia poucos dias que o seu cadaver tinha desaparecido para sempre no grosso da parede, quando de Jerusalem chegou um romeiro que perguntou por ella. Admiraram-se as monjas de que o nome da pobre conversa fosse sabido fora d'aquella casa e perguntaram ao recémchegado d'onde conhecia a pessoa por quem se interessava; ao que elle respondeu : que de ser sua companheira na peregrinação que ambos fizeram a Jerusalem;

e que em certo dia, ao separarem-se, lhe indicou o da sua morte, dizendo-lhe que lhe convinha chegar primeiro de que elle a Lorvão; onde saberia novas suas.

Trabalho, obediencia, resignação e caridade foram as virtudes por que se distinguiu D. Guiomar da Silva. O tempo que não occupava no coro, onde por sua vontade passaria a vida, gastava-o no leito, trabalhando em rendas e bordados, que mandava vender, applicando o dinheiro na compra d'um retabulo com os anjos, na de uma lampada de prata para as sepulturas das rainhas, e em mimos para as enfermas. Nunca reagiu contra a mais dura ordem, nunca da sua bocca saiu palavra que não fôsse uma consolação para outrem. Atacada d'apoplexia, quando se achava em oração, foi levada em braços pelas religiosas para a cama, onde lhe administraram a Extrema Unção. «... E chegando-se já o ponto da partida d'aquella alma ditosa, começaram umas e outras a ouvir uma musica mui suave e concertada, a qual no principio se não conheceu d'onde era, porque as religiosas que estavam com ella, cuidaram que as da igreja criam que fallecera já, e por isso lhe cantavam algumas antiphonas, e as da igreja cuidavam que falleceria já e a estavam encommendando, e acudindo ao

dormitorio depois de se verem juntas e ouvirem continuar as musicas tão claramente, e com suavidade tão exquísita, entenderam ser os santos anjos, que festejavam o transito da sua devota; e uma religiosa, chamada Anna Freire d'Andrade, jurou conforme a sua consciencia, que lhe parecia á letra que cantavam o devoto hymno *Te Deum laudamus*, que durou um pouco antes de expirar até muito depois; e ao tempo que deu o ultimo suspiro estava na igreja posta em oração uma sua amiga, que hoje vive, chamada Francisea Cardosa, a qual viu um raio de claridade discorrer desde o altar-mór até o meio da igreja e d'ahi subir para o alto, deixando o templo todo tão claro, como o sol ao meio dia; nem foi esta religiosa só a que viu o resplendor; por que muitos seculares, que viviam no lugar de fora, e alguns criados da casa, viram, no ponto que expirou, subir aquelle resplendor até o telhado da igreja direito ao ceu, tão claro e resplendente, que cuidavam ser fogo que se puzera no mosteiro ».

Não reza de mais santa nenhuma o padre Fr. Bernardo de Brito; o que não quer dizer que não tivessem existido; porque se vivos estavam os exemplos das Eças, é de crer que o grande numero de reliquias que o mosteiro possuia obrassem os convenientes milagres. Eram taes reliquias, entre outras de menor apreço: um espinho da Coroa de

Christo, uma grande parte do Santo Lenho, que se não fôsse a faculdade que tem de crescer já de ha muito se teria pulverisado; e a cabeça do abbade João, o defensor de Montemór, cuja agua passada por ella livrava da hydrophobia.

Mas o que não diz Brito encontrámo-lo nos livros dos obitos, dos quaes vamos extractar o preciso para mostrar que naquella, como nas outras casas religiosas, houve sempre bem e mal.

D. Antonia da Cunha de Sá. « tinha já cincoenta e seis annos de religiosa quando lhe deu uma terrivel queixa numa perna, que lhe quizeram cortar; mas depois entenderam ser cousa sobrenatural, pois abrindo uma grande chaga cresceu a pelle de cima e a cobriu como se fosse uma porta ou janella, que a fechava; e levantando esta pelle, que era como taboa, se viam cinco espirituaes chagas, quatro redondas e uma comprida. Assentava quem as via que eram as cinco chagas de Nosso Redemptor, de quem a serva de Deus era devotissima... ».

« ... Estas chagas nunca tiveram corrupção e chegando-se a ellas se conhecia uma especial suavidade, e ainda depois de morta de todas lançava sangue. Muitos annos padeceu com grande gosto e alegria, e Deus Nosso Senhor lhe fez outro maior favor que foi o de lhe dar gotta serena, ficando de todo cega; e só via na missa a hostia

e o calix, e um Menino Jesus que tinha na cella, com quem sempre estava; e tambem viu no dormitorio dois religiosos capuchos, estando para morrer a madre D. Bernarda Maria... »

D. Ignez d'Albuquerque, que falleceu em 1682, além de ter uma chaga no lado esquerdo, que sempre durante a vida escondeu, era « de tal limpeza de corpo que usando todo o vestido e roupa branca, usava d'elle até se romper sem se lavar, e estando já incapaz de trazer-se o não estava de estimar-se, por que se achava com a mesma candura que tinha na primeira vez que o vestia: o que causava geral admiração e devoção ».

A madre Maria José de Figueiredo, cega, perdeu um dia as contas, que lhe foram achadas por um menino, em cuja formosura se reconheceu o *Anjo da Guarda!*

No livro dos obitos não existe um unico termo em que se não faça a apologia das finadas, sendo o menos que as distinguia na vida: um complexo de *todas as virtudes*. Comtudo, lendo bem, vê-se que nem sempre assim era; e que a devoção, a

penitencia e a oração eram por vezes mal vistas e até perseguidas. Sirva de prova o seguinte trecho do termo de obito da madre D. Sebastiana de Albuquerque, fallecida a 2 de agosto de 1688: « ... padecia muitos trabalhos; sendo tão santa e branda de condição, todas *se apostaram a perseguil-a* pela verem retirada, e *das mesmas criadas da casa era despresada* . . . ».

Como isto deve ser verdade! E tambem verdade as ultimas linhas do termo: « ... estimando a morte como quem a desejava, por se ver livre das miserias d'este mundo, e unida com Deus, chamando á morte amiga, e cantando como outro cysne, esperava aquella ditosa hora ».

D'este quadro póde approximar-se o seguinte trecho da autobiographia de Joanna de Jesus, a grande visionaria, de quem adiante tratarei mais largamente.

Escreve ella: « ... e foi que servindo eu a muitas religiosas d'aquella casa em algumas occasiões de seu gosto e credito, procurando que outras vontades com a minha as seguissem. E como em uma lhe não saisse o negocio como ellas esperavam, tornaram-se todas contra mim, dizendo que eu lhes fôra falsa; e isto foi com tanta sanha e furor que chegaram a fâzer motins publicos contra mim e contra tudo o que era do meu sangue, de modo que todas as vezes que me viam em

o coro ou partes publicas me affrontavam com palavras... ».

D. Anna Machado, dava bofetadas em si, martyrisava-se, não falava a ninguem. Desde o dia em que professou recusou-se a ver qualquer pessoa extranha ao mosteiro. Tinha extases, em que se levantava da terra, mas « era tão amiga da obediencia, escreve o livro dos obitos, que, em lh'a pronunciando o confessor, paravam os extases ». Na sua cella apenas tinha uma taboa em cima de dois bancos por cama, e uma manta com que se cobria. Quando estava para morrer até da taboa se despojou, para expirar no chão. Exemplar vivo da humildade de S. Francisco.

A madre D. Luiza Maria de Andrade, que morreu em 1734, era muito pobre, e um dia deram-lhe um crucifixo, para se desfazerem d'elle, por ser mal feito e ter uma cruz pequena; pois a cruz cresceu ao tamanho devido, e o Senhor se transformou « como se fosse feito de novo por um singular imaginario... ». Na hora do transito repicaram os sinos por si proprios!

D. Bernarda Telles de Menezes, que morreu em 1738, foi casada antes de entrar para o mosteiro; a seu respeito observa o livro dos obitos: « ... e vivendo com seu marido alguns annos, quando a amortalharam estava o corpo tão flexivel, como se diz ficam os das virgens ».

Não acham curiosissima esta forma dubitativa da madre escritã?

Querem um quadro, d'uma severa composição, d'um momento da vida claustral? Eil-o ahí vac na sua grandiosa simplicidade.

D. Mariana de Moraes Madureira foi uma cantora excellente, cuja voz era encanto delicioso dos ouvidos. A morte roçou-a com sua aza, e quando se achava nos transes da ágonia, foi-lhe celebrada uma missa na capella do claustro, que ficava defronte da cella, onde jazia sem alento. A comunidade, as conversas, pupilas e servas, recolhidas e ajoelhadas enchiam o longo e sombrio corredor. O silencio era profundo, apenas perturbado pelo murmurio das orações do sacerdote, ou soluços d'uma ou outra religiosa. Eis que o celebrante levanta a hostia, e como era costume á missa conventual cantar-se o *Tantum ergo* naquelle acto,

a moribunda ergueu-se, e com essa voz, que foi o enlevo de toda a sua vida, entoou o sagrado hymno, no meio da commoção geral, expirando jubilosa ao esvaiem-se-lhe nos labios as ultimas notas.

A's vezes encontram-se noticias, que é pena não estarem sufficientemente desenvolvidas, pelo auxilio que poderiam trazer á historia de certos estados morbidos. As que vão ler-se pertencem a esse numero. D. Agueda Thereza do Espirito Santo morreu aos 9 de novembro de 1746, e diz o seu termo d'obito: « ... de uma doença tão malina, que ainda não tinha expirado, quando o doutor medico mandou abrir a sepultura, para que em morrendo logo a sepultassem, o que assim se fez... ».

D. Thereza Michaela de Carvalho passou os ultimos annos da sua vida, atormentada pelas dores d'um cancro no seio, e « compondo um livrinho de versos de amorosos affectos á paixão de Christo, e a todos os passos da vida do mesmo Senhor ». Com ella deu-se o seguinte curioso factó, que os medicos podem apreciar, se acima d'elles não ha outra sciencia que exceda a dos sabios da terra. Falleceu num sabbado (5 de março de 1785) pelas quatro horas da manhã. « ... depois de morta

tornou a recobrar a antiga formosura, de sorte que tendo mais de cincoenta annos, parecia que não tinha mais de vinte e cinco; ficou sumamente flexivel e corada umas horas mais, outras menos, com ar de riso. No mesmo sabbado, ás oito horas da manhã, a levaram para o coro com tenção de a sepultarem depois do officio de corpo presente; porém indo por acaso a sacristã a levantar o panño da tumba, achou que estava o corpo com tanto calor e flexibilidade como se estivera viva... »; « ...vindo o medico tomar-lhe o pulso, affirmou que ou estava viva, ou o parecia por virtude sobrenatural; e fazendo-lhe muitos remedios e experiencias, não deu signal algum de vida... ». Assim esteve exposta até o dia seguinte á veneração do povo. « E quando no sabbado, á noute, depois de completas, se cantou no coro a ladainha, repararam as assistentes attentamente para o cadaver, e lhes pareceu que estava suando, e examinando-o acharam que era verdade. E eu que isto escrevo me certifiquei da certeza d'este caso, por que pondo-lhe a mão no rosto a tirei molhada ». No domingo, ao meio dia, enterraram-a!

A declaração tem tal cunho de sinceridade, que não é licito duvidar da verdade da impressão. Não seria este caso uma especie de catalepsia hysterica, ao tempo desconhecida dos physicos de Lorvão?

Um caso de aberração do sentimento de familia é o que se encontra na vida da madre D. Mariana de Vasconcellos Coutinho. Parece que, embora educada no mosteiro, não foi por vontade de seus paes que professou. Um seu tio, porém, levou o odio ao excesso de a accusar ao padre geral de embusteira e hypocrita « chamando-lhe outros nomes injuriosos, até chegar a pôr tachas á sua pureza, cujos testemunhos eram tão falsos, como claramente prova a conducta da sua vida; pois em toda ella foi um exemplar da virtude da pureza, e a teve em tão subido grau, que, por muitas vezes, dizia aos seus confessores: estava prompta para padecer juntos todos os martyrios, que tem padecido todos os santos martyres, e para soffrer todos os tormentos do inferno, antes do que consentir em o mais leve pensamento contra esta, a que ella chamava: a sua muito amada virtude. Querendo, pois, o prelado dar satisfação á carta e aos capitulos que nella se continham, mandou ordem á abbadessa d'este mosteiro, para que, chamando esta religiosa á sua cella lhe lêsse a carta que contra ella lhe tinham escripto, e depois mandasse tocar a capitulo, adonde, diante da commuidade, a reprehendesse dos seus excessos, lhe tirasse o veu, e a açoutasse e mettesse em o carcere. Foi chamada pela prelada, leu-lhe esta a carta,

intimou-lhe as ordens, e perguntou-lhe o que queria que fizesse em tal caso? Ao que ella respondeu: — Eu, senhora, o que posso dizer é que sou subdita, o prelado quem manda, e eu devo obedecer, porque não só isso, mas muito mais mereço, por minhas culpas. Tudo isto dizia lavada em lagrimas de goso, por ver que seu Divino Esposo a ia, de algum modo, fazendo participante da sua cruz. Não se resolveu a abbadessa a pôr em execução as ordens do prelado, por conhecer a innocencia d'esta sua subdita, querendo primeiro informal-o da falsidade dos capitulos que lhe fizeram; mas não foi preciso, porque logo no outro dia chegou outra carta do mesmo prelado, em que mandava se não desse cumprimento á primeira, porque só a tinha escripto por satisfazer ao tio da dita religiosa, temendo que este rompesse em algum excesso maior ».

E' caso para exclamar: Que tio, e que prelado!

Por occasião da sua morte o seu confessor, além d'outras cousas, depoz: « ... que nesta alma se tinha conservado sempre a graça de Deus, e que este Senhor lhe conferira os sete dons do Espirito Santo, e os seus doze fructos, que teye em grau perfectissimo. »

Amen!

CAPITULO VI

MIGALHAS D'ANTIGA OPULENCIA. PRIVILEGIOS.

MORTALIDADE. NOTICIAS VARIAS

Foi quando os rigores dos institutos afrouxaram, quando nos mosteiros e conventos floresceram menos santas, que, com as tendencias luxuosas, se desenvolveu um certo amor pelas cousas da arte. Não quero com isto dizer que a fascinação da magnificencia bysantina não viesse até nós; e bastantes provas ainda hoje existem, nos preciosos vasos sagrados e caracteristicas imagens d'essa epocha; mas a maioria dos riquissimos utensilios cultuaes, o grande numero de quadros, que ainda hoje conservamos e apreciamos, começam a ser datados do seculo xv; e neste tempo o relaxamento claustral era já medonho.

No seculo seguinte accentua-se o movimento de acquisição. O ouro do oriente converte-se, nas

mãos de joalheiros de peregrina e phantasiosa arte, em calices, custodias e coroas, entre cujos relevos se fundem profusamente esmaltes realçados de diamantes, saphiras, esmeraldas, rubins e topazios, A prata da America fabrica thuribulos, navetas e lavandas lavradas nas escolas dos Benevenutos. As madeiras da India e do Brazil são affeiçãoadas e torneadas em mobiliario com incrustações de marfim, madre-perola e applicações de ornatos de metal recortado *. E' a epocha das louças transparentes da China e do Japão, dos riquissimos estofos, e das

* Do mobiliario, além d'um escabello que existe no Instituto Historico de Coimbra, e das magnificas bancadas do côro, que ficaram no mosteiro por pedido do sr. Bispo Conde, quando em 6 de junho de 1887 communicou a morte da ultima monja professa, foram recolhidas as seguintes peças ao museu das Janellas Verdes, em 1889 :

Um contador de pau santo, assente numa mesa de pés torneados com ornatos de metal, do seculo XVI ;

Uma cadeira de nogueira, de braços com talhã dourada, costas estofadas e assento de velludo vermelho, dos começos do seculo XVIII ;

Onze cadeiras com assentos de couro, sendo tres d'ellas d'espaldar, e quatro com costas abertas.

Mais foi recolhido ao museu :

Dois frascos chatos de louça da India, conhecidos pelo nome de *peritorios* ;

Tres quadros, pintura a oleo sobre madeira, de pouco valor, e representando : *S. João Baptista*, *S. João Evangelista* no martyrio, e *S. Miguel*.

sedas bordadas em saliencias altas, imaginadas e recamadas de preciosas pedrarias, revestindo os altares de frontaes, e os ministros do culto com as capas, casulas e dalmaticas. As cabeças episcopaes vergam ao peso das riquezas accumuladas nas mitras; e os baculos prelaticios curvam-se em graciosas e arrendadas volutas de maravilhosa cinzeladura. O cuito é um verdadeiro deslumbramento da vista; e se nelle ha pouca humildade christã, sente-se em todas as suas manifestações a intensa vibração d'uma arte requintada, misturando na mesma expressão reminiscencias pagãs e miragens orientaes. Seguem-se depois os damascos de fundos rosados e grandes flores cercadas de verduras; as pesadas obras do seculo xvii, caracteristicas ainda, embora mais productos da paciencia e ostentação de fausto do que impulso artistico; até que, por fim, o seculo xviii, com as suas convulsões sociaes, paralysa o movimento, e Lorvão, mosteiro onde a regra de S. Bernardo nem sempre foi seguida na mais ampla das suas larguezas, e onde se recolhiam as mulheres da primeira nobreza do paiz, apezar de escondido nas selvas agrestes, não se eximiu da lei geral. Mas o que nelle ainda se encontrou nos tempos miserrimos, faz sonhar o que seria nesse passado aureo, em que as monjas tinham para dispor d'uma renda de 80:000 cruzados, com o trigo a menos de tostão o alqueire.

O frio extracto do catalogo da *Exposição retrospectiva da arte ornamental* de 1882, será sufficiente para dar uma idéa, embora apagada, do que foi a magnificencia laurbanense.

Eis o catalogo :

Relicario de prata dourada. Altura 0^m.36. Tem dentro um humero attribuido a um dos Santos Martyres de Marrocos, cujo martyrio se vê pintado de um e outro lado, com guarneimento de perolas fingidas e pedras de côres. Fins do seculo xv ou principios do seculo xvi.

Frontal de damasco vermelho de seda e oiro, com faixas de velludo verde com bordados e applicação a fio de oiro e cordão de seda. Fins do seculo xvi.

Panno de pulpito de setim carmezim, profusa e elegantemente bordado a torçal de côres e oiro, tendo ao centro um medalhão com o rapto de Ganymedes, rodeado por um circulo de animaes phantasticos. Fins do seculo xvi.

Frontal de damasco de seda branca, tecida a ramos de oiro com faixas de velludo vermelho com bordaduras de applicação. A faixa superior tem ao centro um medalhão com uma aguia coroada, bordada a oiro tendo pendente do bico uma bolsa e uma cruz. Seculo xvi.

Frontal de damasco com ramos tecidos a oiro. Tem faixas de velludo encarnado bordadas a retalho. As faixas lateraes apresentam cada uma seu medalhão oval com o cordeiro sustentando a bandeira, na qual se vê a cruz. A do centro

tem outro medalhão com o Baptista. Os medalhões bordados a oiro e a torçal de côres. Franjas de oiro. Seculo xvi.

Capa de asperges de seda branca tecida em ramagens de oiro e seda representando imagens de santos. Cada santo em seu altar ou portada e na parte superior do arco um braço com as quinas. Fins do seculo xv.

Manto de seda côr de castanha com ramagens tecidas a oiro. Seculo xviii.

Pedra de ara de serpentina verde. Comprimento 0^m,33. Guarneçada de folha de prata dourada. Na parte inferior tem um braço de armas composto de cinco escudos em cruz com as quinas e de quatro castellos (talvez braço do appellido Eça). Em roda a seguinte inscripção em caracteres gothicos quadrados : EŒTA ARA COM TODAS AS PEÇAS DE INFRA CONTEUDAS MANDO FAZER NESTE DEUOTO MOESTEYRO DE LORUAÃO A MUY ILLUSTRE SENHORA HA SENHORA I ONA CATHARINA DECA ABADESSA DO DICTO MOSTEYRO. S. HA CRUZ QUE TEN HO LENHO DA VRA CRUZ E HO BAGO E HÛA PORTAPAZ COM PEDRERIA E DOIS CASTISAES E HÛ THURIBULO COM SUA NAUETA CULHER E DUAS GALHETAS E HÛ BACIO E DUAS CALDEYAS COM SEUS YSOPOS TODO ESTO DE PRATA E HA MOOR PARTE DAS PECAS DOURADAS E MAIS OVTO PONTIFICAES. & HOS TRES DE BROQUADO E HOS OUTROS DE SEDA E DOS DELLES COM BETAS DE BROQUADO E MAYS HUA UESTIMENTA DE BROQUADO E OUTRAS TRES DE BROQUADO E UELLUDO. ANQ. D. DMIL D XIII.

Par de castiças de cristal e latão. Altura 0^m,41 Seculo xv.

Caldeirinha de prata e cristal com um hyssope. Altura 0^m,23. A base é de prata dourada com ornatos de filigrana;

o vaso de cristal com guarnições de prata dourada. A guarnição superior é ornada de pedras e camafeus. O hyssope é de cristal com ornatos de prata. Seculo xvi.

Cofre de pau santo com ornatos de latão sobrepostos. Comprimento 0^m,86. Seculo xvii.

Baldaquino com capa de veludo carmezim, e guarnição, cantos e centros de prata. Nos cantos tem os emblemas da Eucharistia, e nos centros as armas da ordem de S. Bernardo. Altura 0^m.55. Interiormente é forrado de lhama de prata bordada a oiro. Seculo xviii. Pode abrir-se e armar-se á maneira de um altar com docel. Servia para levar o Viatico ás freiras enfermas.

Estes objectos existem hoje a bom recado, e convenientemente dispostos no sumptuoso museu da Sé de Coimbra.

Duas cadeiras em nogueira com pés de garras, assento e costas de couro lavrado, tendo no espaldar um cupido com o arco e setta na mão direita e na esquerda um coração. Pregos de grande cabeça dourada seguram o couro. Seculo xviii.

Estas cadeiras fazem parte do mobiliário do museu nacional, a que já me referi, n'uma das notas transactas.

Vestido de cambraia bordado a branco, da imagem do *Menino Jesus*. Seculo xviii.

Resplendor de prata com lavoires e tres pedras na base.
Seculo XVI.

Broche de oiro com diamantes. Comprimento 0^m,045.
Seculo XVIII.

Quatro baculos de prata, pequenos, de imagens de santos.

Estatueta de pedra pintada e dourada, representando
S. Thiago. Altura 0^m,35. Fins do seculo XV ou principios do
seculo XVI.

Taça de vidro.

Bacia de vidro octogona.

Jarro de vidro.

Ignora-se que destino tiveram estes objectos,
depois que figuraram na exposição!

No museu do Instituto de Coimbra, além da
cadeira abacial, existe um

Frasco de vidro figurando a parte posterior a dum peixe
com cabeça e azas de ave.

Seria injustiça não citar os cuidados que o
Sr. Bispo-Conde tem empregado na conservação
das preciosidades que pertenceram a este mosteiro.

Ainda ultimamente, appoando um justo requerimento da junta de parochia de Lorvão, dirigiu ao governo o seguinte officio, que deve de ficar ligado á historia d'este mosteiro.

Senhor. — A junta de parochia da freguezia de Lorvão encarregada por decreto de 6 d'agosto de 1887 da conservação da igreja do mosteiro, que é a parochial, e do côro e das respectivas cadeiras, que são a maior riqueza e maravilha da arte christã que temos em pau preto, constando-lhe que foram ou que vão ser dadas a egrejas e capellas ruraes algumas capellas e imagens e ornatos do claustro, acaba de me dirigir a representação inclusa, para eu pedir a Vossa Magestade que tal cousa se não faça.

Senhor. — E' bem conhecido e pelo menos muito falado este monumento da nossa fê e das nossas riquezas e glorias em tempos que lá vão. Visitam-no ainda hoje de perto e de longe nacionaes e estrangeiros, e não pode deixar de curvâr-se de respeito perante elle quem tiver ainda nalguma conta as grandezas e inspirações religiosas e artisticas do seu paiz.

Não pode bem separar-se da igreja e do côro o sobredito claustro, que pelo contrario sobreleva e realça mais ainda a importancia e grandezza d'uma e d'outro com os seus altares e com o ouro ainda bem conservado e precioso dos seus ornatos, e a mesma junta, que apenas lhe foi confiado aquelle encargo, tem feito todos os esforços e promovido até subscrições para salvar da ruina alguns dos mesmos altares e capellas, como declara na sua representação, não pode ver sem magua e sem dôr que se espalhem e dessiminem pelas capellas pobres das aldeias as ricas talhas das capellas dos claustros de Lorvão.

E, em verdade, não poderão deixar de achar justificada a sua magua e de applaudir os seus clamores todos aquelles cujo coração não fôr ainda de todo insensível á destruição das grandes obras e monumentos do passado.

Deixem-se pois estar essas capellas onde estão, porque embora arruinadas e em completo abandono desde ha muitos annos até agora, são ainda reliquias venerandas que no seu conjuncto representam e attestam quanto foi crente, artistico, emprehendedor e grande o espirito do povo portuguez nos primeiros tempos da nossa monarchia. Ao passo que dessimnadas por differentes egrejas e capellas pobres não representam e significam senão a disformidade d'ellas, da arte e do culto e não poucas vezes as lastimas d'uns e as censuras d'outros, porque as applicações d'estes altares e ornatos a templos e logares para que não foram feitos, semelhantes aos remendos de panno fino em burel grasso, rarissimas vezes ficam bem.

Senhor. — Advogando a existencia e conservação d'este mosteiro, tive a honra dizer na minha representação de 6 de julho de 1887, que devia ser grande o nosso remorso, ou antes a nossa vergonha, por termos deixado perder umas vezes e por termos arrasado e destruidos outros tantos monumentos e preciosidades historicas das nossas provincias e que já era tempo de emendar a mão e de salvar o pouco que ainda nos restava.

E, advogando agora perante Vossa Magestade o deferimento das justissimas supplicas da junta de parochia da freguezia de Lorvão a favor do seu mosteiro, supplicas que não poderão deixar de mover o animo illustrado e patriótico de Vossa Magestade e do seu governo, tenho a honra de dizer o mesmo, porque se infelizmente não podemos continuar as nossas honrosissimas tradições, não deixemos ao menos apagar de todo os seus vestigios.

Mas, Senhor, se alguns objectos do culto do mosteiro de Lorvão ou d'outro qualquer do meu bispado, por não poderem

restaurar-se e conservar-se onde estão, correm o risco de se perderem de todo sem proveito ou vantagem nem para a historia nem para a arte nem para ninguem, eu não me opponho, mas antes louvo, que elles, podendo transferir-se para outra parte, se aproveitem para o serviço da religião e do culto da diocese a que pertencem.

Peço porém a Vossa Majestade que antes de isto se fazer alguns membros da commissão dos monumentos nacionaes, ou outras pessoas competentes e entendidas na materia, examinem e informem quaes os objectos que devem conservar-se e quaes aquelles de que pode dispor-se.

E depois d'isto ainda, Senhor, peço tambem a Vossa Majestade que o ministerio da fazenda não disponha das cousas da religião e do culto para uma ou outras egrejas unicamente por seu alvidrio, como agora se faz, e sem pelo menos ser ouvida a auctoridade ecclesiastica, para não acontecer, como já tem acontecido que algumas por terem melhores protectores e menos necessidade se convertem em armazens de altares e de santos dos conventos extinctos, e que outras, por não serem tão protegidas, embora sejam mais necessitadas, fiquem sem nada. — Deus guarde a Vossa Majestade. — Coimbra, 10 de dezembro de 1898. — *Manoel*, Bispo-Conde.

A magnificencia do mosteiro, que se extinguiu na miseria, pode tambem avaliar-se por uma nota breve das localidades onde possuia herdades, prazos, foros, bagatellas, almoinhas, direitos de pescado e outros. Sobem ellas a mais de quatro centos e cincoenta nos limites, termos e comarcas de Coimbra, Aveiro, Esgueira, Vizeu, Guarda, Lamego, Miranda, Guimarães, Thomar, Leiria, Porto, Alemquer,

Lisboa, Torres Vedras, Setubal e Alcacer do Sal. Tinha além d'isto o padroado ou dizimos das egrejas de: S. Pedro e de S. Bartholomeu de Coimbra, de Botão, S. Martinho de Villela, Souzellas, S. João de Brafemeas, S. André de Sases, S. Martinho d'Arvore, Miul, Casal Comba, Foz d'Aroce, Serpins, Goes, Carvalho, Penacova, Travanca de Penacova, Sameice, Figueira, S. Pedro d'Espinho, Cantanhede, Cadima, Cacia, S. Martinho de Salreu, Santa Eulalia dos Coutos de Vizeu, S. Martinho dos Coutos, Frexedo, S. Miguel de Besteiros, Móllelos de Besteiros, Santo André da Covilhã, Bordobre, Santa Olaia.

Além de todos os privilegios, concedidos durante o correr dos seculos á ordem de Cister, Lorvão tinha outros que lhe eram particulares.

Indicarei, d'entre a enormidade d'elles, os mais importantes.

Estava isento da jurisdicção episcopal e quasi que da do abbade geral d'Alcobaça, porque era concedido ás freiras escolher os frades da ordem, que bem lhes parecia, para as confessar e dizer-lhes missa; assim como recusar os que os superiores lhes mandassem.

Os seus capellães podiam administrar os sacramentos, sem licença do bispo, tanto em Lorvão, como em S. João da Figueira.

A nenhum sacerdote era licito officiar em Lorvão, nem assistir aos officios divinos, sem consentimento da abbadessa.

Quando o rei passava por lá, o mosteiro e a abbadessa estavam isentos de lhe pagar colheitas * e jantar.

O tabellião do mosteiro tinha fé publica.

A abbadessa usufruia o direito de mandar pescar em qualquer ponto do Mondego, sem que ninguem a pudesse impedir.

D. Fernando concedeu que os seus caseiros não pagassem jugada **. Estavam tambem, tanto elles como todos os serviçaes, isentos das fintas, talhas, encargos e tributos dos concelhos, e de albergarem em suas casas contra sua vontade.

O mosteiro herdava os bens da freira que se ausentasse, e podia mandal-os vender.

D. Affonso IV mandou que se não fizesse força ao mosteiro sobre as suas propriedades.

* Colheita era certo foro ou pensão que os vassallos pagavam ao principe ou senhorio, quando este vinha á terra uma vez cada anno. *Colheita, collecta, comedeira, procuração, visitação, jantar e parada*, são synonymos, ou em muito pouco differem. Conf. Viterbo, *Elucid.*

** Direito que se pagava de cada jugo de bois, com que em terra *jogadeira* se lavrava um moio de trigo ou milho. Tambem se disse *jogado* o tributo que pagavam certas terras do pão que nellas se semeava. Conf. Viterbo, *Elucid.*

Os criados da ordem podiam comprar nos mercados antes de outras quaesquer pessoas.

Se os seus gados invadiam as propriedades alheias não pagavam coima, e apenas o damno que tivessem feito.

Uma forneira do burgo foi obrigada por sentença a cozer o pão do mosteiro e dos moradores.

Estes privilegios eram amiudadas vezes confirmados pelo poder regio, e D. João II confirmou muito especialmente o de couto de homisiados que tinha e usava Lorzão em seu mosteiro, e mandou que lhe fôsse restituído um monje, que as justiças lá tinham ido buscar!

Segundo as *Definições* da ordem de Cister, approvadas em 1592, Lorzão tinha que concorrer com 4\$000 réis para as despezas dos visitadores. A contribuição total que deviam perfazer os dezoito mosteiros cistercienses, que então existiam, era de 50\$000 réis; contribuindo os de Salzeda e Ceixa com a quota maxima de 5\$000 réis. Odivellas, Tarouca, Bouro, Arouca. Lorzão com 4\$000 réis, e os outros d'ahi para baixo até 1\$000 réis.

Pelas mesmas *Definições* o capitulo geral da ordem determinou que não houvesse em Lorzão mais de cento e doze religiosas, entrando neste numero as conversas e as pupilas do coro.

Foi alguma vez excedido este numero? Creio que nunca; embora não conseguisse averiguar ao certo quantas religiosas, no correr dos tempos, povoaram o mosteiro. Apenas indirectamente, pelos livros das *Folhas* das abbadessas, pude chegar ao conhecimento approximado d'esse numero*.

Existem ainda approvações desde 1742 a 1831; sendo para notar que no triennio de 1775 a 1777 houve leitura annual, o que é um symptoma de mau governo, visto que de tanta fiscalização necessitou.

Assignavam estes termos todas as religiosas, ou unicamente as que assistiam ao acto, ou ainda só as que os approvavam?

Suspeito que eram sómente as que approvavam, ou quando muito as que accudiam ao coro, não comparecendo as contrarias. Deduzo isto das contas do triennio de 1747 a 1750, approvadas por cento e seis religiosas, e as do triennio seguinte apenas por trinta e sete d'ellas. Por morte não foi, porque de abril de 1750 a 1753 só falleceram doze religiosas, numero que, se representa mais da media annual,

* O livro chamado *Folha* era um caderno onde, em resumo, se lançava a conta da despeza e receita, e que no fim do abbadessado era lido no coro, em communiidade plena, ou que o devia ser, a qual approvava as contas que lhe eram apresentadas pelo confessor, ou com a assistencia d'este, e assignava o termo de approvação. — Podem ser consultados no Real Archivo da Torre do Tombo.

nada tem de extraordinario. No abbadessado seguinte (1753-1756) eleva-se o numero das signatarias a cincoenta e quatro; cresce a sessenta e oito, no abbadessado de 1756-1759, para de novo baixar nos que se seguem a cincoenta e sete, cincoenta e oito, cincoenta e uma, cincoenta e seis. No resto do seculo nunca mais baixou de sessenta e uma.

A media, pois, tirada por estes assentamentos, dá-mé 74,8; media como se vê, sem certeza; mas entrando em linha de conta com as doentes, que é de crer não assignassem, podemos contar que nunca existiram em Lorrão, no seculo XVIII, menos de oitenta religiosas.

Durante este seculo, a mortalidade foi de duzentas e sessenta e seis professas, assim divididas pelos differentes mezes do anno:

Março	36
Abril	27
Dezembro	24
Janeiro	24
Junho	24
Novembro	22
Outubro	21
Fevereiro	21
Agosto	20
Julho	18
Maió	15
Setembro	14

O mosteiro, collocado no fundo d'um valle, humido, abafado, resguardado dos ventos, devia ter um clima que actuasse perniciosamente naquellas mulheres sedentarias, e as mudanças de estação, os nevoeiros que quasi sempre traz consigo o decair do sol, o inverno rigoroso deviam ser fataes áquelles temperamentos. Assim vemos que maio brando e regular, julho, agosto e setembro quentes são os mais benignos.

As *queixas* do peito eram ali frequentes; não raro o cancro, declarado e evidente nos seios, ou considerado como chaga milagrosa, cujas excreções putridas se conservavam como preservativo milagroso, por morte da martyr! Registam-se tambem muitas religiosas tolhidas pelo rheumatismo ou pela gotta; e umas trez ou quatro cegas. Não sei se alguma d'estas teve a conformidade de certa freira de Santa Clara de Villa do Conde, a qual, querendo-a um medico operar, para tornar a ver a luz do sol, regeitou a cura, porque seria ir contra a vontade de Deus, libertar-se de um mal que Elle lhe tinha enviado, para sua maior provação neste mundo!

A media da mortalidade, no seculo xvii, avaliada pelos ultimos dezoito annos, dos quaes nos restam assentos, foi de vinte e oito por anno; sendo os

annos mais castigados os de 1684 e 1694, nos quaes falleceram quatro monjas em cada um d'elles.

A administração economica do mosteiro era exercida pela abbadessa, com fiscalização da priora, sub-piora e quatro deputadas, juntamente com o confessor. Mas quem administrava os bens era o feitor ou procurador, que dava do recebido e do gasto as contas que bem lhe parecia.

Os dotes, que durante muito tempo não podiam ser inferiores a mil cruzados, afora propinas e gastos accessorios, mais tarde foram elevados a oito centos mil réis.

Era de praxe que cada religiosa que se sangrava tivesse direito a trez gallinhas. As gallinhas, em Lorvão, no seculo xviii, custavam cento e cincoenta réis cada uma.

A cantora que levantava o *Te-Deum* pela eleição da abbadessa recebia quatro mil e oito centos réis de propina.

Uma vestidura completa para o padre procurador importava, no seculo xviii, em trinta mil réis.

Foi a madre D. Maria de Sousa, fallecida em 1653, quem, por sua muita devoção aos Santos Martyres de Marrocos, instituiu o costume de se vestirem cinco creanças com o habito de frades franciscanos, que assistiam á missa da festa. Depois o mosteiro dava-lhes de comer, uma esmola de dinheiro, e as vellas com que, accesas, assistiram á solemnidade.

Havia em Lorvão uma imagem de Nossa Senhora, lavrada em pedra e cuja proveniencia e invocação se ignorava; sabendo-se apenas que era muito antiga. Uma vez, sendo invocada a favor d'um morto, restituiu-lhe a vida, d'onde lhe veio o nome de *Nossa Senhora da Vida*, que ainda conserva.

Maria Pacheco era muito devota de *Nossa Senhora da Soledade*, e tanto que encommendou que lhe fizessem uma imagem, para a qual mandou levantar uma capella no claustro. Qual não foi a sua

magua quando, ao receber a escultura viu que era um monstro informe, e que mais provocaria a irrisão do que sentimentos devotos. Envergonhada fechou-a numa arca, nunca mais a quiz ver, e mortificada ia passando a vida, sonhando para a sua querida Senhora uma formosura que o artista não soubera realizar. Um dia, porém, lembrou-se de abrir a arca e qual não foi o seu espanto vendo uma formosissima imagem que, para viva, só lhe faltava falar. Correu a perguntar se alguém lh'a tinha trocado, e verificou que só um milagre de crença e devoção poderia ter operado a mudança. A imagem foi collocada no altar que lhe estava destinado, a todas as sextas feiras o rosto se lhe enfiava como de quem soffria. Era ella que até ultimamente servia na procissão do encontro.

D. Thereza Sancha Mafalda, natural de Lisboa, foi eximia na musica, que aprendeu com seu irmão, frade bernardo, mestre e contrapositor. Compoz as matinas para as festas da *Conceição*, *Natal*, *Senhora das Dores*, a missa para este dia, e quasi todos os hymnos das varias festividades *.

* A quantidade de musicas que ainda se encontraram no espolio do mosteiro, algumas até compostas por monjes de S. Bernardo, principalmente nos primeiros annos d'este seculo,

O cartorio do mosteiro, além de grande copia de documentos que recolheu Alexandre Herculano, ainda conservava muitos livros de contas e outros

leva-me á convicção de que nunca, ou por pouco tempo, foi ali cumprida a seguinte circular, que, na segunda metade do seculo xvii, foi enviada pelo D. Abbade Geral a todos os mosteiros da ordem.

« Sendo com toda a attenção ponderados na presente junta os muitos e prejudiciaes inconvenientes, que resultam de se usar entre nós de canto de orgão, e attentas as razões que moveram a Santidade do Papa Alexandre VII para prohibir o tal canto nas egrejas de Roma, especialmente nos mosteiros de religiosas, como se vê de duas suas constituições emanadas sobre este particular no anno de 1657. Tomando-se nesta materia madura determinação, por se achar ser assim maior serviço de Deus, e bem commum de religião, ordenam e mandam, que nem neste mosteiro d'Alcobaça, (que como cabeça deve servir d'exemplo aos mais) nem em nenhum outro da nossa congregação, assim de religiosos como de religiosas, se use d'aqui em diante, em festa alguma, por mais solemne que seja, de musica de canto d'orgão, nem de instrumento musico algum, mais que orgãos, e manicordios para aprender; o que nosso reverendissimo padre geral, padres abbades, madres abbadessas, priores, prioresas e mais prelados e preladas, que ora são e ao diante forem, farão cumprir em virtude da santa obediencia, e privação de seus cargos; e somente se usará do canto d'orgão, ou gregoriano apontado em os livros da ordem; nem outrosim nas procissões, se cantarão os psalmos de fá bordão, ou cantarinho, senão a coros pelo tom que os padres cantores e madres cantoras levantarem, e até parecer mais conveniente e edificante ».

que se acham no real archivo da Torre do Tombo *. A bibliotheca deu livros para a Universidade de

* Entre os volumes recolhidos á Torre do Tombo, em 1878, os mais notaveis e preciosos são os seguintes :

CAPITULAR E COLLECTAS que não tem o breviario, feito no anno da encarnação de 1503 por fr. Thomé, capellão do mosteiro de Lorvão, por ordem de D. Margarida Coelha, monja do mesmo mosteiro.

PROCESSIONARIO. Livro de canto chão nas procissões, acabado em 12 de março de 1504.

PSALTERIO, que principia: *Beatus vir qui non ibiit in consilio impiorum.* Provavelmente do seculo XIII, com figuras nas margens d'algumas das folhas grosseiramente desenhadas, mas que são um dos raros elementos de estudo do vistorio d'aquellas epochas, que hoje possuímos.

PSALTERIO E BREVIARIO que principia: *In vigilia Sollepnitates.* Suppõe os paleographos que possa ser do seculo XIV.

CODICE DO SEculo XII, tendo no fim a seguinte declaração: *Scriptus est liber iste ad laudem et honorem dei omnipotentis et sancti Mametis, laurbanensis monasterii tempore regis Alfonsi in diebus Johannis abbatis.* Era M. CC. XXI. Geralmente conhecido pelo *Livro das aves*, é uma copia de parte d'um dos livros attribuidos a Hugo de S. Victor, fallecido em data incerta, mas posterior a 1173, e dedicado ao converso Rainerio, que muitos entre nós, por má leitura, tem considerado como auctor. Nos codices d'Alcobaça ha outra copia. Este *volucario* anda impresso, com variantes nas obras completas de Hugo. O codice trata da vida e costume de certas aves, e termina com um capitulo onde, sob o titulo de ANTHROPO se faz uma descripção do homem, alheia ao *Tratado* de Hugo. Tem curiosissimas illuminuras; entre outras, além das aves que descreve, a de dois bésteiros, por onde se pode apreciar as

Coimbra, separados pelo dr. Philippe Simões, e ultimamente ainda foram inventariados alguns centos de volumes, incorporados, hoje, na bibliotheca nacional de Lisboa, com grande porção de musicas, muitas d'ellas originaes *, e alguns livros de coro, em pergaminho, com illuminuras.

béstar da epocha, uma de arco simples, e a outra de gatilho; e termina com um desenho representando o Creator, tirando Eva d'uma costella d'Adão.

CEREMONIAL, feito em 1547.

PROCESSIONARIO, que se suppõe do seculo xvi.

DEFINIÇÕES da Ordem de Cister An. Domini M. CCC. octavo.

LIVRO DA PAIXÃO DE CHRISTO. Será do seculo xvi? Será copia ou fragmento d'um evangelho apocripho?

EXPOSIÇÃO de Santo Agostinho sobre os psalmos. Era M. CC. XXII (?).

E outros de canto chão, com officios, e missas.

* Entre as musicas recolhidas, umas completas outras truncadas, umas para vozes e orgão, outras com acompanhamento de quarteto de cordas, ha bastantes cujos auctores tem passado desconhecidos, e que não serei eu, por certo, que os leve á posteridade nesta nota. Não impedirá isso que lhes não estampe os nomes, para que, quem fôr mais curioso, possa consultar-lhes os trabalhos na bibliotheca nacional de Lisboa, na secção de musica, ultimamente ali organizada com os espolios das casas religiosas.

Citarei, em primeiro lugar, aquelles de que nem o sr. Joaquim de Vasconcellos teve noticia. São elles: Fr. Francisco do Carmo, organista d'Alcobaça; Fr. Antonio de S. Joaquim, de que se encontra uma composição de 1808; Fr. José de

O ultimo termo de profissão que foi lavrado no respectivo livro é o de D. Maria Henriqueta dos Remedios e Almeida, em 24 de setembro de 1820.

Santo Antonio, cujas composições tem a data de 1774; Fr. José de Nossa Senhora dos Remedios, que foi franciscano da provincia de Portugal e que ao tempo de escrever para Lorvão estava em Villa do Conde; Fr. Antonio de S. Joaquim Almeida; Manuel José Ferreira, de Coimbra, e dos ultimos annos do seculo xviii (1791-1798); Fr. Francisco de Paula; Fr. José d'Assumpção; Antonio Joaquim dos Santos; José Antonio Costa; José Joaquim da Matta Freire; José do Espirito Santo e Oliveira.

D'outros mais conhecidos, e de que em Lorvão existiam musicas, podem-se encontrar esclarecimentos na obra *Os Musicos portuguezes*, do acima citado auctor. São elles o grande Marcos Antonio Portugal, de quem se cantava um *Te Deum*; o conhecido Fr. José Marques; o mestre de capella da Sé de Coimbra e lente de musica da Universidade, José Mauricio; Luciano Xavier dos Santos, que italianisava o appellido escrevendo *di Santi*; Antonio Leal Moreira; Camillo Cabral; e o padre Estevam Joaquim Relvado Vidigal, que em 1783 era beneficiado e organista da Sé de Elvas; que bem pode ser o verdadeiro nome do Vidigal a que allude Francisco Diniz da Cruz e Silva, no seu poema o *Hyssope*; embora em um *Hyssope* manuscripto da bibliotheca da Universidade, copiado por Domingos dos Santos Moraes Sarmiento, professor d'escripta na rua dos Algibebes (1795) se indique, numa chave que acompanha a copia, que o seu verdadeiro nome é Francisco Vidigal Negreiros.

O de eleição abbacial, tem a data de 12 de setembro de 1861, sendo eleita a sr.^a D. Maria da Graça Pessoa; e o de obito lavrado, é de 21 de janeiro de 1865, pelo fallecimento da madre Maria Augusta da Silva.

Na segunda metade do seculo XVIII, viveu neste mosteiro uma religiosa, cujo nome a tradição não conservou, e que escreveu e fez imprimir a *Novena das gloriosas rainhas S. Theresza e S. Sancha*. Era uma escriptora de linguagem correcta, estylo facil, e superior ao que então era usado pelos padres mestres nos seus longos e diffusos sermões.

Eis uma pequena amostra que qualquer, tratando do assumpto, ainda poderia escrever hoje. Medita-se a virtude da *Mortificação*, e a auctora escreve:

« Fez tão viva impressão nos corações das nossas santas rainhas aquella divina lei que nos manda tomar sobre nossos hombros a pesada cruz das mortificações, para sermos verdadeiros discipulos de Jesu-Christo, que não obstante o ser esta a mais contraria á natureza humana, e a que mais se oppõe ás nossas paixões, e appetites, a observaram com tanta facilidade e exacção como se ella fosse a mais facil que nos recommenda o Evangelho: seus jejuns foram tão frequentes, que pareciam incompativeis com a fraqueza do seu sexo: suas

disciplinas tão violentas e crueis, que muitas vezes acabavam em desmaios: suas vigílias tão continuadas, que quasi não permittiam descanso algum a seus fatigados e penitentes corpos, sendo ainda esse pouco, que lhes concediam, em umas camas tão duras e tão asperas que só pareciam instrumentos destinados para as affligir e despertar: enfim toda a sua vida foi uma continua cruz, que ellas mesmas fabricaram para viverem crucificadas com Christo, e para o acompanharem quanto possivel em seus tormentos. »

Para se apreciar devidamente a sobriedade invejavel d'este trecho, convem dizer que saiu impresso em 1762.

Ao meu particular amigo Annibal Fernandes Thomaz, bibliophilo e erudito de muito valor litterario, devo o conhecimento d'um poema cuja data se póde fixar nos fins do seculo XVIII, mais pelo estylo do que por outro qualquer indicio. Refere-se elle a Lorrvão e tem por titulo: *Laureolas cristalinas. Poema heroico-sacro. Formado das prodigiosas vidas das melhores Serejas do Mondego as Serenissimas e Augustissimas Raynhas S. Thereza e S. Sancha com o elogio á Inclita Raynha de Portugal S. Isabel Aragoneza. Dedicado ás mesmas Sanctas e Regias Heroynas Por*

Quiteria Rosa Ferreira Themudo de Laserra e Salema.

O poema é em dez cantos; mas nove d'elles teem por assumpto as duas rainhas; e o decimo, como diz o ante titulo, é um *Appendice ao Poema com o Elogio á Inclita Rainha Sancta Isabel.*

D'elle extraio as oitavas do canto 6.º, por meio das quaes a auctora nos descreve o valle de Lorvão e a chegada e saída d'ali dos primitivos monjes.

10.

Profundo valle por entre altos rochedos
de aspera serraania se levanta,
e fazendo mais brutós os penedos,
que ser estancia barbara decanta;
de tigres e leoens somente enredos
parece ser o sitio, e se adianta
em forma a perspectiva de escabroso,
que pavor faz ás gentes o horroroso.

11.

Entre o nascente e o norte faz assento
breve planicie bella e deleitosa;
frondoso bosque ameno, não violento,
preside á clara lympha sonora,
murmurio de cristal, que em seu concento
da nympha Echo é voz especiosa,
parecendo os rochedos arrogantes
de Babel nas soberbas imitantes.

12.

No terreno de Luso a Beira illustre
aqui da terra ao ceu jactanciosa ;
e estas minhas agoas, por mais lustre,
ouvem os echos d'esta voz famosa ;
e não distante, eu ouço sem dislustre
o sussurro da lymphá pressurosa ;
duas legoas só dista sem desdouro
aqui de minha corte o bello louro.

13.

Ermo terreno inculto, inhabitado,
patria de faunos, satyros impuros,
de humanas plantas é jamais pisado
o sitio laureado em verdes muros ;
aqui o bosque ameno he procurado,
que entre os troncos, e centros de ares puros
perpetuamente, com preexcelsa gloria,
aras erige ao ceu alta memoria.

14.

Contava a idade em tempo sete em cento
que o grande patriarcha Bento adorna
a illustre Hespanha, com feliz assento
com que sua famillia clara exorna,
seguiu a Luzitania tanto augmento
por um dos timbres que sua gloria orna ;
foi o tal sitio bases venturosas
de monjes em acções miraculosas.

15.

Aqui ha tradição, fama constante
de que um bello loureiro se elevava
e entre as agoas nascido, era brilhante,
filho da lymphá pura se jactava,
que á líquida corrente, e não errante,
o duro fundamento levantava,
e não devendo agora o ser á terra
pois só na candidez a vida encerra.

16.

Aqui fazia lado invicta palma
na margem bella, e prado, em o altivo
dava esta ao inculto viva alma
quando aos cultos victoria dava ao vivo,
o loureiro arrogante, nesta calma
decantava o triumpho mais activo
e ambos, já consortes, se enredavão
e as fortunas vindouras acclamavão.

17.

As çarças, com os arpoens aqui enlaçadas
entre silvedo agreste, eram flores,
que aonde a penitencia faz moradas
amenidades julga os seus rigores ;
aqui no entretecido misturadas
se vian bellas rosas, que clamores
dando aos piques divinos, penitentes
se elevavam boninas excellentes.

18.

Não foi Paulo o egypcio eremita
unico em palma altiva, se primeiro
que agora á Luzitania o felicita
quando na palma excede no loureiro ;
pois de hervas heroynas certa dita
é terreno de gloria verdadeiro ;
Ah ! sitio de virtudes eminentes
lymphas bellas, taes são tuas correntes.

19.

De estructura soberba, em solidão,
fabricaram os monjes seu convento,
e aqui, entre aurea acclamação,
viveram venerados, com augmento ;
'té que chegando o da relaxação
Thereza o reformou, e foi portento ;
mas estes, por o louro que a agoa apura
aqui dão a Lorvão nomenclatura.

A's paginas do *Mosaico e sylvia de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*, por Camillo Castello-Branco pedirei aquellas com que vou terminar este capitulo de cousas varias, e na sua maioria pouco divertidas, para deixar no animo do leitor uma impressão alegre, que bem precisa se torna ao cabo de tão longa romaria pelos sombrios e humidos claustros de Lorvão.

« Soror Barbara Leonor era grande chazista, e possuia um predilectissimo bule que um dia se lhe quebrou. A freira chorava consternadamente sobre os cacos do seu amigo da mocidade, ao passo que as travessas noviças e professas em verdura de annos tramavam solemnisar dignamente o defuncto e as lagrimas de Barbara Leonor.

« D. Ignez Benedicta, religiosa das mais novas, gosava fama de superior engenho para trovas de outeiro e chaçotas em prosa, assim que se lhe ageitava azo de ostentar suas prendas. Entrou-se logo a perliquiteta senhora do animo de honrar com solemnnes exequias o bule, sendo ella mesma a auctora e prégadora do sermão funeral. Proposto o alvitre, estrondearam os applausos, apesar das monjas velhas que entendiam a sinceridade das lagrimas de D. Barbara Leonor.

« Chegado o dia aprasado, no mez de abril de 1791, reuniram-se as jovialissimas filhas de S. Bernardo na « Enfermaria velha », onde suffragaram o bule, e d'ahi passaram á « Assembléa das Musicas » onde a snr.^a D. Ignez Benedicta prégou d'este feitio :

*Pulvis es, et in pulverem reverteris.
Ès pó, e em pó te has de tornar.*

« Até quando, religiosas e amadas irmãs, até quando haveis de suffocar dentro em vosso peito

a dôr acerba, que vos martyrisa? Se o motivo, que espalha a tristeza em vossos semblantes, e afoga (para assim o dizer) vossos corações em um mar de saudades, é tão poderoso, que apenas permite, que as lagrimas assomem vossos olhos, sem vos facultar o desafogo de todo o intenso pezar, que vos atormenta; como quereis confiar da debil eloquencia d'uma parcial das vossas penas, e unida por innumeraveis titulos ao objecto das vossas lagrimas, a triste, a fatal narração das brilhantes, mas caducas qualidades de quem faz o assumpto d'este funebre apparatus, e torturosa scena? Ah! as minhas lagrimas, e os vossos suspiros seriam mais fieis interpretes, do que sentem os vossos e o meu coração. Que sintam o mosteiro, a provincia, o reino e o mundo todo na irreparavel falta do ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. D. Bule de Barros, tenente-general do chá da India, presidente dos tableiros, e principe das chavenas de toda a casta. Este nome, só pronunciado excita á nossa lembrança a idéa das mais gloriosas façanhas: mas a funesta queda, que o roubou ás nossas vistas, deve com mais forte desengano acabar de persuadir-nos do quanto são frageis, e caducas as coisas d'este mundo, que formadas do pó, vem ultimamente a reduzir-se nelle — *Pulvis es, et in pulverem reverteris.*

« Escutai-me pois, senhoras, que se eu fôr tão feliz, que possa ter pendente de minhas palavras a vossa

atenção. eu farei (sem perder de vista o nosso heroe) que seja util esta oração, com que celebramos suas ultimas e funeraes honras.

« Principio.

« Não foi, senhoras, no distante clima da China, ordinaria patria dos Bules, que nasceu o meu heroe: Coimbra, esta Athenas de Portugal, lhe serviu de berço, e para que nascesse logo com avultados brios, contam os historiadores que foi brioso seu augusto progenitor. Brioso este homem, que desprezou a alliança com a ill.^{ma} Fabrica de Vandili, que o pertendeu para consorte, e só achou na exc.^{ma} snr.^a D. Olaria digna esposa a seus altos merecimentos, sendo innumeravel a descendencia, que deu a todo o reino, e fóra d'elle.

« Foi sempre o ill.^{mo} snr. D. Bule de Barros (de quem choramos hoje a perda) o filho mais dilecto do seu coração, vendo-se desde sua infancia tão melindroso, como vidrento, e fazendo biquinho a tudo quanto via. Elle receou embarcal-o com os mais irmãos para a America, ou expol-o nas lojas á censura do publico: quando, porém, meditava dar-lhe uma accomodação digna da sua esclarecida prosapia, achando-o um dia enfermo do estomago, e applicando-lhe o melhor chá ao mesmo tempo que o escaldou pelo interior, esteve a pontos de o ver acabar com uma suspensão d'agoas, se

lhe não valesse o especifico remedio da rede: obra que bastou, e recommenda o sabio, e paternal artifice.

« Restabelecido o nosso heroe, eram muitas as senhoras, que, captivas do seu esplendor, o desejavam possuir, e como elle era ousado agradar-lhes, não padêceu pouco seu pae para o conter nos justos limites da moderação. Pensando pois, que o socegaria tratando de o casar nas mais ricas e distantes casas do mundo, já offerecendo-o á princeza D. Salva de prata, já á esclarecida Bandeja de cobre, já a outras muitas fidalgas. Elle, como mancebo de pouca consideração, se tinha namorado de sua prima D. Cafeteira, que havia herdado o dote, e a importante herança de seu tio Assucareiro de Barros.

« Não vos occulto, senhoras, esta ainda divertida acção do snr. D. Bule, para que os paes de familia conheçam o mal que fazem em tratar com tanto melindre aos filhos de menos annos: porém, que scena se abre a meus olhos! Conhecida pelo grande Brioso a desvantajosa alliança, abrasado em ira, manda escaldar o invencivel Bule, persuadido que com tão atroz castigo o moveria a acceitar a serenissima esposa, que com tantas vantagens lhe propozera; porém foi inutil o castigo, porque a paixão por D. Cafeteira tinha chegado a ponto de fazer antes tudo em cacos, de que mudar de projecto, não deixando de formar algum objecto das suas

adorações: Oh! paixão dos mortaes! Paixão mais forte! a que precipicio não conduzes um coração tão amante, como o do ill.^{mo} snr. Bule de Barros!

« Sim, senhoras, elle soffre o desprezo da sua familia, que chora occultamente o desacerto do fogoso e apaixonado Bule. Sua avó D. Terrina se ensopou em lagrimas, sua mãe D. Olaria perde o exercicio de obrar, sua prima D. Chicara Pires ficou d'azacahida, e os mais parentes lhe deram com os pratos na cara; porém tudo soffreu intrepido, e casando clandestinamente foi obrigado a fugir para longe da patria, onde com socego podesse disfructar a doce herança, que do Brazil tinha vindo a seu tio Assucareiro de Barros, e fazia principal dote de sua amada prima D. Cafeteira.

« Postos de noite ao caminho, levando comsigo toda a herança, um infausto successo (não sei amadas irmãs como tenho animo para referil-o), uma infelicidade (estala-me o coração de pena), um acaso (perde-se-me a voz na garganta), sim é forçoso dizel-o. D. Cafeteira cahiu no chão com a pressa, com que fugia, e por mais que o amante esposo corre a soccorrel-a, já a dura, e inexoravel Parca tinha feito em pedaços aquelle idolatrado emprego do nosso heroe. O doce, mas pesado impeto foi a causa de sua ruina. E' esta a condição das riquezas, que apegado o interior a ellas, vem a motivar perda a quem as adora.

« Aqui, senhoras, devo eu passar em silencio o sentimento do ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. D. Bule de Barros, nome, que será sempre respeitado entre nós; faltam-me as expressões: á nossa imaginação, ainda mais á nossa dôr, cumpre supprir a falta da mesma eloquencia. Eu nem ao menos posso representar-vos bem as idéas que rolam em sua cabeça, e a saudade que lhe fere o intimo do coração. Ah! foi precisa toda a sua constancia para não estalar de pena. Já lhe lembra tornar, como filho prodigo, para casa de seu pae; já projectava desterrar-se voluntariamente para ver se com a variedade d'objectos suavizava a tyranna dôr, que na ausencia da amada esposa lhe convertia em desgostos a propria existencia; um dia, porém, que entregue á sua magua, reflectia na misera sorte dos mortaes, desenganado das falsas apparencias do mundo, elle forma o heroico designio de recolher-se a uma clausura, onde, depois de dar o ultimo adeus ao mundo, e ás brilhantes honras do seculo, se exercitasse nas obras de caridade, para com ellas expiar as desordens, que tinha commettido. Elle executa este grande e louvavel projecto, que sendo a segunda epocha da sua vida, formará igualmente a segunda parte do meu discurso.

« Não fluctuou muito tempo o nosso heroe sobre a escolha do sitio, e muito menos sobre a eleição da pessoa, a quem devia sugeitar-se: tudo tinham

prevenido os fados. A amargura do seu interior, e a perda da doce herança que tivera, lhe destinou para castigo uma irmã não só barbara, mas declarada inimiga do assucar no chá; nestas circumstancias tão repugnantes ao seu genio, entra o paciente Bule no exercicio do seu ministerio; mas que violencia não faz a seus briosos e elevados espiritos, o ver-se reduzido aos mais humildes, e crueis despresos! Ah! religiosas senhoras, se eu passar pela imaginação a atribulada conducta de tão illustre personagem eu sinto, não só enternecer-me, mas edificar-me: vós o sabeis, senhoras, mas eu não posso dispensar-me de o referir. Que insoffríveis fumos envoltos em agoa lhe introduziu a Escolastica! Que nauseas não tolerou entre os descarnados dedos de Maria da Conceição! Que pragas não ouviu! Que tombos não levou! E tudo isto sem queixar-se! Nós mesmas não faziamos caso d'elle, e agora somos obrigadas a confessar seu merecimento e a chorar a sua perda!

« Devoto sem hypocrisia elle apparecia muitas vezes á porta do côro: vigilante sem affectação elle ia a todos os leitos, onde a caridade o chamava. Depois de tolerar sem queixar-se do duro tratamento que soffria, já posto sobre o tijollo, já deixado na cosinha, já descoberto á janella, já perdido na capoeira das gallinhas, e mais que tudo vendo outros bules, que não podiam competir com

elle em nobreza, postos em pintados armarios, sobre brunidas commodas, no meio de finas chavenas, com logar destinado, em acharoados tableiros, ao collo de delicadas e formosas damas, providos de precioso chá perola, e elle desprezado, abatido, e quasi destinado a servir unicamente á tintura de papoilas.

« Que heroismo não é preciso para tolerar em silencio tantas e tão repetidas affrontas? Barbara irmã, se as lagrimas, que correm de teus olhos não fossem mudas vozes do teu sentimento, eu deveria arguir-te da crueldade que executaste com tão edificante Bule. Chora, pois, chora a perda, que experimentaste, e expõe a toda esta religiosa assembléa o muito que lhe deveste. Ah! quantas vezes antes de tocar o segundo sino o achaste á cabeceira para te compor o estomago? Quantas te não foi acompanhar á cerca? Quantas te não foi visitar no zimbório? Quantas...? Faltam-me, senhoras, faltam-me os termos, para descrever o prestimo, a caridade, e o soffrimento do nosso heroe, que, cheio de tão avultados merecimentos, viu approximar-se sem susto o termo da sua duração, Oh! dia deploravel, de cuja lembrança grita o sangue em nossas veias! Oh! momento terrivel da fatal queda, que arruinou e fez em pedaços o precioso composto, que servirá de modelo a todas as idades! Tristes despojos, que fostes victimas do culpavel

descuido! Depois de receberdes as copiosas lagrimas da affectiva e saudosa Thomasia, depois de serdes chorados por todo o mosteiro, por toda a provincia, e por todo o reino, vós mereceis em todo o tempo a saudosa lembrança das apaixonadas do chá; e as vossas edificantes acções servirão para persuadir-nos do quanto é fragil tudo o que o mundo encerra; que tudo é pó, e em pó se ha-de tornar — *Pulvis es, et in pulverem reverteris!*

« Descançae, descançae agora em paz; e se no sitio em que jazeis, podem servir-vos de alivio as nossas saudosas memorias, ténde a certeza de que jámais se fará merenda de caldo d'unto á noite, que não lembreis a todas; jámais se fará meia noite, que não tributemos enternecidos e amantes suspiros, como suffragios á vossa lembrança; jámais passará bule algum para qualquer parte do mosteiro, sem que deixe de renovar-se a terna saudade, que hoje nos opprime, que sempre nos magôa, e que tem de acompanhar-nos além da morte!

« E vós illustres senhoras, a quem tão lastimoso objecto junta hoje neste lugar, se até agora conmigo formaveis doces e alegres consonancias, trocae as vozes em lagrimas, a melodia em suspiros, pois acabou o ill.^{mo} e exc.^{mo} snr. D. Bule de Barros, unico attractivo dos nossos respeitos, e dos nossos affectos: convertei agora esta capella em musica lugubre: ouça este mosteiro real os tristes echos

da nossa dor: tributemos os ultimos óbsequios á sua memoria, dizendo todas, em vozes enternecidas, a seguinte quadra, que ha-de servir de epitaphio á sua sepultura, e de desafogo á nossa justa e eterna saudade :

Cahi o galante Bule,
Quebrou-se no duro chão,
Deixou-nos em seus pedaços,
Restos da nossa paixão. »

Levou-me a curiosidade a indagar do fim das personagens d'este episodio comico, as quaes, mercê do grande nome e do inimitavel estylo do mestre prosador, já agora passarão á historia; e eis o que consta dos livros officiaes do mosteiro.

D. Barbara Leonor de Avallos da Cunha e Mello, falleceu a 14 de novembro de 1797, seis annos depois que o famigerado bule ficou reduzido a cacos. Foi excellente musica e eximia bordadora; destinando todas as preciosidades que as suas mãos produziam a adornos cultuaes. Padeceu toda a vida d'um mal crudelissimo do estomago; o qual lhe repellia os alimentos quaesquer que elles fôssem. Saíu para usar de agoas thermaes; mas em tal estado se achou, que não pôde voltar ao mosteiro, e falleceu em Taveiro, em casa de seus paes.

D. Ignez Benedicta morreu octogenaria, a 27 de dezembro de 1855; tinha portanto dezeseis ou

dezesete annos quando pronunciou o celebrado discurso, que Camillo Castello-Branco compara em chiste e saynete com D. Francisco Manuel de Mello, e que, dada a edade da oradora, é muito de suppor que não seja da sua lavra. Ali anda dedo de bacharel. Diz a chronica que foi sempre religiosa de vida exemplar e devota, e insigne na arte da musica e no toque do orgão, tendo formado muitas gerações de boas discipulas. Morreu d'uma pequena queda, que não deixou o mais leve vestigio externo.

Quanto ás servas citadas: a primeira a largar este valle de lagrimas foi a Escolastica, que morreu victima das *malinas* que atacaram o mosteiro em 1810, e que causaram vinte e duas mortes. Treze annos depois, em 10 d'agosto de 1823, finou-se com uma apoplexia a Thomasia; e a 10 de novembro de 1834 deu a alma a Deus a Maria da Conceição.

CAPITULO VII

A GRANDE VISIONARIA

Ficaria ainda mais incompleto, do que na realidade está, este esboço d'uma monographia de Lorvão, se não contasse a historia de uma das suas principaes visionarias, soror Joanna de Jesus, nome que adoptou durante algum tempo, por excesso de devoção, mas que se chamou Joanna Freire d'Albuquerque, nascida em Mioma, segundo calculo pelas referencias que ella faz a diversas datas da sua vida, em 1620.

Foi a mais velha de quinze filhos que seus paes tiveram; sete dos quaes morreram creanças.

A casa era modello de religião e de praticas devotas, e como que uma ante-camara de clausura aonde, por fim, foram morrer os irmãos e irmãs de Joanna.

Pela manhã e á noute tangia a campainha e toda a familia se encaminhava para o oratorio, onde era rezado e meditado o rosario, bem como o officio de Nossa Senhora, com aquelles que já sabiam ler o latim; lingua que o pae, Matheus d'Albuquerque, com outros conhecimentos litterarios, ia ensinando a todos os filhos. Joanna parece que deu boa conta de si, por que chegou não só a escrever regularmente o portuguez, mas a citar trechos latinos com propriedade e conhecimento da lingua; o que não era vulgar nas casas religiosas d'aquella epocha, nas quaes a instrucção na lingua lithurgica mal ia até á leitura... sem syllabadas, graças aos accentos. Ao estudo do latim juntava o pae o da doutrina; e assim insensivel, mas continuamente, ia aplanando para as filhas o caminho do mosteiro, onde irmãs e outras parentes seduziam as creanças a entrar.

Depois da ceia Matheus d'Albuquerque fazia uma pratica religiosa á familia, e, sob a impressão das delicias do ceu, dos tormentos do inferno e dos milagres de santos, todos se recolhiam, com os espiritos suggestionados por uma ordem precisa de cousas sobrenaturaes.

A' filha repetia elle constantemente que a estava criando para freira; trajando-a de forma que já em casa parecia religiosa pela côr e corte dos vestidos. Ella, porém, confessa que preferiria vestiduras mais garridas, que lhe fizessem realçar os dotes

physicos, e a tornassem mais agradável, aos que a vissem.

As leituras, que lhe eram permittidas consistiam em livros mysticos e devotos; e entre outros o *Tratado de la casa interior del anima*, talvez não ande longe da verdade se individualizar as obras de Santa Thereza de Jesus, cuja imitação será de futuro o seu constante empenho, e muito provavelmente tambem a vida de Santa Magdalena de Pazzi, vinda á luz por aquella epocha. Nos verdes annos, que passou na casa paterna, tinha já o espirito propenso á concentração. Natural, pois, que a familia a quizesse fazer professor. Era doutrina corrente, na epocha, que o estado religioso constituia o caminho mais direito e seguro para a salvação. Já o tinha affirmado Santo Agostinho, çujas obras, por certo eram lidas naquelle como que mosteiro, e o corroborava a noticia dos santos canonisados por milhares nas differentes religiões.

Assim, pois, mal a familia soube dos intentos de Matheus d'Albuquerque, começaram as solicitações das parentas, que então eram religiosas no mosteiro benedictino de Ferreira d'Aves, e no cisterciense de Lorvão para que Joanna fòsse noviciar para um d'elles. Ao principio as tendencias eram para o primeiro. Ali tivera elle quatro irmãs, tres das quaes tinham morrido com fama de santas, e uma fòra a ultima abbadessa perpetua, D. Philippa de

Albuquerque, fallecida em 1616, com cento e quinze annos, tendo servido o cargo mais de quarenta.

Joanna conta, em formaes palavras, o que então se passou naquelle mosteiro, a seu respeito: « foi como meu pae se não acabava de determinar em pôr isto em effeito, ellas o quizeram obrigar, a que cumprisse o que lhe pediam; e foi que ajuntando-se toda a communitade, me tomaram os votos, e depois de approvadas as licenças, com quita que lhe faziam em o dote, mandaram o seu feitor com este despacho a casa de meu pae, e como o Senhor tinha determinado outra cousa, chegou este recado a tempo que meu pae tinha naquelle mesmo dia respondido a umas cartas de uma parenta sua, chamada D. Luiza de Albuquerque, religiosa em o mosteiro de Lorvão da ordem do Glorioso Patriarcha S. Bernardo, com quem eu tinha tomado particular devoção e desejava com ancias ser filha sua, para o que fazia minhas devoções, e pedia ao Senhor me fizesse esta mercê, se fôsse para honra e gloria sua; e parece que este piedoso Senhor, se serviu de pôr seus divinos olhos em estes meus desejos; por que tendo meus paes tantas casas aonde lhe fariam grandes favores, tudo poz de parte, tomando o ultimo parecer, assentando de me levar a Lorvão; não ficando as madres, de que temos tratado, sem poucas queixas suas ».

Fica já assente a tendencia monastica da familia, por espirito de imitação, visto que não pôde applicar-se a hereditariedade ao caso; bem como os antecedentes de santidade das tias de Ferreira d'Aves, que provavelmente serão, de futuro, outro estimulo imitativo para Joanna.

Assim que chegou a Lorvão e tomou o habito adoeceu gravemente, e creio que foi esta doença que fez com que se lhe demorasse o noviciado durante dois annos.

A saude, porém, nunca se lhe restabeleceu completamente; e, pela vida fóra, cada um dos seus dias ficou assignalado por qualquer mal-estar, dor, ou outro incommodo de caracter grave e lancinante. Appareceu-lhe uma empôla num pé, a que se seguiu uma postema na ilharga direita, « de que, conta ella, se me abriram tres buracos, e quando esperavam que eu melhorasse, se encheu de empôlas com erysipelação, com tanto fogo e dor, que de nenhum modo podia estar, nem me virei dois mezes e meio... ». Manifestam-se-lhe ataques epilepticos, que lhe duram cinco horas. Todos os annos tinha grandes achaques. A febre era contínua. Fraqueza geral. Dores em todo o corpo, que lhe tolhiam os movimentos. Os buracos das ilhargas continuam purgando, e soffre doloroso curativo por meio de mechas. Os medicos reconhecem a necessidade de lhe conservar as fontes, que vinte

annos depois se lhe fecharam, apesar de ella, por meio de um tratamento especial, procurar conservar-as abertas. Os accidentes, que diziam os medicos: para apoplexias lhes não faltava mais do que uma linha, davam-lhe quasi regularmente pelas nove horas da manhã e terminavam pelas duas da tarde, sempre quando estava em jejum; e, se pretendia alimentar-se, os vomitos não lh'o consentiam. « Não podia em este tempo estar na cama, por mais fraca que estivesse, porque eram tão grandes as forças que me fazia pedaços, e era tão extremado o aperto a que chegava que ninguem me esperava vida... ». Houve occasiões em que os ataques lhe duraram só quatro horas; voltaram a durar cinco, mas depois, já no declinio da idade (21 de setembro de 1663), os accidentes começaram a ser dois por dia, ou dez horas de soffrimento! Na volta da viagem que fez de Lisboa para Lórvão (1668), esteve algum tempo livre do terrivel mal, que se renovou depois. Muitas vezes, de noite, tinha ancias, dores horriveis, que parecia se lhe quebravam os ossos, e passava, sem se poder deitar, no meio de interminaveis insomnias. Cercavam-a sombras mortaes « que me tiravam o juizo e os sentidos, supposto os não perdia de todo; mas como esta nuvem me tomava a respiração, parecia-me que morria... ». Então sobrevinham as terriveis suffocações, as vertigens; vagava desorientada pela cella,

necessitando pegar-se pelas paredes, afim de se poder ter de pé.

Ficava tão quebrantada da lucta epileptica, e fraca de forças, que muitas vezes lhe sobrevinha a aphonía; e em certa occasião a mudez, sendo o estado geral tão grave, que chegou a ser ungida, por se julgar proximo o seu ultimo momento.

Durante estes ataques manifestam-se longas allucinações e complexas visões de que conserva a memoria, como acontece aos degenerados. Tem extases contemplativos, passionaes, alguns dos quaes, poucos, revestem a fórma demoniaca. Os seus ouvidos ouvem directamente as vozes de Deus, da Virgem Maria, e dos santos seus patronos e advogados; e os sonhos tem sempre por assumpto o que os livros sagrados e as leituras mysticas lhe suggeriam.

Depois de estar alguns mezes na recoleta de S. Bernardo, em Lisboa, — fragmento importante da sua vida a que mais adiante me referirei, para acabar de vez com a descripção do estado morbido do corpo, e então me occupar exclusivamente do do espirito — a prelada d'aquella casa religiosa, vendo que os achaques e doenças de Joanna se aggravavam de dia para dia, e que não lhe diminuam os accidentes, mandou chamar um medico, e obrigou-a a sujeitar-se á consulta. O medico só lhe receitou conformidade com a vontade de Deus, visto

o seu mal não ter remedio « porque, diz ella, estava confirmado, e que eram muitos males encontrados, que o que me fizesse bem para uns, me podia em breve para os outros acabar a vida; que andasse sempre aparelhada para a outra, por que de repente podia acabar, e que pelo estado em que estava se admirava muito de eu estar com juizo perfeito... ». Obrigada a recolher-se á cama, o confessor nega-se a ir confessal-a. Augmenta a febre, a lingua torna-se-lhe negra, a voz rouca e mudada, o fastio invencivel. O medico vê que o remedio para a « malignidade da febre » seriam muitas sangrias; mas que o estado de fraqueza em que ella se encontrava e mais achaques, eram taes que não permittiam a cura indicada. Ficou pois sem tratamento; o fastio e a febre diminuiram, mas sobrevieram-lhe umas cephalgias differentes das que até ali tinha tido, « porque se me fez ao redor da cabeça como um circulo de espinhos, com tão grandes dores, que me prendiam todo o corpo, com tanta força que não podia mover-me para nada, nem tossir, nem fazer outra qualquer necessidade humana. Tinha sempre a cabeça em um tormento tão rigoroso, que nem para olhar para o ceu, nem para a terra podia fazer um pequeno movimento; a dor então dos ouvidos era tão grande que não sabia adonde estava nem ouvia o que me diziam ». Esta dor nunca mais a abandonou no

correr da vida, embora com menor intensidade. « As noites passava-as sempre sem me poder encostar, nem sabia já que cousa era dormir... ».

Sobreveem-lhe oppilações e edemas. Tem securas, e quando vae para mitigal-as, ouve a voz de Deus que a reprehende por querer beber agoa fervida com pau de aroeira. Sente amargos de bocca, vomitos, e amiudadas vezes fluxos de sangue, fraquezas e ancias no coração. Com o avançar da idade aggravam-se-lhe os fastios, e o estomago chega a não lhe tolerar alimento algum. Nos ouvidos por tal sorte a affligem os ruidos que a fazem cair por terra. As dores nas articulações não lhe permitem sequer que mecha os pés. Vae para dar um passo e fica immovel no meio do caminho, sem saber para onde ir, precisando que alguém se compadeça d'ella e a guie. Anda geralmente encostada a um bordão; mas occasiões ha em que, ao mandado de Deus, lança fóra o arrimo, e caminha firme e resoluta, como se nada soffresse.

Os medicos que systematisem e estudem esses symptomas que deixo indicados, e classifiquem que doença ou doenças soffria Joanna de Jesus. Nestes assumptos não me julgo apto para ter opinião. Apezar de lido em grande numero das obras que tem saído, tanto da escola de Montpellier, como de Paris, ou suas filiadas, nada devo concluir;

e o meu espirito vê-se obrigado a confessar que factos ha, nesta ordem de allucinações e visões, que fogem a toda e qualquer systematização psychiatrica.

Para os cultores d'uma sciencia mais elevada, passo a colligir outra ordem de factos, cuja explicação de muitos d'elles ainda é para os espiritos prudentes um discreto e cauteloso ponto d'interrogação.

Terminado o longo noviciado, começou para ella a primeira das suas grandes provações nos rigores asperos e na severidade de sua tia.

Joanna, tendo boa voz, cantando bem, levando da casa paterna um peculio de instrucção, que não era muito vulgar naquella idade, e muito menos nos mosteiros, por força suscitou invejas, ciumes e intrigas, que provavelmente motivaram os rigores da tia. As cousas tomaram certo aspecto grave, porque na sua autobiographia se queixa de que na clausura se armaram motins contra si, e que tanto ella como as pessoas de sua familia que lá dentro viviam eram victimas de constantes insultos. Esta situação, que durou nada menos de treze annos, e a noticia da morte do pae occasionam-lhe um grande abalo. Todo o seu ser moral se resente. Começa a ter devaneios vagos de cousas mysticas, abstracções inexplicaveis, e no seu espirito inieia-se

a duvida — systematica em todas as mysticas — se deve ou não dizer ao seu confessor tudo quanto pensa ou sente, ou se apenas os peccados. Esta duvida provoca uma longa lucta, que vencida mais d'uma vez, mais d'uma vez se renova, como veremos. Apezar da febre, que a não abandona, vae aos officios divinos, que então ainda provavelmente occupavam a vida da communitade desde as duas horas da madrugada, em que se rezavam matinas, até as sete da tarde, em que se entoavam completas. E' neste estado d'alma que certa vez, á uma hora da madrugada, estando no coro, esse grande, desguarnecido e desabrigado coro, por uma noute fria e humida de novembro, sentindo fóra uivar o vento nas cumiadas das arvores, cercada da escuridão, em que brilham aqui e ali as luzes tremulas das lampadas, que tem a sua primeira allucinação. Ella que a descreva :

« Estando ás matinas que se diziam á noute, e no fim dellas estando olhando para o sacrario, se me começou a inflammam o coração e me pareceu que me atiravam uma setta, que me feriu e chegou ao intimo d'alma, com um sentimento de amor tão delicado que me faltaram as forças corporaes, e como fóra de mim me sentei em o coro, e sem mais dilacção, me determinei a servir a meu Deus e Senhor, o qual permittiu que um religioso do nosso habito, que em este tempo estava alliviando

em Lorvão, me mandasse chamar; e como era pessoa de muita virtude e oração, compadeceu-se de mim, e pediu-me lhe dêsse noticia do que tinha passado em minha vida, e o modo de oração que tivera. Eu lhe dei parte de tudo o que tinha passado, e elle me mandou que logo sem dilacção alguma começasse a ter oração, ensinando-me o modo como havia de começar.»

O modo de ter oração era, em geral naquella epocha, aprendido nos livros de Santa Thereza de Jesus, que corriam impressos e traduzidos em toda a Europa, e que em Portugal, então quasi bilingue, se liam em castelhano.

Começavam os mysticos por preparar o espirito por meio da concentração das potencias internas, e abstracção do mundo exterior, até que, de estadio em estadio, a alma chegava ao rapto, de passagem pelo extase. Chamavam-se estes tres estados, em linguagem mystica do tempo: vida purgativa, illuminativa e emotiva. A oração mental era o primeiro passo nesta via de santidade. Por meio d'ella conseguia-se a oração de *quietação*, onde as lagrimas choradas eram outros tantos gosos intimos. D'aqui passava-se ao terceiro grau de oração, ou *somno das potencias* e embriaguez espiritual. Este grau subdividia-se em tres outros que eram: o *recolhimento infuso*, a *quietação infusa*, e o verdadeiro *somno das potencias*. As almas que conseguiam

este terceiro grau ficavam em união com Deus, por meio do entendimento e da vontade, deixando livre a memoria, liberdade esta que servia de elemento perturbador do entendimento e da vontade, despertando as potencias do somno felicissimo em que se achavam mergulhadas. O quarto grau era a oração de *perfeita união*, união que Santa Thereza definia: « de duas cousas divididas fazer-se uma só ». União não de substancias, mas de affectos, juntos pelos elos d'um reciproco amor. Embora, porém, permanecesse a união pela semelhança da qualidade, permanecia tambem entre si a differença das essencias « como as do fogo e do ferro quando se unem ». « Assim o espirito humano unido ao divino e participando d'elle, como de uma mesma fórma, por amor e semelhança, conserva sua natureza entre as propriedades divinas de que está revestido ». Santa Thereza explicava esta união com a seguinte imagem: « Digamos que seja a união, como se duas velas de cêra que se ajuntassem tão em extremo que toda a luz fôsse uma, ou que o pavio e a luz e a cêra é tudo um; mas depois bem se póde apartar uma vela da outra, e ficam em duas velas, ou o pavio da cêra »*.

* Todas as referencias a Santa Thereza, á sua doutrina, e citações dos trechos das suas obras, são aproveitadas da tradução da vida da mesma Santa e das suas *dilucidações* feitas pelo padre frey Antonio de S. Joseph — Lisboa Occidental — 1720.

A constante aspiração de Joanna era chegar áquelle estado mystico da alma, que ella vae analysando dia a dia, com uma intensidade de critica psychologica, digna de fazer inveja aos cultores do actual renascimento dos estudos psycholicos, aliás muito áquem das visionarias do seculo xvii. Para o conseguir absorvia-se nos seus dois modelos: Santa Thereza de Jesus, a subtil doutora em mysticismo, e Santa Magdalena de Pazzi, celebre visionaria, beatificada por aquella epocha. As suas leituras predilectas são as obras de fr. Luiz de Granada, o persuasivo e elegante asceta dominicano, cujos livros em varias edições e formatos figuravam em todas as bibliothecas das casas religiosas, animando e vitalizando os germens d'um estado d'alma que produzirá a expansão do molinosismo, seita que a Inquisição terá de purificar por meio do carcere e de asperas penitencias. Entrega-se avidamente á oração, concentrando-se nella duas horas por dia, uma depois de prima, que se rezava ás dez da manhã, e outra á tarde. Medita nos passos da paixão de Christo, chora, suspira, arrepende-se, e continuamente repete o psalmo: « *Usque quo Domine oblivisceris me in finem? usque quo avertis faciem tuam a me?* » Faz confissão geral, e persevera seis mezes neste regimen. Não é para admirar que o seu espirito, de si propenso ao sobrenaturalismo, soffra profunda transformação.

Começam mais frequentes as obsessões. Concentrando-se num passo da Paixão, por tal fórma fica absorpta que não póde pensar noutra cousa. A idéa fixa alheava-a completamente da vida exterior. Depois sobrevinha a duvida terrivel da primeira phase de todas as mysticas, de que se o estado em que se achava era obra de Deus, ou do demonio. Quem quizer seguir essa lucta obsidente de todas as horas, leia as paginas dilacerantes do seu livro, e verá como fugia do convivio de todas, se encerrava na cella, ou de noute no coro. Dada esta sobre-excitação, amiudam-se as visões, e a sua alma encontra-se já no estado de *união*, como ella propria o descreve nas seguintes linhas:

« E como um dia me retirasse a ter oração, começou a inflammar-se minha alma com um sentimento grande de amor, e parecia-me que esperava alguma cousa muito grande, e como sempre me acompanhavam os temores de minhas culpas, eram iguaes os que tinha de ser enganada do inimigo; mas logo parou aquella pena, e comecei a sentir uma suavidade delicadissima, em que todas as potencias se occupavam, e ficavam pasmadas, e como por visão imaginaria, se me representou meu Senhor, e Redemptor Jesu-Christo, com uma cruz formosissima em as mãos, em aquelle passo em que appareceu ao glorioso apostolo S. Pedro, quando fugia de Roma, referindo-se-me aquellas palavras :

Domine quo radis? E, como fóra de mim, cheia de uma profunda humildade amorosa, prostrada ante aquelles divinos pés, me assegurava este piedoso Senhor que não temesse os assaltos do inimigo, que Elle me defenderia, e me ensinaria a sabel-o amar; que me deixasse toda em suas mãos, que Elle era verdadeiro e fiel amigo de seus amigos. Quem poderia significar o estado em que a minha alma ficou com este soberano favor? que conhecimento tão claro de minha miseria? que desejos de padecer trabalhos? que disvellos de maior amor e que sede tão excessiva de vêr todos os nascidos enfermos d'este mesmo mal, se se póde chamar mal a um bem aonde todos os bens se acham. »

O desejo da perfeição faz com que aggrave as austeridades, vote o maximo desprezo ás cousas mundanas, ainda aos mais insignificantes adornos da mulher. Come o absolutamente indispensavel, tem insomnias, anda inquieta. Nestes extremos de fraqueza physica e de excitação moral aneia por tornar o seu confessor confidente do estado da sua alma, dos favores e mercês divinas; o que se decide finalmente a fazer, « supposto não era pessoa de lettras ». Este receio do confessor pouco letrado, vinha-lhe do convivio com as obras de Santa Thereza, cuja leitura, embora o não confesse, se sente em cada uma das paginas do livro de sua vida.

A mystica doutora é d'opinião que « sendo os confessores virtuosos, e de santos costumes é melhor não ter nenhuma(s) (letras) do que poucas; porque nem elles se fiam de si, sem perguntarem a quem as tenha boas, nem eu me fiara... ».

Exhausta de forças, pelo excesso das penitencias, profundamente magoada por não poder continual-as, assim desabafa:

« E como um dia esta dor apertasse tanto commigo, que senti me faltava o alento para viver, o Senhor me deu claramente a entender que me não affligisse por não fazer penitencias, que Elle me castigaria por suas mãos, que me deixasse toda em ellas, o que se cumpriu á risca, porque logo me começou a dar maiores enfermidades e trabalhos, dos quaes farei menção em seu logar. »

Já a este tempo começava a convencer-se de que as visões eram obra de Deus; ellas tinham essa suavidade ineffavel que não causam as que o demónio suscita; e portanto anceava gosar-as o maior numero de vezes possível, nesse deliquio typico que ella assim descreve:

« Não foi pouco o tempo em que de dia e de noite estava padecendo esta suave afflicção que tenho dito, com uma ancia tão crescida, que me faltava o folego para respirar. E, como sempre estava appetecendo a soledade e retiro, era largo o tempo que tomava para a oração, e parece-me que o Senhor,

compadecido do disvello com que aquella alma o desejava. me dava, depois de estar algum espaço com aquella ancia amorosa, uma suavidade que me cercava toda, e a meu parecer era como um orvalho puro e delicadissimo, em que a minha alma se ia passando e embebendo toda, e logo com grande força que me faziam, á qual não podia resistir, me começava a recolher ao interior aonde ficavam mettidas todas as potencias, e ali por um modo admiravel se me começava a descobrir um mundo tão dilatado, que me parecia não tinha limite, nem fim, e ali por uma noticia, que se não sabe dizer, se me representava meu Deus Senhor com tanta majestade, que muitas vezes me fazia tremer; mas logo aquelle temor se tornava em tanto amor e doçura, que, de todo perdida de mim, ficava toda engolfada em aquelle summo Bem, aonde todos os bens se encerram: outras muitas vezes me parecia que andava este soberano Rei passeando por aquella terra que já tinha por sua, e como senhor della se occupava em visitar aquellas novas plantas que tinha plantado em aquelle jardim, e eu, como quem ali não tinha nada mais que só o peccado a que estava sujeita, desfeita em o nada da minha miseria, pedia com grande instancia a meu Senhor que não deixasse jámais, nem permittisse que eu o tornasse a perder e lançasse fóra todas as más hervas que o podiam desagradar. »

Quem se der ao goso de ler e meditar os livros que compoz Santa Thereza de Jesus, ali encontrará, a cada pagina, esse typo de visão intellectual e até — guardadas as devidas proporções entre uma escriptora mestra da lingua, lida em variedade de livros, frequentando o mundo e em lucta aberta com elle, e a enclausurada de Lorvão — a mesma disposição dos periodos, a mesma fórma da idéa, e num e noutro logar quasi que o mesmo vocabulario, na expressão dos phenomenos psychicos.

Julgo-a, nesta epocha da sua vida, entregue de mais á leitura, porque uma visão divina lhe ordena que deixe de ler livros, « por que era Elle (Deus) o verdadeiro livro da vida ».

E' curioso notar, de passagem, como as leituras não lhe tornaram a phrase artificiosa, e o estylo arrebicado, feminil e cheio de ornatos mesquinhos e mal cabidos, como era caracteristica dos livros da epocha, visto que as primeiras paginas do seu manuscripto datam de 1661. Ainda nisto se sente a influencia de Santa Thereza, ensinando-a a orar, a pensar e a escrever.

As visões produziam-lhe uma como que oppressão, porque, quando ellas acabavam, sentia impetos de gritar, uma necessidade indomavel de desabafar, para que todos viessem vêr o goso das suas felicidades mysticas.

O manuscripto de letra redonda, rapida, desligada mas franca, quasi sem emendas nem entrelinhas, sobre cujas paginas amarelladas vou escrevendo, não segue a ordem chronologica dos acontecimentos. Joanna d'Albuquerque tinha ancia de contar as suas visões, antes de descer aos actos da sua vida; e como o meu intento é sómente fazer conhecer o estado d'aquella alma, alma de mulher, de freira e de enferma do seculo xvii, irei extractando d'essas paginas, pela ordem por que foram escriptas, tudo quanto concorrer para o meu fim. Bem sei que o mais conveniente seria a publicação integral do manuscripto, tanto para conhecimento dos homens da sciencia, como dos auctores de *Flos Sanctorum*; mas isso só serviria a poucos que podem ir beber á fonte, e não ao publico a quem estas paginas são destinadas.

Sigamos, pois, soror Joanna de Jesus na tormentoria via soffredora e gososa da sua passagem pelos claustros cistercienses. Nella encontraremos abundantes factos já systematizados, como resultantes d'essa tremenda nevrose, a *grande-hysteria*, de Charcot, ou *histero-epilepsia* de outros; mas tambem quantidade grande de phenomenos, que ao menos, por emquanto, estão fóra d'essa systematização, taes como: a constancia, a maneira séria de encarar a vida, o desprezo das frivolidades, a ausencia de paixão viciosa, e a coragem com que soffre as mais eruciantes dores physicas.

Soror Joanna, neste ponto da sua narrativa, trata já, não só das visões que teve em Lorvão, como das que gosou, annos depois, na recoleta de Lisboa. Darei algumas e pela ordem e com as palavras com que ella as escreveu, e nas situações que lhe succederam, acompanhadas do rapido e inconsciente estudo psychologico que de si por vezes traça.

Eis uma d'essas visões :

« ... Se me apresentou um coração de cristal, todo cheio de perolas e esmaltes magnificos, do qual eu fazia entrega ao meu querido Jesus, e elle o tomava e unia consigo, com um vinculo de amor tão apertado, que desfallecendo a alma pouco e pouco ficou em um conhecido desmaio, com tanto regalo e deleite, que se não póde dizer, porque todo o encarecimento é limitado para declarar a minima parte d'este amoroso sentimento ... »

Repetindo-se as visões da Divindade, de modo que, diz ella, não as podia pôr em duvida, ainda que o confessor, a quem communicava estas cousas, lhe dissesse o contrario, só se convenceu da verdade no momento em que « o Senhor com grande majestade e poder lhe diz : *Filii hominum usque quo gravi corde?* as quaes palavras me fizeram tremer, por que entendia que o Senhor me reprehendia da minha pouca fé ».

Notarei, desde já, que tambem é em linguagem do breviario que o Senhor se dirige a Santa Thereza,

e, na maioria dos casos, com trechos dos psalmos ou das escripturas.

D'outra vez «... se me representou um notavel numero de cruces concertadas em fileiras, que começando em a terra iam acabar em o ceu, e o meu Senhor era o primeiro que tomava a maior cruz d'aquellas todas que eu via, e deu-se-me a entender que não podia alguém subir ao ceu senão por caminho de cruces, que Nosso Senhor Jesu-Christo, sendo a mesma innocencia, para nos ensinar esta verdade, fôra o primeiro que a tomara. Com esta visão que o Senhor me mostrou, fiquei com grande animo para padecer trabalhos e para os desejar ».

Das suas resoluções vinha o Altissimo comunicar com ella, e como que lastimar-se das violencias da sua justiça. Joanna assiste, em espirito, ao juizo de Deus, o qual « trocando as vestiduras baixas, em que o tinham aquelles crueis ministros, (a scena passa-se em casa de Caifaz, na occasião do julgamento) se vestia de purpura real; *Rex regnum, et Dominus dominantium*, a cujo poder se humilhava o Ceu, Terra e Inferno; e Elle, trocando o amor de pae amoroso em ira e furor de rigoroso juiz, promulgava aquella terrivel e espantosa sentença contra os precitos e condemnados: e chamando aos bons os mettia de posse d'aquelle eterno reino, que lhes estava aparelhado

antes que o mundo fôsse creado; e como se apartaram aquellas duas companhias, a dos justos para o ceu, e a dos maus para o inferno, estando eu atonita, e pasmada de vêr aquelle espectáculo, se chegava o meu Senhor a mim, como que me queria communicar um segredo de grande amor, e mettendo-me só consigo em um lugar tão secreto, que se não sabe dizer, me deu a entender que mais lhe custava aquella sentença de condemnação eterna que dera contra os maus, que os tormentos que tinha padecido em sua paixão sagrada...».

A impossibilidade de commungar, motivada pela doença, accendia-lhe os desejos de o fazer; « e estando uma vez com este ancioso amor, com um mais acelerado vôo que póde dar um pensamento, me levaram a uma região mui remontada, que me parecia um deserto de delicias, em o qual me saía ao encontro meu amado e querido Jesus, e depois de estar com Elle largo tempo, em que me dava a entender grandes verdades, tomando em suas bemitissimas mãos uma corôa tecida de lindas e varias flores, me obrigava que a recebesse, e eu, com uma humildade que nunca senti, atonita e fóra de mim me retirava e dizia: Senhor, a mim! a maior peccadora, e que mais vos tem offendido! a mim que mereço os infernos, me haveis de pagar com premios? Não me atrevo, meu Jesus, a consentir em tal! E ficando em um desmaio, amortecida,

quando tornei a mim achei-me sem o meu Senhor, e de repente se me representou a gloriosa Santa Thereza, a quem o Senhor me tinha dado por minha advogada, e vinha acompanhada de um anjo, o qual trazia em a mão a corôa, a mesma corôa que o Senhor me dava, e dizia-me: que Elle era servido que eu a acceitasse, que não recusasse mais, que m'a dava pelos trabalhos que padecia, e para me animar para muitos que havia de padecer. Com esta admoestação da Santa, toda desfeita em o nada da minha miseria, de joelhos, recebi a corôa, e a Santa me prometeu de me acompanhar em a hora da minha morte. E, desapparecendo aquella ditosa companhia, fiquei em tal estado que não podia pôr os olhos em cousa alguma da terra; porque tudo o que via me parecia um sonho, e menos que nada ».

Outra vez, ainda no curso d'esta doença, desejando e não podendo ouvir missa, foi levada, em espirito, « a uma egreja formosissima aonde se começou a preparar a missa, a qual se officiava com uma suavissima musica, que de todo me fazia perder os sentidos exteriores, e toda pasmada do que via me parecia, por um modo admiravel, que nosso pae e patriarcha S. Bernardo era o que dizia a missa, á qual o ajudava um grande amigo, o glorioso S. Malachias, e no fim d'ella permittiu a Rainha dos Anjos, minha Senhora, que me vestissem uma

vestidura branca de grande formosura, com que a minha alma ficava com tantas riquezas do ceu, que me parecia não estava em este mundo, nem tinha animo para tornar a viver em elle...».

« Por duas vezes estando toda mettida em este mundo interior, depois de estar mui iuflammada em o amor de meu Senhor, me levaram a uma parte que me parecia estava nas entranhas da terra, em a qual se me descobriam uns rios tão grandes e fundos que parece não tinham limite. Estes rios estavam cheios d'agoa mui negra e tenebrosa, a qual lançava de si umas labaredas de fogo azuladas e terriveis, que só a representação d'ellas á vista por um instante podera acabar muitas vidas. Ali n'aquelle abysmo se me mostravam grandissima multidão de almas, que, sem esperança de resgate, estavam padecendo aquellas terriveis penas, que coração humano não póde imaginar, e logo se me representava uma innumeravel multidão de bichos e serpentes que saíam d'aquelles peçonhentos rios, e dava-se-me a entender que aquelles infernaes bichos tinham contra mim grande furor e raiva, como que me queriam tragar, mas não me podiam fazer algum damno, por que o meu Senhor me tinha apertada comsigo, mettida em um formosissimo castello, aonde o meu Senhor estava com grande poder e majestade, e d'ali, como de palanque, estava vendo aquelle lastimoso e horrendo

logar, o qual me estava aparelhado, por meus peccados; e dava-me o meu Senhor a entender que Elle por sua infinita misericordia me tirava d'elle, e descobriasse-me o grande amor que este Senhor me tinha, e o muito que lhe tinha custado o tornar-me a reduzir assim. Entendia tambem a minha alma que aquelles bichos e serpentes entravam todos em as almas que estavam em peccado mortal, as quaes eram morada do mesmo demonio, o qual as tragara e lançara logo em o inferno, se o Senhor as não guardara e defendera; e parecia-me que aquelle castello em que Elle estava era a mesma alma, que estando em graça e amizade d'este Senhor, estava Elle com seus raios dando luz a todo aquelle mundo interior, que temos em nós, e estando em peccado, supposto que aquelle Senhor ali assiste por essencia, estão os raios d'aquelle Sol divino encobertos, com as trevas e sombras do peccado, do qual aquellas pobres almas estão presas e captivas. »

Todas as grandes santas de temperamento visionario realisaram mysticos desposorios com Deus, sob a fórma de Christo. As abstracções dos seus espiritos não são de tal ordem que possam prescindir do concretismo humano do Filho de Maria.

A Santa Maria Magdalena de Pazzi Jesus apparece cercado de luminosos resplendores trazendo nas mãos muitos anneis. Magdalena, que até ali

estava triste, sente-se inundada de alegria, coram-se-lhe as faces, estancam-se-lhe as lagrimas, brilham-lhe os olhos. Interiormente commovida, pede a Jesu-Christo que lhe dê um d'aquelles anneis, confessando-se ao mesmo tempo indigna de tal mercê. « O Senhor lhe deferiu a supplica, narra um dos seus biographos, e no dedo annular com sua propria e omnipotente mão lhe metteu um d'elles, sendo com esta prenda infallivel signal, que Magdalena de Pazzi era esposa sua muito querida ».

A Santa Catharina de Alexandria manifestou-se o Senhor como de idade de quinze annos, acompanhado de sua Mãe, e ambos de incomparavel belleza. « Traziam os Divinos Reis grande comitiva de anjos e santos, uns adornados d'aquelles resplendores, que lhes deu seu ser, outros d'aquella luz que lhe proveniu sua firmeza. E precedendo grandes favores, que Mãe e filho fizeram á Santa, a levantou Christo ao maior com que honrou a esphera humana, desposando-se com ella solememente, sendo testemunhas d'esta fineza do seu amor tantos grandes da sua eôrte, quantas eram as intelligencias soberanas que o acompanhavam, e em prendas de seu desposorio lhe deixou um anel, cuja preciosidade melhor a dizem as circumstancias do que a pessoa ».

A Santa Catharina de Sena « um dia appareceu Christo Senhor Nosso visivelmente, e a desposou

comsigo, estando presente a gloriosissima Virgem Maria, S. João Evangelista, S. Paulo, S. Domingos e o real Propheta David, que como seu musical psalterio fazia suavissima musica, e solemnisava os desposorios; e então a Mãe de Deus deixou a mão de seu Filho e lhe pediu que se desposasse comigo em fé», o que lhe concedeu seu Filho, e lhe deu um anel de ouro, que tinha engastadas quatro conchinhas, e um diamante que lhes sobresaía, e pondo-lh'o no dedo annular da mão direita disse-lhe: « Vês que te desposo, eu que sou teu Creator e Redemptor ». E desapareceu a visão, mas ficou-lhe o anel no dedo, mas de maneira que os outros o não viam, mas só a serafica virgem.

Poderia multiplicar os exemplos, mas a scena reproduz-se quasi sempre imitando mais ou menos os esponsaes humanos. Apresentação, troca d'anneis na presença de testemunhas e tudo o mais que é de praxe usar-se. Em todo o caso descreverei ainda o casamento de Santa Thereza de Jesus, antes de transcrever a descripção que faz do seu Joanna d'Albuquerque.

Escreve a mystica doutora: « Estando na Encarnação, o segundo anno que tinha o priorado, oitava de S. Martinho, estando commungando, partiu a formula o padre fr. João da Cruz (que me dava o SS. Sacramento) para outra irmã. Eu imaginei que não era falta de formula, mas que

me queria mortificar, por que eu lhe havia dito que gostava muito, quando eram grandes as fórmias ; não, porque não importava de deixar de estar inteiro o Senhor, ainda que fôsse mui pequeno pedacinho. Disse-me Sua Majestade : « Não tenhas medo, filha, que ninguem seja parte, para tirar-te de mim ». Dando a entender que não importava. Então representou-se-me por visão imaginaria, como outras vezes, mui no interior, e deu-me sua mão direita, e disse-me : « Olha este cravo, que é signal que serás minha esposa desde hoje ; até agora não o havias merecido, d'aqui em diante, não só como Creador, e como Rei, e teu Deus olharás minha honra como verdadeira esposa minha ; minha honra é já tua, e a tua minha ». Em visão intellectual via ella a Jesu-Christo « que na cabeça, em lugar de corôa d'espinhos em toda ella (que devia ser adonde fizeram a chaga) tinha uma corôa de grande esplendor ».

A visionaria de Lorvão conta os seus desposorios com mais sumptuosa ordenação, mais prolixidade de incidentes, como quem era mais previligada ; e ao impeto de ciume de Santa Thereza, faz corresponder encontros verdadeiramente idyllicos com o Senhor.

Começa Joanna por ser requestada da maneira seguinte :

« ... E depois de largo espaço estar em aquella amorosa ancia, escreve ella, me tomava este

piedoso Senhor, e chegando-me a si com um puro e excessivo amor, me deu um suavissimo osculo, com o que senti tanta suavidade e deleite que ficando em um profundo desmaio, acordei fóra de mim, e tão engolfada em Deus, que não conhecia a terra onde estava. »

Segue-se depois a grande scena dos desposorios :

« Outro dia estando em este mesmo recolhimento, se me representou o meu Senhor com grande formosura e majestade, e dava-me a entender que me amava muito, e que me queria tomar por esposa sua, e eu toda desfeita em amor, com uma humildade não imaginada comecei a reparar, não me atrevendo a consentir em tal, e depois de me Elle obrigar com razões tão amorosas, que se não podem dizer, lhe disse eu : bem vêdes, Senhor da minha alma quem sou, e bem sabeis o que mereço por meus grandes peccados, mas se vós, meu Jesus, vos quereis esquecer de tudo, e me quereis acceitar por vossa esposa, alimpai-me das culpas, e vesti-me um vestido limpo e puro, com que possa apparecer em vossa presença, por que do modo que estou não me atrevo, meu Jesus, a receber tão grande favor. E logo em o mesmo instante se me representava a Virgem minha Senhora, com Santa Leogarde, que já era minha advogada, e Santa Thereza e outras virgens, que eu não conheci, e a minha Senhora me tomou e chegou para si, dando-me

a entender que queria ser minha madrinha, e da parte do meu Senhor estavam muitos anjos, como que vinham para serem testemunhas do que passava em aquelles desposorios. E depois de haver algumas razões de parte a parte, em que se me dava a entender quem eu era, e quem era aquelle Senhor que me recebia, me vestiu a minha Senhora um formosissimo vestido com outros ricos adereços, e depois de eu estar trocada em outro novo ser, acompanhada d'aquellas virgens, me levaram a seu Unigenito Filho, o qual me abraçava comsigo, com um vinculo de amor tão apertado, tão delicado e puro, que de todo me roubou o coração, e ficando em um desmaio, toda perdida de mim, me achei toda em Deus com quem estive por dilatado tempo. »

Obsecada por esta visão, anciava por tornar-se cada vez mais digna do que chamava seu esposo, e por vezes, conta ella, « ... mettia-me comsigo em uma recamara mui secreta, e com um laço de amor, me apertava com tanta força, e muitas vezes me dava a entender cousas tão admiraveis, e com tão grande segredo, que supposto a alma entendia que elles eram altissimos, não podia acabar de entender o que eram ... ». Deus revela-lhe grandes intentos, que lhe fazem como que perder a cabeça a ponto de « nem saber atinar no que diz ». Depois, um dia, estando em oração o mesmo Deus lhe disparou

successivamente cinco settas, com que d'amor lhe feriu o coração; depois por tres vezes lh'o tomou com as mãos e o metteu no seu lado, fazendo das duas vontades uma só. « D'este dia por diante inadvertidamente queria desejar alguma cousa; não podia, por que me achava presa de todo a este soberano Senhor ».

A phase do extase passional prolonga-se e accentua-se. Deus faz com que o coração lhe sangre, com uma lançada ferida pelos anjos, o que lhe causa um grande desmaio. Então, diz ella, « Jesus se chegou a mim, e com um terno e excessivo amor me tomava em seus braços, e apertando-me comsigo, se me referiam estas palavras: *fulcite me floribus stipate me malis*; e tendo-me ali largo tempo, senti o que não sei dizer, nem entendimento humano póde imaginar ».

Não páram aqui os excessos de parte a parte. Um anjo, com o proprio sangue de Joanna, lhe escreve o nome de Deus no coração « com umas grandes letras, e no cimo e no meio d'ellas rematavam em uma cruz ». Depois o mesmo Senhor « permittiu que aquellas letras vermelhas se esmaltassem de ouro finissimo e que juntamente se escrevesse para uma parte unido aquellas mesmas letras o nome de sua Santissima Mãe ». Como reciprocidade ella escreveu o seu nome com o proprio sangue

e o deu a Jesus, e Elle « lhe deu a entender, com amor excessivo, que nunca mais o largaria ».

N'outra occasião sentia que o peito se lhe abria e no coração lhe lavravam os martyrios do Senhor, ao mesmo tempo que lhe era atravessado com o cravo dos pés do mesmo Senhor.

Representa-se-lhe Jesus preso á columna, com a expressão de quem lhe pede algum alivio. E supplicando-lhe ella lhe desse a precisa luz para acertar com o que fôsse do seu agrado, Jesus lhe passou os braços ao redor do pescoço, dando-lhe a entender que o seu deleite era estar assim abraçado!

A proposito d'uma visão que teve em a noute do Natal, quando assistia á missa do gallo, dirige uma reprimenda aos sacerdotes, n'estas formaes palavras: « Deu-se-me tambem a entender a grande dignidade que teem os sacerdotes, e a muita obrigação que lhes occorre de serem perfeitos e santos para chegarem a consagrar e a ter em suas mãos o proprio Deus da Majestade ».

As religiosas, suas companheiras, tambem não são poupadas. É para ellas que escreve: ter-lhe Deus dado a entender « que se offendia muito das religiosas que falavam em o coro, e estavam divertidas ». Então ficava em tal estado de abstracção que até nem « via as lettras do breviario »; temia que as religiosas reparassem n'ella; mas para lhe desfazer tal temor Deus lhe disse: « *Se eu sendo*

quem sou, me não desprezo das creaturas verem que te busco, porque has de tu de reparar em o que ellas podem dizer? deixa-te em minhas mãos, e não ponhas os olhos em nada mais, que eu te defenderei ».

Em 1652, anno de grandes chuvas e tempestades, ordena-lhe Deus, para que estas cessem e o tempo melhore, diga ao seu confessor que insinue ás monjas que organizem uma procissão de penitencia. Demora-se Joanna em obedecer, temendo que o confessor a não acredite. Entre ancias e afflições espera um mez, até que vae em espirito ao ceu, e lá vê desfilar as procissões pela ordem e composição, que dias depois se vieram a realizar no mosteiro, melhorando desde logo o tempo.

Em espirito recebe de Deus as cinco chagas, de maneira e fórma que faz lembrar a stygmatisação de S. Francisco. Renova-se depois um presente de joias preciosissimas, que o Senhor lhe faz.

E' para notar que as joias e riquezas teem grande importancia em muitas das suas visões, o que não é para admirar n'um mosteiro em que ellas tanto abundavam, e na epocha em que elle mais ostentava as suas magnificencias. A suggestão era natural e immediata.

Abrazada em amor e anniquilada torna a renascer nas chammas do mesmo amor. Acha-se na adega do Divino Esposo aonde lhe offerecem

generoso vinho, mas que não lhe mitiga a sede. Outras vezes davam-lhe a beber azeite, e a ungiam com um oleo, que era como que o crisma de grandes cousas para que estava destinada.

Estando em oração, Christo lhe fez signal com a cabeça que a quer junto de si « ... e logo com aquella ancia amorosa com que estava esperando a meu Deus, sentia que chegava Elle, como que me vinha buscando, e parecia-me que trazia em as mãos uma penna a qual chegava á bocca, como que a tocava para me ferir, e logo despedia de si um ventosinho tão suave e delicadissimo que me fazia pasmar, e com o doce rumor e suavidade d'este vento me sentia ir derretendo pouco a pouco como a cêra; e depois de consumida de todo com o peso do divino amor morria uma ditosa morte, aonde achava os alentos d'uma nova vida ».

Vê subir á gloria celestial a alma de muitas religiosas de Lorvão. Outras vezes, já no ceu, avista seu pae entre os bemaventurados, e parece-lhe que elle a reconhecera. Quando volta em si da visão, tendo de accudir a vespuras, cujo toque era ás tres horas da tarde, a tal ponto lhe falta a vista, que não sabe acertar com o caminho.

Lucta longas e afflictivas horas em espirito com os demonios « que a queriam tragar e fazer perder ». Falar não póde, mas no intimo reza o *Credo*. Vê que Deus assiste á batalha, « que foi tão

encarniçada que, sem a divina presença, teria sido vencida ».

No mosteiro não a podem tolerar; todos a repellem; ninguém busca a sua companhia; e no isolamento em que se acha só encontra lenitivo nas lagrimas, sem nada se atrever a pedir a Deus; porque, a philosophia religiosa de Joanna era uma especie de *quietismo*, doutrina mystica que estava então muito em voga, tanto nas casas religiosas como no seculo. Esta doutrina chegou a degenerar em verdadeiras heresias condemnadas pela Igreja; tendo já, annos antes, produzido o molinosismo, verdadeira aberração dos sentimentos, expansão velhaca dos sentidos, que redundou nos mais inconcebiveis actos de baixa concupiscencia.

Joanna conserva-se em contemplação passiva. Nada pede a Deus, e espera que Elle determine não só o que tem que fazer, mas tambem o que lhe pedir. E' ella propria quem nos dá uma analyse do seu estado d'alma, nas seguintes linhas, que são como que um estudo psychologico, no qual se affirma intellectualmente superior á media das religiosas da epocha, e indirectamente explica o odio de que era victima.

« A Nosso Senhor e Redemptor Jesu-Christo havemos de pedir o remedio para todas as imperfeições e faltas nossas e de nossos proximos, por que só Elle as póde curar, como verdadeiro medico.

Do modo com que Elle dispoz a minha alma para lhe pedir aquillo que é servido que lhe peça darei alguma noticia, ajudada do seu divino favor, para que meus confessores examinem se vae tudo conforme ao que nos ensina nossa santa fé catholica, que é a columna firme a que nos havemos de apegar. Primeiramente ha muito tempo que não posso pedir ao Senhor cousa alguma, ainda que seja minha propria, sem Elle abrir aquelle caminho que é servido, com o qual dá luz á minha alma para conhecer que é vontade sua que lhe peça. Mas como a obra toda ha de ser do Creator, e nada de creatura, perde toda a lembrança d'aquillo que queria pedir e começa-se o coração a inflamar em o amor d'Aquelle a quem só deseja, e de quem conhece que lhe está vindo, como de um fogareiro incendiado, aquella centelha de fogo, com que se vae abrazando e desfazendo em amor; e assim como o fogo material gasta e desfaz o que se lhe lança dentro, assim aquelle fogo do divino amor vae desfazendo a alma do que era, e fazendo-a a mesma cousa com Deus, com o qual, a seu parecer, está unida com uma certeza de que não póde duvidar; e isto não sabe por que lh'o digam por palavras, nem menos o vê com os olhos d'alma nem do corpo; mas sente-o e conhece-o por uma noticia tão clara e admiravel que ainda que queira duvidar não póde. E assim como conhece que não foi parte

para chegar aquelle estado, conhece que não póde pedir e desejar cousa alguma, ainda que seja para a sua mesma salvação, senão aquillo que é vontade do Senhor a quem só pretende agradar. E tudo o mais fóra d'isto lhe parece um riso e uma tragedia ... » « ... já se entende que nestas cousas sobrenaturaes não é a alma nada, nem póde por si mesma obrar cousa alguma; por que toda esta obra inteiramente é do Creador, e o mais certo signal d'ella ser sua é o conhecer a creatura que não tem parte nesta nem a póde ter; porque tudo o que ali passa são cousas tão superiores e delicadas, que não póde o nosso entendimento fabrical-as, nem adquiril-as por si mesmo, por mais saber e lettras que tivera, por que não cabe em nossa esphera o podermos dar passo em aquillo que só pertence ao Creador; e assim como as não podemos adquirir, tambem nos convem não as desejar, pelo menos revelações, nem outras noticias as quaes são mui arriscadas, e quando de todo a alma não póde resistir áquillo a que Deus a leva, não ha de dar credito a revelações como a cousa de fé, com a qual sómente se ha de abraçar; e o que sentiu deixe-o a Deus, a quem ha de remetter tudo, e nunca se aparte do mesmo Deus, que é a fonte d'onde todos os bens nascem. »

Realisa-se por estes tempos (1657) a eleição do padre fr. Vivardo de Vasconcellos para geral da

ordem de Cister, o qual, tres annos antes, tinha fundado a recoleta de S. Bernardo de Lisboa, a que adiante me referirei mais largamente. Joanna, para satisfação das suas idéas de reformadora, aspirava a ser transferida para ali, mas nada pediria. Comtudo com a nova eleição, e dadas as relações espirituaes que tinha com fr. Vivardo, pensou na transferencia com maiores esperanças de bom exito e logo em visão « ... me vi vestida com um habito humilde e mui pobre de capucha e dava-se-me a entender tomaria este habito em a recoleta de Nazareth em Lisboa, da ordem de nosso patriarcha e pae S. Bernardo; e tambem entendia a minha alma que d'esta nova reformação se faria um dilatado numero de casas, para honra e gloria de Nosso Deus, o qual me dava a entender, por um modo admiravel, que por elle querer e poder era servido que eu, sendo aquella formiga tão pobre de virtudes e cheia de milhares de culpas e peccados, queria que fôsse mãe e cabeça d'aquella dilatada familia, e juntamente entendi que escreveria algumas cousas grandes tocantes áquella mesma reformação; mas não entendi por então o que havia de ser. Entendi tambem que era o Senhor servido me chamasse Joanna de Jesus ... ». E, sem mais detença começa a chamar-se assim, até que, annos depois, quando volta a Lorrvão, a prelada a obriga a usar o seu verdadeiro nome.

Mas porque as cousas do ceu a traziam sempre absorta e contemplativa, nem por isso se occupava menos com o futuro da sua familia.

Ao mesmo tempo que pensava em transitar para a reçoleta de Lisboa, occupava-se com a sorte de quatro irmãs, mingoadas de bens de fortuna, sem dote, e que desejava que entrassem para a religião, e muito principalmente para a reçoleta. Ainda nisto, como tambem na mudança do nome, temos a influencia de Santa Thereza. Uma das irmãs estava para casar, mas o casamento desfaz-se, e Joanna sente nisso uma grande alegria.

Tempos depois chega a Lorvão o padre fr. Vivardo de Vasconcellos, que lhe promette a sonhada transferencia para Lisboa. Entra com ella em mysticos colloquios; affiança-lhe que todas as visões que tem gosado são obra de Deus, e impõe-lhe, como preceito de obediencia, que no dia do Espirito Santo (maio de 1659), depois de confessada e commungada se sentasse á meza e escrevesse o que o mesmo Espirito lhe dictasse.

Assim o fez; e dos bicos da sua penna, que corre sem embarços, limpa e decisiva, foi saindo uma nova regra de reformação da ordem, escripta em cadernos que o padre Vivardo, para esse fim, particularmente lhe levara. A inspiração, porém, estanca-se-lhe de repente. Quer escrever, e não sabe o que. Faltam-lhe as cartas do padre Vivardo.

Entrega-se á melancolia. Fecha-se na cella, e a sua alma attribulada sente-se aniquilada, perdida. Sem saber porque, volve outra vez á meza, e continua a escrever; ao mesmo tempo que de Lisboa lhe chega carta do padre, communicando-lhe que, enfim, sairia de Lorvão.

Assaltam-a de novo as duvidas se as visões seriam obra de Deus ou do demonio; e se não entrariam neste numero as que anteriormente lhe tinham annunciado a sua ida para Lisboa; e só se tranquilisa, quando uma sua irmã, então noviça lhe declara: « que uma noute, em sonhos, vira o nosso padre fr. Vivardo, que ia buscar-me, e que entendia que era isto para grandes cousas do serviço do Senhor, de que ella tambem havia de participar. »

A partida é revestida de grande apparatus de despedidas, perdões e lagrimas.

Depois da missa do dia, que se rezava ás dez horas da manhã, reunida a communidade no coro, Joanna roja-se por terra, e, lavada em lagrimas, despede-se de todas as religiosas, exhortando-as, com um longo discurso, á pratica da virtude. Por entre as álas das monjas encaminha-se para a porta, onde já a esperava uma liteira, em que entra acompanhada de uma s̄nhora conversa. O padre fr. Vivardo, que ainda era D. Abbade Geral, com os seus secretarios e comitiva, cavalgando mulas,

fazem escolta ao vehiculo, que vae subindo e descendo os cerros asperos, já sem verdura, mas debaixo d'um sol abrazador, atravessando rios e regatos quasi sem agoa, visto que estamos a 27 de setembro de 1659. Demora-se pouco no mosteiro de Cos, enquanto o D. Abbade vae a Alcobaça, seguindo depois para Lisboa, e dando entrada na recoleta no mesmo dia em que ali chegou, a 8 d'outubro.

Antes de passarmos á nova phase da vida de Joanna d'Albuquerque, convém que tomemos conhecimento com uma personagem que vae ter uma acção decisiva sobre ella, a que já por mais d'uma vez nos temos referido, e que é ao mesmo tempo uma curiosa figura do meio claustral do seculo xvii. E' ella o padre fr. Vivardo de Vasconcellos, ao tempo D. Abbade Geral d'Alcobaça, e fundador da recoleta.

Era fr. Vivardo abbade do mosteiro do Desterro, em Lisboa quando foi eleito D. Abbade Geral e nesta cidade teve occasião de praticar em materias do espirito com Maria da Cruz, fundadora d'um recolhimento, situado na freguezia de Santos, no bairro do Mocambo, sob a invocação de Santa Magdalena. Maria da Cruz estivera em Roma; discreteava sobre as cousas de Deus com grande

auctoridade, e tal veneração merecia a fr. Vivardo que este, por fim, já lhe não falava senão de joelhos! Tinha absoluta confiança nas suas palavras, e entregava-se-lhe de alma e coração a ponto de que « todos diziam que ella o tinha enfeitado ». Naturalmente lhe veiu a idéa de ampliar a fundação de Maria da Cruz, transformando-a em recoleta cisterciense. Os trabalhos que teve de realisar para levar a cabo o seu intento foram grandes, as opposições geraes; mas mui principalmente as mais serias foram as do procurador da corôa Thomé Pinheiro da Veiga, e a repugnancia do chanceller mór Affonso Furtado de Mendonça. Actuavam estes por tal fórma no espirito de D. João IV que, muito embora elle, influenciado pela rainha, quizesse dar despacho favoravel para a nova fundação, não se atrevia a fazel-o.

Uma occasião, porém, em que fr. Vivardo conseguiu falar nisso a El-Rei, já perdidas as esperanças de alcançar o que desejava, lançou mão da ameaça e em tom prophético disse ao monarcha:

— Deus ha de castigar a V. Majestade se não conceder esta licença, e esta é a ultima lembrança que faço a V. Majestade, porque não tenho ordem para tornar mais a seus pés!

Quer que amedrontado pela praga, ou movido pelos mil empenhõs que os frades sabiam pôr em

acção, o rei cedeu; e mal deu o despacho « melhorou d'um formigueiro que muitas vezes lhe causavá no braço esquerdo esquecimento total. »

As fundadoras vieram dô convento de S. Bento de Castris de Evora, e foram a madre Maria Antonia do Espirito Santo, D. Maria d'Almeida e Vasconcellos e D. Francisca de Vasconcellos Turjeiro, irmãs de fr. Vivardo. A primeira missa celebrou-se a 6 de janeiro de 1654, finda a qual foi deitado o habito ás fundadoras, e nomeada prelada soror Antonia do Espirito Santo, que o foi até 6 de janeiro de 1666 *.

A nova instituição adoptou uma regra severissima e aspera. As recoletas jejuavam todo o anno; comiam sempre de peixe, á excepção das doentes; não falavam com pessoa alguma de fóra, e sómente quatro vezes no anno com pae, mãe ou irmãos, e

* Por occasião do terremoto fugiram as freiras para o convento da Esperança, onde estiveram até 15 de março de 1756, d'onde passaram a enclausurar-se na Quinta dos Loureiros, proximo do Campo Pequeno, que D. José lhes dera, tendo-a comprado por 20:000 cruzados. Por intermedio de fr. João Raposo, abbade geral da congregação de S. Jeronymo, D. Maria I, reedificou-lhes a casa do Mocambo, onde ultimamente esteve estabelecido o collegio da Conceição.

Pela extinção dos conventos, estando este arruinado, foram as religiosas transferidas para as Trinas de Mocambo, d'onde, algum tempo depois, ainda passaram umas dezanove professoras e algumas recolhidas para Odivellas.

só os paes as podiam vêr; para dirigirem a palavra umas ás outras careciam de licença expressa da prelada, e isto só tinha logar uma vez em cada semana, ordinariamente ao domingo, do meio dia ás tres da tarde, estando todas juntas no mesmo logar. Commungavam ás segundas e quintas-feiras, e tinham duas horas diarias de oração mental em communidade.

Os officios divinos eram assim divididos: matinas ás duas horas da madrugada; oração mental ás cinco; prima ás seis da manhã.

Dormiam em enxergão, com lençoes e travesseiros de estamenha e cobertor de papa branco.

Trajavam tunicas de estamenha, habitos de burel grosso, escapularios ou de estamenha tinta de preto, ou de sarja da mesma côr. Na cella, além da cama, só lhes era permittido algumas imagens, um crucifixo, e um banquinho. Bebiam todas pelo mesmo pucaro. Disciplinavam-se em communidade ás quartas e sextas feiras, e no Advento e Quaresma um dia sim outro não, e todos os dias na Semana Santa.

Mas voltemos, e acabemos de vez com Maria da Cruz.

Como elle proprio confessa, fr. Vivardo lançou o habitó de noviça a Maria da Cruz « assim por

me ajudar nas licenças que pedi a S. Majestade para fazer a fundação, como pela opinião que tinha da sua virtude ». Esta opinião infundiu-a elle ás outras religiosas que viviam á roda de Maria da Cruz completamente dominadas por ella, e ouvindo com delicias as narrativas que lhes fazia de visões e revelações divinas. Ora esta constante companhia á *Santa* fez vêr a algumas que ella o não era tanto como publicava « porque não tinha oração, e fugia de todo o trabalho e de toda a abstinencia, queria comer gallinha e doces, e outras cousas de regalo, não queria ir ás matinas, e porque um dia a affrontaram, despiu o habito, dizendo que não queria ser freira. » Mal fr. Vivardo soube d'estas cousas, mandou que lhe vestissem o habito e que a mettessem no carcere. Deu conhecimento do acontecido ao presidente do conselho geral do Santo Officio, e pediu a fr. Martinho da Conceição, religioso carmelita descalço, e grande mestre em mysticismo, que lhe examinasse Maria da Cruz. O resultado do exame foi que « o seu espirito não era bom. » Não contente com isto solicitou igual exame do padre João de Paiva, da Companhia de Jesus, e de fr. Antonio da Conceição, religioso trino, e ambos foram de igual parecer. Maria da Cruz era uma fingida! O padre Vivardo reprehende-a; ella desculpa-se com intrigas do convento, cuja abbadessa affiança: que ella lhe

declarara a medo que inventava o que dizia; o que ella contradiz. Cançado d'esta lucta, fr. Vivardo communica o caso á Inquisição « do que resultou virem dois senhores inquisidores, cada um por sua vez e em diversas occasiões fazer-lhe perguntas e examinar suas cousas. Como eu vi que tinham chegado áquelle extremo, antes que chegassem a peor a chamei e lhe disse: que bem sabia ella como sempre me enganara, e a veneração com que a tinha tratado, por cuidar que era o que ella tinha publicado, e que andei dois annos dissimulando e encobrando suas cousas, dizendo á Rainha Nossa Senhora e a quem me perguntava por Maria da Cruz, dizendo que a não professava porque, como não sabia ler bem, que a andavam ensinando, e isto tudo para encobrir seus enredos e hypocrisias, publicando-se santa sem o ser, dizendo que o Senhor lhe imprimira suas chagas; mas que lhe pedira por fazer que andassem encobertas, que ás não vissem as creaturas, e outras cousas d'este lote... » Maria da Cruz reage, mas Vivardo pede emprestada a liteira a Affonso Furtado de Mendonça, deão da Sé de Lisboa, e ao cair da noute obriga Maria da Cruz a entrar nella, e a leva para casa do pintor Marques, conhecido da expulsa.

O beaterio de Lisboa alvorotou-se com a noticia da expulsão, e até, segundo o padre conta, as

propias damas do paço, na presença da infanta, o increpavam pelo acto injusto. Pássado algum tempo a Inquisição prendeu-a, mandou-a açoutar e degradar por cinco annos para o Brazil*.

Agora que já conhecemos o meio rigoroso em que Joanna vae viver, continuemos a seguil-a nesta nova e dolorosa phase da sua peregrinação claustral. Se o mysticismo que ali predominava satisfazia as aspirações da sua alma, o seu estado morbido, os seus ataques epilepticos, as doenças que a acabrunhavam eram pouco de molde a conquistar-lhe as sympathias de gente habituada ao socego e quietação contemplativa. O egoismo da vida monastica, em que cada qual trata de si, faz com que ella sinta que lhe faltam os cuidados e a caridade que as suas parentas lhe dispensavam em Lorrvão; e outra cousa se não deprehende das suas seguintes palavras: « ... porque ainda que aquellas servas do Senhor me faziam muitas caridades, como eu era só e estrangeira, imaginava que as podia molestar com os meus trabalhos, e para que estes me parecessem mais amargosos punha-se-me diante dos olhos que viera para aquella santa casa sem trazer dote; lembravam-me

* Cf. Codice d'Alcobaça 433/307, pag. 92 e seg.

minhas parentas é irmãs, e o muito amor que me tinham e o cuidado com que em aquellas occasiões (os accidentes) me acudiam com todo o necessario, e finalmente não havia cousa penosa que se me não pozesse diante, para me desconsolear e fazer guerra, e como eu não tinha ninguem em quem tivesse inteira confiança, assim cercada de pennas e mettida em trevas me apresentava ao meu Senhor. » E' neste estado d'espírito que a voz divina lhe segreda as seguintes palavras: — « Eu sou o teu dote, por minha conta corre a paga do que gastas, não te hei de faltar nem a esta casa. » Estas consoladoras palavras dão-nos a entender que por mais d'uma vez as mysticas recoletas desciam a mesquinhas insinuações ácerca da realidade das cousas da vida, e que lhes pesava não só os descommodos que lhes davam as doenças de Joanna, como lhes era sensível o pouco ou muito que ella podia participar da parca mesa refeitoral.

Assim que fr. Vivardo deixou de ser geral da ordem, e com licença do seu capitulo se retirou para Lisboa, a fim de dirigir a recoleta com plenos poderes, Joanna toma-o para seu confessor, e entre ambos estabelece-se um commercio intimo de cousas espirituaes, taes como: rezar pelas necessidades e afflicções d'elle e dos seus amigos; saber de Deus futuros acontecimentos; e confiar da confessada a cura dos seus males, quando se achava doente.

Uma das grandes mercês que Joanna alcançou do ceu foi fazer com que um amigo do padre Vivardo fosse despachado vigario geral de Santarem, e isto contra a vontade do cabido e dos grandes protectores do outro concorrente!

Joanna, agora, pedia com confiança, quasi com a certeza de ser attendida: porque estando um dia em amoroso colloquio com a Divindade ousou dizer-lhe: « Bem sei eu, meu amor, e meu Senhor da minha alma, que sois vós Jesus de Thereza e por isso lhe fazieis tantos favores; ao que teve como resposta: « Tambem sou Jesus de Joanna. »

As asperezas da recoleta não lhe faziam contudo esquecer dos seus parentes, laço humano que nunca pode desfazer.

« Depois de eu ter alguns annos de habito de religiosa, escreve ella, lembrava-me muitas vezes a boa criação que meus paes davam a seus filhos e que diziam que a todos criavam para dedicarem ao Senhor em a religião. E tendo eu desejos de os vêr a todos servos d'este grande Rei, estando algumas vezes em oração offerencia a este Senhor meus irmãos e pedia-lhe os tomasse todos para si, e muitas vezes entendia que o meu Senhor os tomava e os tinha comsigo. Depois, pelo decurso do tempo, succedendo-se algumas occasiões de casamentos estava eu inclinada a que se lançasse mão d'elles por serem bons os dotes, e tudo o mais, e indo á

oração me reprehendeu o Senhor com grande poder e rigor...» Isto fez com que aproveitando-se de terem dado uma estocada no unico irmão que ainda não era frade, e que estava em vespera de casar, ella o dissuada do matrimonio e o obrigue a tomar ordens, e a professar em Alcobça.

E' difficil, se não impossivel saber-se, hoje, o que, oito mezes 'andados depois que fr. Vivardo tomou conta da recoleta, se passou em relação a Joanna. Conta ella que um dia o confessor da casa, fr. Alberto do Amaral, a mandou chamar ao confessorario, e impoz-lhe, com gesto carrancudo e palavras rigorosas, que deixasse de se confessar com o ex-abbade geral; e ainda a pobre mulher não viera em si da perturbação que o tom e o inopinado de tal ordem lhe causara, quando foi de novo chamada para se preparar afim de fazer confissão geral, para o que se lhe dava tres dias.

Escusado é dizer que se lhe augmentou a melancolia, se lhe aggravaram os males phisicos, e redobraram as angustias moraes. E taes e tantas eram ellas que, para se dirigir ao confessorario, tinha que solicitar o amparo de outra religiosa.

Fr. Alberto era menos mystico que fr. Vivardo de quem um chronista d'Alcobça escreveu: « A sua catholica inclinação o fez mais exercitar nas virtudes que nas lettras e applicar aos livros

mysticos com preferencia aos das faculdades. » Tanto este era crendeiro e affavel tanto o outro era desconfiado e desagradavel. Fr. Vivardo acreditava facilmente em santidades, fr. Alberto tinha duvidas sobre as origens das visões, extases e arrobos. As suas falas eram sempre de quem reprehende e deseja amedrontar.

O desejo de conhecer Joanna a fundo fez-lhe impôr a obrigação da confissão geral, « em cada um dos mandamentos, escreve ella, assim do tempo de meninice, como de todo o que tinha de religião, que eram já em este tempo vinte e cinco annos. » Grandes cousas se deviam ter passado para que fr. Alberto se esquecesse da carta que tempos antes lhe escrevera em latim *, quando ella ainda

* Muito amada esposa de Meu Senhor Jesus Christo, para mim irmã carissima em seu nome e vontade, para ti muitas vezes a graça e a paz proveniente d'Eile, que foi, é, e será, ao qual sempre dou graças, que tudo quanto ha de bom fez em nós mesmos, não todavia sem o nosso concurso, pois de algum modo sômos coadjutores de Deus.

E dou graças ao Meu Senhor Jesus Christo, que te escolheu em caridade não simulada, para que sejas seu meio de salvação em muitas irmãs ; pois Deus escolheu a enferma da saude do mundo para confusão da força, e o falto de tino para confundir os sabios do mundo ; Deus escolheu-te, porém, para que por ti e em ti, Elle que é reparador de todos, e reformador da lei e do seu povo, por ti reforme as freiras da nossa ordem. E assim irmã amantissima, curvando já o pescoço ao suave jugo

estava em Lorvão, e á qual tinha visto uma unica vez como ella propria confessa. Nessa carta julga-a elle então até capaz de ser reformadora, agora nem para reformada a quer !

Tendo fr. Alberto que retirar-se do mosteiro, por algum tempo, auctorisou-a a que continuasse a confessar-se com fr. Vivardo : mas foi-lhe tambem

do Senhor, ao sôpro do Espirito Santo, dispõe-te para que a tua lingua seja a penna do escrevente correndo veloz, e, seguindo a regra e os usos e os costumes cistercienses, compõe a reforma das freiras de Cister. O mesmo Espirito Santo que é uno com o Pae e o Filho, te dictará o modo e o que escrevas. a Santissima Virgem das Virgens Maria te favorecerá, invocado primeiro o nome de N. S. J. C., e tudo o que te occorrer. escreve, ainda que te pareça contrario á regra e ao uso. pois por motivo da enfermidade das mulheres e da idade quiz Deus dispensar em algumas cousas, tornando mui suaves as normas da vida, para que não pareça extremamente aspera a disciplina do Senhor.

Essa mesma reformação feita por ti e por ti mesma escripta será apresentada ao Summo Pontifice Vigario de Christo para que approve o que fôr da boa vontade de Deus e o que fôr bom, o que fôr contrario reprovará. Pelo que trabalha, filha de leão (mulher forte) para que concluas esta obra com a maior diligencia, e te esforces para que em breve seja apresentada ao Summo Pontifice, e guarda segredo e não duvides : O Deus da paz porém e amante resplandecerá sempre contigo.

Ide em Christo.

FREI ALBERTO DO AMARAL.

declarando que escusava de contar com o amparo d'este para o estado d'alma em que se achava.

A' alegria que experimentou por esta noticia, succederam-se grandes tormentos moraes.

Fr. Vivardo já não é o mesmo para com ella. Durante o tempo que estivera ausente soffrera uma transformação radical. Elle, que outr'ora a ouvia com inexgotavel paciencia, parece agora contrafeito. Em vez de palavras de paz e de quietação tem reprehensões asperas e sacudidelas bruscas. A' desgraçada só lhe resta implorar o auxilio divino para saber se deve ou não continuar com tal confessor, e escuta a voz de Deus que lhe diz: que continue. — Então « muitas vezes em os dias em que me havia de confessar chegava á porta do confessorario e via que estavam algumas religiosas falando com o padre, e como eu não tinha confiança para entrar, nem para perguntar se chegava já o tempo de me confessar, sentava-me á porta, como pobre em terra extranha, e todas as que passavam me punham os olhos, e perguntavam-me por que não entrava, e eu, calando, respondia a mim mesma: Quero estar aqui á vista de todas para que agora me vejam abatida, as que alguns dias me viam favorecida e estimada! »

Uma vez o padre repelle-a; prohibe-a que vá onde elle se encontre. Ao redor d'ella é medonha a solidão e dilacerante o abandono. Renova-se-lhe

uma visão, que se repetira em Lorvão, na qual o Senhor lhe dava todos os seus martyrios e cruz; e a sua voz fez ouvir-lhe estas palavras: « Quando te fiz esta mercê gosaste grande deleite, agora has de padecer os amargos da minha cruz. »

Cabe aqui um exemplo de como a estreiteza da vida monachal pôde occasionar tratamentos crudelissimos. Como o padre fr. Vivardo insistisse mais e mais em a afastar do seu confessorio e — note o leitor que nos conventos e mosteiros, a preferencia de certos confessores representava não só um grau d'estima pessoal, mas tambem outro, não menos attendivel, de consagração religiosa — como elle se escusava a ouvil-a de confissão, elle que para ali a tinha trazido, de *motu proprio*, como modelo de monja, as religiosas começaram a reparar na mudança, e naquelle exiguo mundo de mysticas, de pobres espiritos, que pouco mais sabiam do que os Padre Nossos e Ave Marias das contas, e as palavras latinas do breviario, germinou e desenvolveu-se, gradual mas intensamente, o desejo de a verem d'ali para fóra.

Não poderia aquella ovelha leprosa contaminar todo o rebanho? Ella o diz, quando escreve, em linhas, nas quaes se sentem as lagrimas: « e assim a prelada como algumas religiosas a que tocavam mais estas cousas, se alguma vez me entravam na

cella, sempre diziam e davam razão sobre esta materia que me magoava a alma. »

Não contentes com as insinuações, resolveram-se a liquidar a situação e perguntaram-lhe claramente o que tencionava ella fazer, visto que o padre D. Vivardo tinha aberto mão de todas as cousas que lhe diziam respeito, e que sem o favor d'elle não podia ali continuar. Joanna não procurou evasivas, e respondeu que estava mais a caminho da cova do que de outra cousa ; mas que, se melhorasse, se recolheria a Lorvão.

Por vezes lhe fazia companhia a conversa que com ella fizera viagem ; e, como tivesse bom dote e desejasse professar, estava tudo preparado para a solemnidade. Um dia Joanna aconselhava-a que pensasse bem no passo que ia dar, visto que eram grandes as austeridades da recoleta. Depois lamentou-se por se julgar tão ruim e pouco aproveitada em virtudes, e rogou-lhe que pedisse por ella ao Senhor, « visto que um servo seu muito espiritual lhe dissera que ella era melhor quando estava em Lorvão. » Parece que a prioriza (irmã de fr. Vivardo) escutava tudo o que se dizia e, tendo ouvido mal, julgou que Joanna tirava da cabeça á conversa que professasse, e que mal afamava da recoleta. Então, em ira descomposta « entrou pela cella dentro, com um semblante carregado, e tomou a irmã que estava falando commigo, e, sem me dizer palavra, a

levou; e eu ficando com o mesino silencio, cuidando em a causa que haveria para aquelle successo, tornou ella logo a entrar só pela cella dentro e disse-me com grande paixão: que havia eu mister que me prendessem por doida, por que tinha os diabos no corpo; que me fosse d'aquella casa para o meu mosteiro, que o diabo e não Deus, fôra o que me trouxera! Que me fosse! E a estas palavras ajuntava outras muitas que não relato, por não cansar a quem as ler, mas todas me feriam muito o coração, e me accrescentaram males que estava padecendo no corpo. » Toda a gente no mosteiro se levantou voz em grita contra ella, e todas á uma iam dizer a fr. Vivardo que ella se queria ir para Lorvão. A desgraçada jaz na enfermaria, e é no momento em que lida com as torturas d'um ataque, ás seis horas da manhã « sem ter com ella ninguem que a podesse soccorrer », que uma das religiosas se approxima e lhe entrega uma carta de fr. Vivardo.

Parece isto o requinte da crueldade; e comtudo aquella gente era uma santa gente, e irresponsavel do mal que fazia. Soror Joanna estava evidentemente possessa; e não sendo do Espirito de Deus, era fatalmente do espirito das trevas! E d'ahi a sanha contra ella.

A carta, que ella depois leu, é curiosa, e transcrevo-a como documento do estado intellectual d'um

ex-abbade geral d'Alcobaça, no ultimo quartel do seculo xvii.

Eil-a :

« Minha madre. Eu não estou mal com V. R., estou mal com o seu amor proprio, com a sua soberba, com o seu pouco soffrimento, e com a sua lingua, com que V. R. tem escandalizado até as paredes d'essa casa; e finalmente eu cuidei que tratava com uma ovelhinha de Deus, e achei-me com outra Maria da Cruz. Porém V. R. não me enganou a mim nem a Deus, que a conhece. V. R. é a que fica enganada, que eu com o meu nada entro nestas cousas, e com o meu nada torno a ficar; por que como o que amo, cuido que é de Deus, tanto que conheço que me engano torno a ficar como estava. Só o que me pasma é o dizer V. R. á prelada tantas vezes, e ás religiosas que se queria tornar para o seu mosteiro, sem ter vergonha de seus parentes e do mundo, e nisto conheci a violencia com que V. R. vive nesse paraizo e sua pouca humildade; e como toda a sua doutrina é falsa d'onde estes erros começaram para Deus permittir esses enganós. Saberá V. R. ou nunca o saberá porque a sua cegueira e a sua soberba e presumpção não lhe dará logar a isso. Eu ainda que sou peccador peço sempre ao Senhor lhe dê luz para se conhecer, que emquanto isso não fôr. nunca no seu coração ha de entrar humildade

e arrisca-se a perder a alma e a deshonnar-se e a seus parentes. Eu já por curar estes desacertos, digo a quem me pergunta por V. R. que se lhe não despede a febre, e que dizem os medicos que se faz tísica, se a não tornarem ao natural, porque tenha alguma desculpa que dar a quem a vir ir para o seu mosteiro; e se V. R. lá quizer dizer outra cousa diga, embora dar-se-ha a conhecer lá, como se deu cá. Nosso Senhor lhe dê luz, assim como eu peço e guarde muitos annos, Nazareth. Sexta-feira.

Servo de V. R., fr. VIVARDO. »

Joanna ajunta:

« Escreveu-me este R. Padre esta carta da casa perto da mesma recoleta, que é invocação da Senhora da Nazareth; por isso não poz os dias e era, que eram 19 d'agosto de 1662. »

Esta carta prova que a santidade subira á cabeça de Joanna, que, como muitas da sua epocha, tinha a ambição de ser glorificada em vida. E quem sabe se, por meio de pias fraudes, não procuraria tornar manifestas as mercês que julgava alcançar de Deus.

Insiste na regra da reformação de Cister, que em visão vê discutida no Paraizo, num congresso de santos e fundadores de ordens religiosas, e por elles ser approvada, depois de grandes debates.

Quem ler o livro da sua vida, verificará que neste periodo se inicia uma nova serie de variadas visões, que acho prolixo copiar ou descrever.

Parece que os negocios do padre Vivardo não corriam bem: e que elle sentia a necessidade d'um intermediario junto de Deus, não só para si, como para os seus amigos e pessoas de suas relações. Abranda-se-lhe, pois, o coração, começa a pensar se Joanna seria ou não deveras santa, manda-a chamar e auctoris-a a que torne a ser sua confessada. As cousas para as quaes o ex-Abbade Geral pedia o valimento de Joanna, era que fosse restituído á sua cadeira da Universidade de Coimbra, um religioso * que d'ella estava privado por intrigas: e que protegesse um fidalgo, que andava envolvido numa demanda que julgava perdida.

Acabrunhada pelos males phisicos e fiada numa promessa de Deus, ella, que não podia andar senão arrimada a um bordão, lança este fóra, e sente-se rija e forte para ir ao coro.

O padre Vivardo adoece d'umas feridas, para as quaes a sua confessada lhe receita uma certa pomada. Mas as feridas aggravam-se, com o uso do medicamento, exacerbam-se as dores, e o padre,

* Fr. Gabriel d'Almeida, lente de escriptura.

repudiando o remedio, solicita que elle seja substituido por orações, as quaes operaram a desejada cura.

No fim de cinco annos de recoleta, a communi-
dade começa a pensar nella para prelada *, o que
muito a afflige. E' por esta occasião que opéra
o seu primeiro milagre publico. Fr. Vivardo tinha
ido a Azeitão visitar a D. Pedro d'Alcantara, tio
do duque de Cadaval. Querendo voltar para Lisboa,
vê-se impossibilitado de o fazer por se ter desen-
cadeado uma furiosa tempestade. Joanna sabe do
transtorno, teme o perigo e recorrendo a Deus,
obtem d'Elle que amaine os ventos, socegue as
ondas e o padre chega são e a tempo a Lisboa. Foi
por este seu confessor que tambem soube e pôde
escrever para a posteridade: « que aquelle D. Pedro
era thesouro escondido: por que entre os faustos do
mundo, e espinhos da cõrte conservava as flores
das mais agigantadas virtudes. »

Em 15 de setembro de 1664 começou a passar
a limpo o manuscrito da reformação para um
livro, e acabou este trabalho em vespera de Santa
Thereza (15 d'outubro), « e logo no mesmo dia
entreguei o livro em que tinha escripto esta obra

* E' possível; mas ainda vivia a primitiva prelada soror
Antonia do Espirito Santo, que falleceu em 1666, e portanto
as idéas de substituição talvez fossem vagas.

ao meu confessor, para que pozesse os titulos em os capitulos, por entender era vontade do Senhor e de Sua Mãe Santissima elle os pozesse. »

Informa-nos que a reforma não é obra d'ella; e assim com Thereza era-ajudada pelos anjos na sua vida litteraria e docente, assim Joanna escreve a pezar seu, e como que por inspiração divina, e muitas vezes, diz ella, quasi contra o que pensa.

O inverno d'este anno foi terrivel para a pobre visionaria. Redobram as febres, com grandes tremores de frio e martyrizam-a as nevralgias faciaes. Indo para commungar tem uma vertigem cataleptica, que descreve: « caí com um accidente, que me tirou todos os sentidos, e assim na cõr do rosto, como na compostura com que fiquei, diziam as religiosas, que parecia morta. »

Na quaresma do anno seguinte (1665) manifesta-se uma crise demoniaca em seguida ao accidente: « se me ajuntou uma terribilidade interior tão grande, que me parecia estava deixada de Deus; e esta deização causava-me umas raivas e desesperação que toda me fazia pedaços, e quando queria fazer a isto resistencia, não podia nem queria que me falassem em Deus. » Magdalena de Pazzi, chegava até a blasphemar e a renegar o nome do Senhor!

E' n'esta altura da sua vida que ouve a voz divina, que lhe dá um conselho salutar para ella,

e até para muitos outros. A voz do Supremo Creador grita-lhe: « Mais oração e menos escrever! »

Aggrava-se-lhe a crise amorosa, manifestando-se num verdadeiro paroxismo. Diz ella:

« Neste mesmo dia, depois de completa, quando me queria recolher, cheguei como sempre costumava a um Senhor que tinha na cella posto na cruz e dei-lhe um osculo no peito, e entendi que o Senhor me fazia grande força que lh'o desse na bocca: mas eu tive um temor e parece-me que por humildade lh'o não dei, e assim, como quem não fazia o que lhe mandavam, me recolhi. Ao outro dia, ás cinco horas da manhã, fui para a oração conventual, e comecei-me, com grande paz e suavidade, a recolher ao interior aonde entendia com grande certeza tinha commigo o meu Senhor Deus e *homem verdadeiro*, o qual com um amor excessivo se chegava a mim e dava-me a entender que aquelle osculo, que eu lhe não quizera dar, quando Elle m'o pedira, m'o daria Elle a mim. E chegando-me a si me tomava e apertava comsigo, e pondo eu peccadora a minha indigna bocca na sua, com uma doçura e suavidade, que me tirava de meus sentidos, estava gosando aquelle soberano favor, e como com elle me sentia enlouquecer. O Senhor me tornava a apertar comsigo, como quem se não satisfez de uma cousa que muito desejava de lograr, e tornava a renovar o favor passado, e a minha alma de todo amortecida, sem

saber o que dizia, parece falava interiormente muitas palavras todas de grande amor, e entendia que o Senhor me respondia outras muitas das quaes me recorde d'estas: « Minha querida esposa, quanto te amo, e quanto me deleito em estar contigo ». Aqui me lembrei do meu confessor, como quem desejava de lhe dar parte d'aquelles grandes bens que estava gosando, e o Senhor me dizia com grande amor: « Aqui o tenho commigo! E, logo entendi que tambem ali estava. »

D'aqui ao molinosismo vae a distancia... d'um confessor lubrico.

« Ao depois de prima, vim para a cella, e logo em chegando fui ao meu Senhor, que tenho na cruz, e Elle, dando-me a entender o que havia passado, me obrigou a que lhe dêsse um osculo em a bocca; e obedecendo-lhe eu já pelo que era passado, senti tão grande doçura e suavidade, que toda me trespassei com aquelle divino amor, e parecia-me que tinha a bocca cheia de grande suavidade e sabor... »

E' no meio d'estas tribulações que de novo ouve a voz de Deus repetindo-lhe: « És minha e eu sou teu!... »

Seria inutil continuar a trasladar todas as visões que dia a dia se repetem no seu espirito; contar as dores que soffria e as angustias que a torturavam; o que tudo não impede que se occupe de seu irmão,

que acabava de tomar habito em S. João de Tarouca, e de começar a copiar a reformação da ordem, que em tempo tinha composto.

Este temperamento de reformadora accentua-se no que vae escrevendo, principalmente num dos capitulos no qual Deus lhe dá a entender que o padre Vivardo, cuja irmã era abbadessa, nem sempre se deixava levar pelo caminho da cega justiça. Ouçamol-a: « Tambem o Senhor me dava a entender que se servia muito de que os prelados tratassem os subditos com muito amor e grande egualdade, de modo que nem os favores nem os castigos fizessem por respeito nem affeição particular; e como este amor proprio é muito difficuloso de conhecer, *quando os prelados teem parentes em o mosteiro*, ficam mais arriscados a cair em muitas faltas que a elles lhes não parecerão nocivas... »

Mão extranha escreveu por debaixo d'este trecho e de outro que se segue, no qual egualmente são dados conselhos aos prelados, como sendo de inspiração divina, as seguintes palavras: « Leiam isto a todos. »

Chegamos assim, entre trabalhos e mortificações, ao anno de 1665, e recebe noticias de Lorvão de que tendo passado por ali o Padre Geral da ordem dissera que brevemente ella voltaria para lá. Isto

por tal fórma a sobressalta, que vae consultar o confessor, o qual lhe responde: « ... que já tinha padecido com isso muito; mas que não tinha dito nada, por me não dar mais que sentir. Que o Padre Geral dissera em Lorvão que havia de levar-me da recoleta: porque certas religiosas de lá foram zelar a visita, que tinha passado havia pouco, que eu, não era naquella casa de nenhum prestimo, e que juntamente escrevia algumas cousas tocantes a reparações, e outras, que podiam aproveitar pouco: pelo que convinha que me tornassem a levar para o meu mosteiro, e que o mesmo Geral falara com elle fr. Vivardo e lhe dissera que convinha que me levassem, antes que estas cousas fossem sabidas, e com isso impecessem em o credito da mesma religião... » E' por esta occasião reprehendida em capituló pelos conselhos mysticos que dera a uma religiosa « ... e que foram taes, segundo disse a prelada, que estava a religiosa arriscada a se perder, se o Senhor por sua bondade lhe não acudisse... » Passados dias, tendo-lhe uma religiosa lido « uns apontamentos em que escrevia, em que apontava algumas cousas que passava na oração, e como eu sempre duvido das minhas, em nada me parece que acerto; e assim, por ver que ella se facilitava commigo, lhe li as tres primeiras folhas d'este livro, e por entender que ella reparava em eu dizer algumas cousas em estylo mais

levantado, o que não podera cuidar, porque totalmente me parecia que todas as minhas eram peiores, comecei a desgostar do livro, e determinei, sem dizer nada ao meu confessor, cortar aquellas folhas primeiras, e escrever outras de novo. E estando com este pensamento em o coro, de repente me acudiu o Senhor, e a Virgem Senhora Nossa, e com grande poder e majestade, como quem me reprehendia, me disseram que não bulisse em o livro. que tudo o que estava nelle era Seu e que tudo lhe agradava a Elles... »

Mais algumas paginas, contando ainda anteriores visões de 1663, e está finda a primeira parte á qual penna escrupulosa ajuntou a seguinte observação:

« Este tratado que me parece se não deve fiar de todos e menos de pessoas que não tiverem letras: nem o leiam emquanto não está approvedo por varões doutos. Não é util para quem segue a vida espiritual, por muitos fundamentos e perigos a que se expõem, e menos entre pessoas do sexo feminino: me não parece conveniente ande de mão em mão, porque ainda que a doutrina seja muito util e muito clara, trata nella alguns pontos que teem maior difficuldade, e sem approvação de maior exame não devem decorrer, ainda que bem vejo que se sabe que a nada d'isto se ha de assentir em fé divina, no que toca a revelações, senão com fé humana ».

Tinha oito annos e meio de recoleta quando fr. Francisco Brandão, então D. Abbade Geral, passou uma provisão dando ordem á prelada da Nazareth para que deixasse sair Joanna para Lorvão, e á d'este mosteiro para que a recebesse. Esta ordem magoou-a, tanto mais que ella esperava ir ser fundadora da recoleta de Santarem * como o padre fr. Vivardo lhe promettera. A ordem era terminante. Cumpria obedecer. Tres dias passados, foi-lhe enviada a liteira e o viatico para o caminho, e partiu acompanhada de seu irmão. A pena apertava tanto com a exilada e a vergonha era tal « que, diz ella, me parecia tinha perdido a honra e o credito, de modo que nem de meu irmão me atrevia a ser vista, porque me parecia que do ceu e da terra estava reprovada, e assim nem para tomar alguma refeição ás horas costumadas, pedia pelo amor de Deus me deixassem ficar mettida em a liteira : á noite, quando de força havia de sair, cobria o rosto com o veu, para que ninguem me visse ... » « ... E apenas chegamos, ao depois de duas jornadas, a um logar chamado Paialvo, sendo

* Fr. Vivardo de Vasconcellos alcançara licença para fundar uma recoleta em Santarem, que depois foi subrogada pela fundação do mosteiro de Tabosa. E' para notar que escrevendo o padre Vivardo a historia da recoleta de Lisboa com toda a minuciosidade nunca se refira a Joanna de Jesus!

já de noute, e estando recolhidos em uma pobre casinha, por fugirmos da estalagem, entrou pela porta da casinha um irmão meu, frade da ordem de Thomar, que vinha por lhe chegar aviso que eu vinha por caminho; algumas cousas me disse por me consolar em a pena com que me via; mas como esta dor nascia de causas tão penetrantes, e eu não communicasse estas senão a Deus, não me podiam alliviar as creaturas. Passámos naquella noite, e no dia séguinte, estando eu já na liteira, caiu um dos machos no chão, sem podermos dar passo algum. Afflictos com este successo, se foi meu irmão a Thomar, que parece ficava perto, e no entretanto me levou o outro para uma ermida, que ficava em um alto deshabitado de gente, e sem se poder esperar que ali viria creatura alguma, por ser já muito tarde, e fóra de tempo; mas como o Senhor em tudo soccorre os affligidos, serviu-se de me consolar com me trazer um sacerdote preparado para dizer missa, em a mesma hora em que eu estava chorando, e dizendo a meu Senhor: « Hoje, vida da minha alma, houvera eu de commungar, se estivera na recoleta, já, Senhor, perco este bem, que Elle por sua misericordia me quiz dar: porque trazia eu licença para me confessar a meu irmão, e confessando-me communguei da mão do sacerdote... »

« D'ahi a pouco espaço de tempo chegou um moço que meu irmão mandava, para que nos alliviassemos,

que tinha achado macho para a liteira, e chegando com elle nos pozemos a caminho ainda em este mesmo dia, e ao outro chegamos a Lorvão, ás duas horas depois do meio dia, de uma sexta-feira, a quinta da quaresma, aos dezasete dias do mez de março da era de mil seiscientos e sessenta e oito. »

A recepção em Lorvão, na apparencia cordeal, foi no fundo aggressiva. A primeira cousa que provocou murmurações foi o habito de recoleta, com que ella se apresentou, e que a prelada lhe obrigou a despir, para vestir o da ordem, e compellida a nunca mais usar do nome de Joanna de Jesus, mas do de Joanna d'Albuquerque. Então o coscovilheiro conventual imaginava mil causas da sua volta ao mosteiro. Faziam-lhe mil perguntas insidiosas, desagradaveis e até injuriosas, ás quaes ella respondia invariavelmente: «... que a obediencia que a levava, fôra a mesma que a trouxera ». E como se tudo isto não bastasse, «... permittiu o Senhor me chegasse a noticia d'um testemunho que se tinha assacado, quando eu fui para a recoleta. E foi que havia uma mulher de boa qualidade em sangue, e mal afortunada nos successos da vida, a qual vivia perto das casas aonde eu nasci, e como chegasse a nova a meus irmãos e mãe da minha ida para a recoleta, esta mulher, que era

libertada na lingua e pouco affecta a minha mãe, começou de uma janella sua em vozes altas a clamar por ella, que soubesse que a sua filha, que ella mais estimava, fugira de Lorvão, vestida de vermelho, e que estava em Lisboa na rua das más mulheres ... ».

Neste desamparo e tribulações passa um anno, até que Deus se amerceou d'ella consolando-a, por intermedio de S. Bento e S. Bernardo. E' nomeada porteira; atalha uma epidemia, que se manifesta no mosteiro, indicando que se rezasse a antiphona *Stella cæli*; e, entre visões e favores divinos, chega ás ultimas paginas do incompleto manuscripto, dando conta da ordem que recebera do confessor de escrever este segundo livro; ordem que cumpriu em folhas sem numeração, e que depois foram juntas ás primeiras, que tinham ficado em poder do padre fr. Vivardo, e que por fim elle ou alguem por elle enviou para Lorvão.

Na primeira parte do manuscripto faltam as folhas de 124 a 169. Depois ficam algumas em branco de 172 a 184, onde se começam a contar casos de 1663 a 1664. Em seguida veem, como disse, os cadernos sem numeração, e como que appensos ao manuscripto primitivo e com referencias ás paginas d'este.

As paginas escriptas em Lorvão, depois da vinda da recoleta são apenas vinte e quatro, ficando a ultima incompleta. Nem por isso deixa de ter importancia. A penna caiu-lhe da mão, no momento em que ia relatar nova mercê divina. Eis essas ultimas linhas: «... Algumas vezes tenho referido como, em estes oito annos que ha que tornei da recoleta para esta santa casa de Lorvão, passei sem ter confessor a quem desse notícia de cousa alguma de minha alma; assim por não ter confiança para tratar de cousas tão grandes, quando eu dava que pela má conta que de mim tinha dado, não era gente que falasse em semelhantes successos; e tambem por não achar sujeito de quem me podesse valer. Uma vez me disse um padre da Companhia que em todo o caso me governasse em tudo por confessor, que assim m'o encarregava. Disse isto a um religioso a quem me confessava, elle me respondeu que tomava tempo; mas como nunca mais nisto me tornou a falar, não tive eu confiança para fazer nova supplica; e assim fiquei passando com os temores de cuidar que elle se escusava d'este trabalho por permissão divina, e que os meus peccados e faltas com que vivia me impediriam em tudo. A isto se ajuntou faltar-me com cartas o meu confessor, o reverendissimo padre frei Vivardo, que supposto ao depois que me mandaram da recoleta, não me dizia palavra alguma em que me consolasse

acêrea dos contrarios successos da minha vida; comtudo parecia-me que tinha ainda quem se lembrasse de pedir por mim ao Senhor, de quem totalmente cuidava estar reprovada, pois permittia que todos os seus servos me deixassem. As mercês que d'Elle tenho recebido estavam de lado escurcidas e tudo me parecia sonho e engano.

« Andando com estas tribulações veiu a esta casa alliviar na semana santa um religioso a quem me fui confessar, sem tenção alguma de lhe falar em cousas espirituaes, e elle me deu algumas razões que me obrigou a que lhe viesse a dar noticia de algumas cousas das que tinha passado, e perguntando-me se tinha d'ellas feito apontamentos lhe disse que sim; mas que não tinha em meu poder nada, mas nem sabia se estaria ainda vivo o que estava escripto; a isto me respondeu que lhe desse licença para o procurar. — Não era necessario, meu padre, que d'isto se saiba, lhe respondi eu; porém, se estas cousas forem de Deus Elle as guardará, e se ellas não forem suas, não ha para que se ponha nellas o sentido. Pareceu-lhe bem esta resposta, para não fazer caso do que era passado; mas que me pedia, da parte de Deus, que escrevesse tudo o que tinha passado do tempo que deixei de escrever até este. Excusei-me o melhor que pude e elle a me obrigar sempre constante, e disse-me que consultasse isto com Deus, e que fizesse o que Elle me inspirasse.

« Não foi necessario que para este fim me recolhesse em oração, por que no mesmo pontô me feriram o coração com uma dôr suave, que entendia me vinha de Deus, e sem duvida alguma me parecia que era vontade sua que eu lhe cedesse ao que me mandavam, e esta noticia causava em ... »

Foi a morte que lhe fez cahir a penna das mãos? Não, por que esta só a prostrou quatro annos depois, em 1680; mas é de crer que os achaques se aggravassem, tanto os do corpo enfermiço, como os do espirito inquieto e perturbado e nada mais podesse ou quizesse relatar.

A sua morte, succedida a 20 d'agosto, foi a da predestinada. Do longo assento que se lhe refere extraio as seguintes linhas: « ... no dia da sua morte (o seu confessor o dr. fr. Antonio da Conceição) mandou a todas as suas confessadas fossem recolher prendas d'esta religiosa, que era santa e lhe trouxessem alguma; que a queria para reliquia e com effeito lh'a trouxeram. As mais pessoas que as poderam recolher experimentaram com ellas grandes favores de Deus. Estava com grande gosto esperando a morte, e na vespera do Nosso Padre S. Bernardo entraram duas pessoas na cella da dita D. Joanna e lhe viram sair dos olhos uma claridade tão grande, que a explicavam como a que faz o sol,

quando dá no espelho. Disse ás religiosas que lhe assistiam, que no dia seguinte havia de ir na procissão do Nosso Padre, e assim succedeu, que principiando ella deu o espirito a Deus... ».

Cinco annos depois, e quasi dia por dia, fallecia sua irmã Sebastiana, cuja santidade, embora reconhecida, não era bastante para lhe captar o respeito da communitade. D'ella se escreveu, no livro dos obitos das que floresceram em virtudes, que se penitenciava e commungava tres vezes por semana. Na vespera de o fazer dormia no chão, e no dia seguinte não comia; applicava tres horas de cilicio e duas vezes disciplina. De pouco se alimentava, e quasi que exclusivamente de pão de rala; mas como era mansa e meiga de coração era perseguida por todos « e das mesmas creadas da casa era despresada! »

Seria um longo e interessantissimo estudo o confronto minucioso de Joanna d'Albuquerque com Theresza de Ahumeda, estabelecendo as aproximações; semelhanças e contrariedades que existem entre uma e outra. Não está elle na indole d'este livro, nem na competencia do auctor; por isso limitar-me-ei á indicação d'alguns dos topicos da vida e escriptos

das duas mysticas, unicamente para accentuar um pouco mais as linhas characteristics da visionaria de Lorvão.

Tanto o livro de Santa Thereza, bem como o de Joanna de Jesus, são a narrativa chronologica de suas vidas, uma analyse de suas almas, das duvidas, ancias, receios, luctas, e visões que durante annos as affligiram, ou aterraram, consolaram e inebriaram de ineffavel goso.

O dom da inspiração divina querem muitos ver em que Santa Thereza, segundo affirmam os seus biographos, e se observa na reproducção dos seus manuscriptos, nunca riscava nem emendava o que escrevia. A penna corria-lhe ligeira, firme, incisiva, limpa de artificios. Em Joanna observa-se o mesmo. O seu manuscripto é quasi que absolutamente isento de emendas; e se o seu estylo fica áquem do da sua mestra e exemplar, em a narrativa e no vocabulario mystico approxima-se d'ella. Mas qual o estylo do fim do seculo xvii, não só em Portugal, mas tambem em Hespanha, que se póde approximar do estylo quente de Santa Thereza, todo elle cheio de elevação e humanidade pela força do sentimento? Os hespanhoes dizem, e com razão, que a linguagem da sua doutora é a mais pura, a mais nobre, a mais rica, e a mais repassada da imaginação d'onde chispa a mais radiante poesia. A lingua de Joanna é tambem da melhor que produziu o seu seculo, e

não exaggerarei se a collocar entre os raros bons discipulos de fr. Thomé de Jesus. Já no seu tempo o grande Vieira era mestre e exemplo, mas Joanna não o conhecia. Nas qualidades do estylo a visionaria laurbanense era inferior á fundadora dos descalços; todo elle é desnudado de imaginação, contrastando a sua contínua seccura com a consoladora effusão de Santa Thereza. Falta-lhe d'esta a divina alegria, que foi o encanto da sua vida e a força e amparo da sua maravilhosa obra. Se Joanna pensa em rasgar as primeiras paginas do seu livro, por julgal-as compostas de mais, não seria ella que, a exemplo de Thereza, deixasse ficar a phrase que ao acaso lhe saiu campanuda e que logo em seguida fosse a primeira a rir-se d'ella. Se em Joanna ha talvez menos candura, sente-se em ambas o mesmo fundo d'indulgencia para com os outros.

O que desde já deve ficar assente é a proporção de comparação a que Joanna está de Santa Thereza, que é ainda inferior á que existe entre esta e Santo Agostinho, entrando em linha de conta com a feição castelhana da grande reformadora, lamentando que na monja de Lorvão não se encontre nenhum caracteristico de raça. Póde attribuir-se isto a que Santa Thereza teve e gosou a vida social e cavalheiresca do seu tempo; que nas suas longas peregrinações de fundadora nunca deixou o contacto dos seus conterraneos; que teve de os conhecer a

fundo para melhor os saber vencer e subjugar, e que Joanna não conheceu outra vida senão a do mosteiro, e não teve mais luctas senão as das intrigas do mulhierio do claustro. D'aqui vem, além d'outras qualidades, a grandeza de vistas d'uma e a acanhada zona em que a outra exercita a sua devoção e intelligencia. Não conheço a regra que Joanna escreveu para a reformação da sua ordem, mas estou certo que tão calma, embora rigorosa, tão, permitta-se o termo, altruista é a de Santa Thereza, que chega a aconselhar a propria perdição pela salvação alheia, tão inquieta, aspera e egoista devia ser a de Joanna de Jesus. E não me parece que exhorbite nesta supposição; baste que conheçamos os dois temperamentos. A castelhana, embora energica, é meiga, communicativa e alegre; a portuguesa, melancholica, reservada e sempre triste. Joanna busca constantemente o retiro da cella, Thereza ama o sol, deseja e procura, como unico luxo permittido nos seus conventos, juntamente com um aceio inexcedivel, uma bella e dilatada vista. Ainda nisto Joanna é •deveras cisterciense, cuja ordem prefere esconder-se nas solidões dos valles, e Thereza a verdadeira filha da regra dada no cume do Carmelo. Nas provações mais angustiosas da sua vida de reformadora, Santa Thereza encontra sempre uma intima consolação no seu inalteravel bom humor. Tenha ella o seu habito sem nodoas, embora remendado, as suas mãos

com as unhas bem tratadas, e o resto... á mercê de Deus. Joanna, ao mais pequeno revez, mortifica-se, chora e foge do convívio. E' possível que se tivesse passado a vida em lucta aberta com o seu meio, á luz do sol, Joanna se tivesse modificado; mas no valle de Lorvão, carregam-lhe sobre a alma os cerros asperos que dominam o mosteiro, e a sua cella do Mocambo não tem luz. Assim Thereza, quando tem frio, ri da resposta da companheira, que lhe diz: — Olha a fidalga, que quer um cobertor, quando tem em cima de si toda a roupa do convento! Joanna lamenta-se que tenham falta de cuidados com ella quando soffre, e trata de adquirir borzeguins de lã, para evitar o frio dos pés.

Joanna e Thereza começam a escrever depois dos trinta annos, e ambas declaram fazel-o por obediencia aos seus confessores: mas Joanna escreve uma reformação, por mero espirito de imitação, sendo a primeira a abrir o claustro a suas irmãs, enquanto que a de Santa Thereza lhe é dictada pelo conhecimento directo que tinha da relaxação claustral, a ponto de aconselhar os paes a casarem as filhas, embora a baixo da sua condição, de preferencia a mettel-as em certos conventos. O casamento e a vida de familia não a assustam; Joanna ao contrario tem-lhe tal horror, que até dá graças a Deus por se ter desmanchado o casamento do seu unico irmão, que ainda não era frade.

Parecem-se ambas, e nisto todos os santos e mysticos teem pontos de contacto, na severidade com que julgam os mais insignificantes actos da propria vida, a ponto de se lhes afigurarem na sua maioria como peccados mortaes.

Se em Thereza ha uma grandiosa simplicidade, em Joanna percebe-se um tal ou qual desejo de nomeada. Emquanto aquella tem o cuidado de esconder tanto quanto possivel as mercês de Deus, e de distinguir o que póde ser producto d'um estado morbido, e o que é de influencia divina, Joanna declara o desejo que sente de que o mundo saiba de que bens espirituaes está gosando, e tudo para ella são favores do ceu.

Ha uma crise na vida de ambas em que são tidas por mentirosas, fingidas e intrigantes; mas Thereza, presa e reclusa, escreve esse livro extranho — *El Castillo interior o las Moradas*, e Joanna supplica e chora, sem comtudo perder de todo a energia. Em Thereza ha a notar que quanto maiores são os obstaculos, quanto mais lanciante a dor physica, mais se augmenta aquella energia.

Ambas teem a mesma especial devoção por S. José.

Em ambas egualmente, ha a mesma analyse do estado da alma; mas a santa vae até aos mais transcendentos problemas da psychologia humana, a subtilezas taes de exame, que nem antes nem

depois d'ella foram ou serão excedidas; e a visionaria, na maioria dos casos, não passa de considerações devotas ou moraes.

Ambas teem visões e — como S. Pedro d'Alcantara a Thereza, e o padre fr. Vivardo de Vasconcellos a Joanna — a ambas os seus confessores lhes asseguram que taes favores são do ceu, que é necessario seguir-lhes o impulso e obedecer-lhes. Estas visões, tanto numa como noutra são *imaginarias e intellectuaes*. Nas primeiras, contemplam objectos sensiveis, com os olhos d'alma e nunca com os do corpo, e sempre esses objectos são differentes dos do mundo real; nas segundas, não ha vista de nenhum objecto sensivel, embora se tenha a certeza da presença de Deus, e d'Elle se alcance o conhecimento de certas e occultas verdades. As palavras divinas não são ouvidas pelo intermedio dos sentidos, embora sempre claras, intelligiveis e forcem a attenção, imprimindo a certeza que foram ouvidas; d'ellas conservam a memoria, e referem-se, quasi sempre, a acontecimentos que com o tempo se veem a realizar.

Depois, ambas insistem na differença que ha entre o extase d'inspiração divina e o que pôde ser tentação do demonio. Ambas teem os mesmos colloquios com Jesu-Christo; ambas lhe dão os mesmos osculos; um mesmo anjo lhes traspassa o coração com uma setta. Na sobreexcitação do amor

divino ambas realizam mysticas bodas com Jesus. Ambas teem não só a revelação da morte de pessoas queridas, como a vista de que ellas gosavam no ceu da presença de Deus. Se é ali que Santa Thereza de Jesus vê as religiosas da sua reformação cobertas com o veu branco; é lá tambem que Joanna de Albuquerque sabe que as da reformação que ella projecta trajarão a mesma estamenha com que ella anda vestida na recoleta.

E tanto para uma como para outra a morte é a nova vida da eterna união com Deus!

CAPITULO VIII

UM ACTO D'OPERA COMICA

Num dos capitulos transactos * referi-me a desordens e motins que as eleições abbaciaes suscitarão por mais d'uma vez.

Comquanto os livros do mosteiro guardem prudente silencio sobre casos d'esta ordem, os factos que se deram em seguida ao fallecimento da decima quinta abbadessa triennial, D. Paula de Castello Branco, por tal fórma ultrapassaram os limites d'uma simples agitação eleitoral, que as *Memorias* intimas da casa a elles se referem, fazendo-nos imaginar que taes não seriam as contendas que obrigaram a communidade a viver acephala durante nove mezes ** ! Conjecturei que

* Cap. iv.

** Vide pag. 107.

este facto se tivesse dado por 1647 a 1648; o documento, de que posteriormente tive conhecimento, e por isso vae neste logar *, confirma a data do primeiro dos dois annos previstos; e, na sua fórma chocarreira, d'uma graça tão nacional como pesada, dá-nos a conhecer que só por meio da força armada é que foi subjugada a communiidade! Outro facto se collige da grosseira e longa ironia e é que no momento do perigo a communiidade esqueceu as dissensões intimas, para se congregarem todos os partidos num só contra o inimigo commum: o D. Abbade Geral **.

Antes de partir para Lorvão ajuntou elle gente dos seus terços d'homens de cavallo e de pé, e solicitou o auxilio da jurisdicção regia, na pessoa do juiz de fóra de Coimbra. Pois, chegado com

* Ós que se dedicam a trabalhos d'investigação historica saberão desculpar-me, porque sabem que nem sempre se encontra *tudo* quanto se procura, e que muitas vezes certas descobertas são filhas d'um acaso feliz, d'um desvio incidental, que nos leva a um filão ignorado e abundante. Outros depois de mim virão, que, com mais arte ou melhor sorte, terão a fortuna de achar maior numero de factos, que darão nova luz á historia intima d'este instituto cisterciense.

** D'este D. Abbade que vae ser tão maltratado, escreveu o seu biographo o padre Manuel de Figueiredo: « Em 1645 foi eleito D. Abbade Geral Esmoler-mór com applauso commum, pelo fazerem estimavel o concertado modo de falar, a gentil presença e politica, com que tratava os religiosos. »

todo este apparatus ao mosteiro, nem assim as valorosas *bernardas* se renderam a intimações verbaes, e foi preciso abrir brecha para conquistar o mosteiro palmo a palmo.

Leia o leitor o documento que se segue, transcripto na integra *, e que até parece uma pagina da *Besta esfolada* do José Agostinho de Macedo, e verá a que ponto chegava a teimosia monachal, a consciencia dos direitos e privilegios laurbanenses, e em que tom d'escarneo e zombaria era tratado o cabeça espiritual da ordem de Cister. E, finda que seja a leitura, verá tambem que já no seculo xvii, era proverbial o conceito, que ainda hoje o vulgo faz, do que era um frade bernardo, que de sua vida eram conhecidos pelos *albardas*, sem respeito para com os Britos, Brandões e tantos outros que bem mereceram da Patria, da Historia e das Lettras.

Relação, Gazeta, Manifesto, ou que na verdade se achar do assalto que se deu ao Mosteiro de Lorrão pelo Geral Fr. Baptista de Menezes em

* Codice 2073, do Real Archivo da Torre do Tombo. *Collecção de varias Cartas, Moraes, Politicas, Discretas, Jocosas e Jocosarias etc. Compostas por differentes Authores Portugueses. Fol. 203 e seg.*

29 de março, na entrada das primeiras ervas do Anno de 1647, ordenado pela Madre Francisca Aranha, que se achou na empreza, em que se relata com fidelidade tudo o que nella se verá:

Maquinando andava ha muitos dias o Geral fr. Baptista de Menezes de dar uma esfrega ás inimigas do mosteiro de Lorvão, por outra que havia recebido de contado na eleição da abbadessa D. Filippa da Silva, e vendo que aquellas inimigas se haviam fortificado contra suas ordens, fazendo orelhas de mercador aos tratos que por sua parte se lhe cometiam, para haverem de dar a investidura á abbadessa, que elle affirmava (pelo juramento do seu grau) haver eleito canonicamente. Mas juravam e tresjuravam haver feito surra com os votos, como houvera de declarar Monsenhor Batalhino, de gloriosa memoria, para toda a embrulhada, a se não haver partido a Roma com tanta pressa, e sem accordo da freguezia.

Resoluto pois o Geral em dar o assalto á fortaleza, vista a resolução com que as inimigas estavam de se não renderem a Rei nem a Roque, pediu ajuda de braço secular, porque não fiava só do monachal tão grande empreza. Foi-lhe dado por ajudante o juiz de fóra de Coimbra, com ordem, que se a fortaleza se rendesse a entregasse logo á abbadessa, que não estava obedecida, *servatis*

servandis, clausula que lhe ferrou uma boa cóça; porque vendo o negocio mal parado, se poz em polvorosa, e deixando o feito á justiça, deu com as costas em sua casa pelas livrar de perigo, de que darei razão em seu logar.

Chegou o Geral a Coimbra, e fazendo alto no seu collegio, chamou a conselho de guerra, em que não entrou o doutor frei Luiz de Sá, por ser de contrabando, e se temerem que, dando com a lingua nos dentes, revelaria o segredo, e ficaria negocio ás boas noites.

Resolveu-se no conselho que a fortaleza se revestisse, e que para o assalto além da cavallaria que se achava junta dentro de casa, se ordenasse o mais que fosse conveniente para a empreza, dando-se varias ordens ao engenheiro para levar os instrumentos de fogo que fossem necessarios para amedrontarem as inimigas.

Conduzidas todas as cousas mais convenientes, abalou o exercito, em tropas que constavam de trinta e seis cavalgaduras umas em cima das outras, fóra os officiaes e juiz de fóra, que se não pôde escusar da jornada, por que dizia a provizão de Ajudante que El-Rei Nosso Senhor o mandava pelos seus desembargadores do Paço fulano e fulano, que por nomes não percam. A infantaria se compunha de vinte e sete asneiros tirados dos coutos de Alcobaça, porque ha gado que se parece com seu dono.

Todas estas alimarias, assim de pé como de cavallo, levavam as armas, que seu discurso lhes representou convenientes para o assalto.

Chegado o exercito ao burgo de Cellas, mandou o Geral que se marchasse em ordem de peleja por ser o logar occasionado a uma emboscada, e que assim fosse caminhando até se avistarem, com as inimigas; dando por razão que não sabia homem quem lhe quer bem, ou quem lhe quer mal.

Executada esta ordem se marchou com ella até Espinhaço de Cão, aonde a estreiteza do passo mostrou que se devia caminhar em outra fórma. Houve sobre isto varios pareceres, e ultimamente se resolveu por conselho do engenheiro, que se fizesse a marcha em som de retem, porque além de todos o saberem fazer com destreza, caminharia o exercito com mais segurança.

Executou-se a ordem com muita pontualidade, e cada um occupou o posto que lhe cabia como soldados velhos; e porque a terra é montuosa e o Geral não ha todo o trigo por haver suspeita de emboscada, mandou diante dois formosos batedores, para que sacudissem a campanha; e entretanto mandou dar uma goteira á infantaria que vinha sequiosa; e não falta quem diga que tambem a cavallaria molhou a palavra, pelo que podia succeder.

Tendo marchado pouco mais de um quarto de legoa do logar d'onde haviam tornado sua portada,

descobriram que os dous batedores vinham correndo á redea solta, e como lá dizem com o freio nos dentes, gritando que fizesse o exercito alto, porque as inimigas se haviam fortificado no Dianteiro (logar que poderá ter até seis vizinhos) e que estavam intrincheiradas de modo que as não poderia desalojar o mundo todo. Ficou o Geral trespassado com esta nova, e a cavallaria lhe cahiu o coração aos pés, porque sempre cuidaram o Dianteiro livre e desembargado.

Fez-se conselho de guerra sobre o Dianteiro, e votou-se nelle com grande variedade, e com maior confusão, porque uns diziam que se investisse o Dianteiro custasse o que custasse, outros, que supposto estava fortificado, dessem volta por detraz, por onde podia haver alguma entrada, ainda que fosse com seu risco, e não faltou quem dissesse que se esperasse pelas primeiras aguas, e com ellas se viriam abaixo as fortificações, e ficaria o lugar capaz de se investir sem perigo, outros votaram, que fossem as picas deante, a quem fosse comboiando a cavallaria, e que havendo occasião de investir se desse assalto. Não faltaram muitos que foram de parecer que se mandasse vir artilharia e que se avistassem em Coxa, lugar que fica superior ao Dianteiro, e que mettidas as inimigas uma vez debaixo da artilharia, ou se conhecia que os batedores eram fracos das curvas, e que por verem

ambos de dous com oculos faziam ao longe de um argueiro um cavalleiro, resolveram que o exercito marchasse com boa ordem até descobrir, com os olhos peccadores, as carrancas que se haviam dito do pobre Dianteiro, para que se soubesse com certeza a resolução que se havia de tomar para se bater, e sacudir.

Marchou o exercito seguindo este conselho, e chegando sobre a tarde ao logar que temiam fortificado, o acharam aberto de par em par, affirmando os moradores que nunca nelle se fizera resistencia, antes o tinham todo prestes para soccorrer a todo pobre que vinha á porta com necessidade; e que o antolhar-se aos batedores que estava fortificado devia de ser por causa de certas lavadeiras de Lorvão, que andavam naquella paragem enxugando a roupa. Ficou o Geral corrido do sobresalto, que, mandando chamar os batedores, deu a cada um suas palmatoadas, e os privou dos officios até sua mercê.

Entrado o Dianteiro, e deixada a gente d'elle reduzida ao gremio do Geral, foi marchando o exercito até o logar das Avelleiras (aqui foi Troya), porque cuidou o Geral que era mamado, e a cavallaria esteve quazi quazi, nas envazaduras da de Montijo, para tomar as de Villa Diogo.

Foi o caso que acudindo grande copia de Tabereos (sic) para verem o successo que no dito logar

das Avelleiras, e que parecendo-lhe, que podiam ver touros de palanque, deram tão grande sobresalto ao exercito (cuidando que eram tropas inimigas), que estavam para dar com o facho em terra e fazer da casa pardieiro, e retirar-se até melhor fortuna.

Mas sendo certificados que a gente era de pouca roupa, e que sem pau nem pedra vinha só á lambugem dos despojos da guerra, avançaram ao logar com muita gallardia, o qual logo se entregou sem muita resistencia. Constava de sete vizinhos, tres machos e sete femeas, entre grandes e pequenos. Aqui se mandou fortificar o Geral, por ser immi-nencia muito superior á fortaleza, e como estava á vista mandou que em continente zurrasse toda a cavallaria junta, para com esta surriada amedrontar as inimigas, que ainda que ficaram sobresaltadas com o estrondo, não deixaram de dar ordem no que convinha para sua defeza, e por accordo de certa discreta, que tinha grande noticia do inimigo, se mandou pôr fogo a todos os palheiros, para lhe tirar o mantimento, prevenção que podéra valer muito, se as desgraças não foram superiores ao tempo. Vendo o Geral a fumaça, e conhecendo na causa o risco, que podia correr o exercito, na falta dos viveres, despachou um corneta com certas capitulações de paz, e partidas honestas, para que querendo-se entregar sem toque, nem remoque, se lhes daria o quartel que pedissem, protestando que

de nenhum modo se procederia a effusão do sangue, querendo-se render logo, aliás havia de andar o diabo na festa.

Foi o corneta muito mal recebido, por não ser do numero da casa, e deu-se-lhe por resposta, que estão resolutas a se defender até cahir de cu, e que cada um attentasse por si, e que o Geral sabia muito bem que naquelle forte estavam mulheres, que nem temiam nem pagavam, e que lhe lembravam que se o acolhiam a descoberto, lhe haviam de pôr as ordens a um cabo, e que havia de haver cristas vermelhas; e que se tornasse a mandar recado por semelhantes cornetas, lhe haviam de fazer um fraco serviço, que cada um tratasse de fazer o seu negocio, e não andasse com embaixadas, nem dissemes, dissemes.

Ficou o Geral feito uma peste com tal recado, porque lhe haviam dito que as cousas estavam mais macias, do que as achava; e por não perder tempo mandou ao engenheiro, que fosse reconhecer o sitio do alojamento, por ter suspeitas estava o burgo contaminado; e tendo aviso, que não havia que temer, porque eram mais as vozes que as nozes, mandou baixar o exercito para se aquartelar no burgo, e tratando-se do modo com que se haviam de entrincheirar, depois de grandes dares, e tomares, se resolveu que fosse com cavalinhos de frisa, pela regra *similes similibus*. Tudo

se obrou com pontualidade: mas, passou-se a noute com grande falta de mantimentos pelo incendio dos palheiros; porém, bebeu-se muito bonito, e ficou quazi descontada uma por outra.

Ao outro dia (em Deus amanhecendo) mandou o Geral ao juiz de fóra que fosse requerer se entregassem, porque se o não fizerem se seguiria haverem grandes embrulhadas sobre o negocio; porque não haviam vindo ali para estarem dando com uma perna na outra, que suas mercês se resolvessem com tempo. Palavras não eram ditas, quando o gèntio da fortaleza começou a acudir às janellas e setteiras, trazendo cada uma as armas que o furor da sua colera lhes ministrou, entre as quaes se enxergavam rocas e sarilhos, espetos, tremes, grelhas, colheres; e outras, que se presavam de botar a barra, saíram com suas mãos de almofarizes de remesso, com que fazendo tiro ao juiz de fóra, escapou por alguma boa oração que havia rezado; e ainda na retirada se affirma que o apanharam pelas obras mortas; com que amedrontado entregou logo a bengala de ajudante, e se foi pondo em cobro, dizendo ao Geral que os damnos, e as bemfeitorias da empreza corressem por sua conta.

Vendo pois o Geral que as cousas estavam mettidas na má razão e que havia grande falta de mantimentos no exercito, pelo incendio dos

palheiros, tudo circumstancias que o obrigavam a apertar de todo as contra-cilbas, se resolveu a investir de todo a fortaleza, fosse o que fosse, viesse o que viesse. E chamando a conselho sobre o modo que se havia de terem o assalto, houve varios pareceres, porque uns diziam que se desse na bochecha do dia para que se visse o valor da cavallaria de Alcobaça, outros diziam que era conveniente ser de noute, porque se houvesse algum dezar, não ficasse tão publico que se soubesse, que como os successos da guerra são varios, poderia succeder que as inimigas ficassem de cavallo, e seria peor que chover no molhado.

Ultimamente, para conciliar ambas as opiniões, votou certo conselheiro, acordado nas brigas, que o assalto se havia de dar no quarto da alva, entre luzes e fuzes: porque assim se não vinha a dar de dia, nem de noite, visto não ter tambem a parvoice avesso nem direito.

Não se descuidavam a este tempo as inimigas, antes, como mulheres praticas no negocio, tinham fortificado as portas com muitas formosas trancas novas e nas janellas postos grande quantidade de pecegos durazios para hospedarem os aventureiros, ordenaram seu corpo de guarda, e repartindo officios acudia cada qual a fazer sua obrigação, entrando e sahindo de guarda, como quem desejava mostrar ao inimigo, que não era aquella a

gente que roesse palha, nem sem ella se havia de fazer cousa ás mãos lavadas.

Posto o negocio neste estado, e já prevenido tudo o que havia de servir em o assalto, depois de rendido o quarto da madorna, mandou o Geral que batesse alto na porta do carro, parte por onde costumam tambem entrar as bestas, mostrando, que queria tambem por ali fazer entrada, como posto reconhecido já pela cavallaria.

Deu-se rebate no corpo da guarda e acudiram logo, mais ligeiras que umas dobadouras, as que tinham a seu cargo, aquelle posto e começando a defende-lo com galhardia continente, mandou o Geral a cavallaria que tinha a vanguarda naquelle dia, se emboscassem em o palheiro (que por estar arrimado aos muros da fortaleza não tinha incorrido no incendio dos seus consortes fatal ruína deste desbarate) e como nesta parte não faltavam ainda mantimentos, em que a cavallaria se entregou a faltar, não faltou tambem esforço nas alimarias para poderem arrombar aos couces um lanço de muralha, por cuja brecha se avançaram todos ao primeiro sobrado da fortaleza, e foi a primeira cavallaria que na nossa Europa, escalando muros, pôde avançar sobrados. Não falando no apocripho Astolfo.

Vendo as inimigas que o toque emboque se havia feito por culos (sic), quando o esperavam

por boccas, acudiram a pôr-se em defeza de encamizada e valendo-se a cavallaria da clausura que eram muitos gentis mancebos de candieiros, deram Santiago nelles; mas como a gente de maiores alentos era a que havia acudido á defensão das portas, por ser parte aonde com razão se temiam, porque aonde cada um pecca d'ahi lhe vem o mal, não pôde ver com tanta pressa, que não estivessem os contrarios já senhores da praça, comtudo se avançaram com tantos brios, que se julgou o inimigo já perdido, senão fosse valer-se mais da traça que da valentia, pudéra ficar a victoria em contingencia; mas como o engenheiro era homem pratico, e tinha suas lições de Cosme André, valendo-se das machinas de fogo que trazia prevenidas para o successo lançou quatro foguetes de busca fraldas, que bastaram a descompor toda a encamizada.

O inimigo, que não perdia ponto, vendo a desordem do campo contrario, arvorando as picas deu logar a que podessem choucar a cavallaria, que como achou as inimigas sem ordem, nem figura de juizo pôde fazer d'ellas gato sapato; e captivando algumas, fez pôr muitas em fugida, que retirando-se as outras, que nas portas estavam fazendo seu officio, fizeram que voltassem todas com esquadrão formado com animo de perderem as vidas, ou morrer na demanda.

Aqui foi o *busilis*; porque cuidando o inimigo, que não havia mais que fazer e que estava já senhor do bollo, se achou investido por varias partes, e como a cavallaria andava á redea solta occupada no saque das cellas, esteve arriscada a ficar toda de albarda, se não fôra outro extraordinario ardil de guerra, de que o inimigo vinha prevenido, que constava de dezasete ratoeiras e duas gaiolas, em que havia cento e vinte ratos entre grandes e pequenos que largando-se á vista do esquadrão das inimigas, as atemorizou de maneira que cahindo a maior parte d'ellas desmaiadas, e outras acudindo a tapar as serventias, deram logar a que o inimigo pudesse lograr applausos da victoria. E é grande caso, que aquellas, que poucas horas antes haviam consultado (sem temores) as almas do Purgatorio sobre o successo da empreza, atemorizadas com a maquina das ratoeiras, perdessem o passo e accordo!

Não o perderam, não, os inimigos antes arremessando-se de golpe fizeram entre as rendidas tal estrago que lhes não ficou osso são, nem pedra sobre pedra; desuzada tyrannia com gente a quem venceu mais a fortuna que o esforço, pois aquellas que piedosamente captivavam corações, agora se viram captivas sem piedade!

Rendida pois a fortaleza e mettidas na torre da homenagem aquellas cujo valor justamente se temia,

deu-se saque a toda a cousa viva, e condemnando a expulsão da clausura a toda a famula, ficou a praça varrida de pau e de vassoura. E porque o valor de D. Violante de Lima ainda palpitava, se arremessaram a ella como gato a bofes, e sem lhe bastarem protestos nem requerimentos, a metteram em uma liteira acompanhada com seis cavalgadas de espingardas, a mandaram para o mosteiro de Cellas, onde foi recebida * se não com vivas de vencedora com applausos de alentada.

Despediu-se esta senhora das amigas que deixava presas, e depois de lhe fazer uma larga pratica consolatoria em que mostrou além da clareza do seu juizo o valor do anino, lhes empenhou as toucas, dizendo, que ainda aquella cavalgada do Geral havia de parir. Com que todas ficaram muito consoladas.

Saqueado tudo, se ajuntaram as pessoas que dentro da praça havia confidentes do Geral, que por todas eram quarenta e duas, com todas as mais que se haviam achado no assalto, e misturados alhos com bugalhos, fizeram uma solemne procissão em acção de graças, e foram com ella dar a investidura do abbadessado á abbadessa da contenda, que, mandando repicar todo o almofariz que se achou em mão, se entregou da fortaleza.

* Parece que lá falleceu, por que o seu termo de obito não se encontra nos livros de Lorvão.

Continuou vinte e quatro horas com o seu officio, e no cabo d'ellas, ou por generosa, ou por escrupulosa, depôz de si toda a jurisdicção. Foi acção muito louvada, mas nem por isso foi obedecida, porque dizem as inimigas que aonde foi o russo, hão de ir tambem as canastras, e preso por mil, prezo por mil e quinhentos, que ha de ser o que ellas quizerem, ou um lobo vivo. O Geral está ainda sobre a praça, suspeita-se que quer dar segunda mão de susto. Do que succeder avisarei com pontualidade.

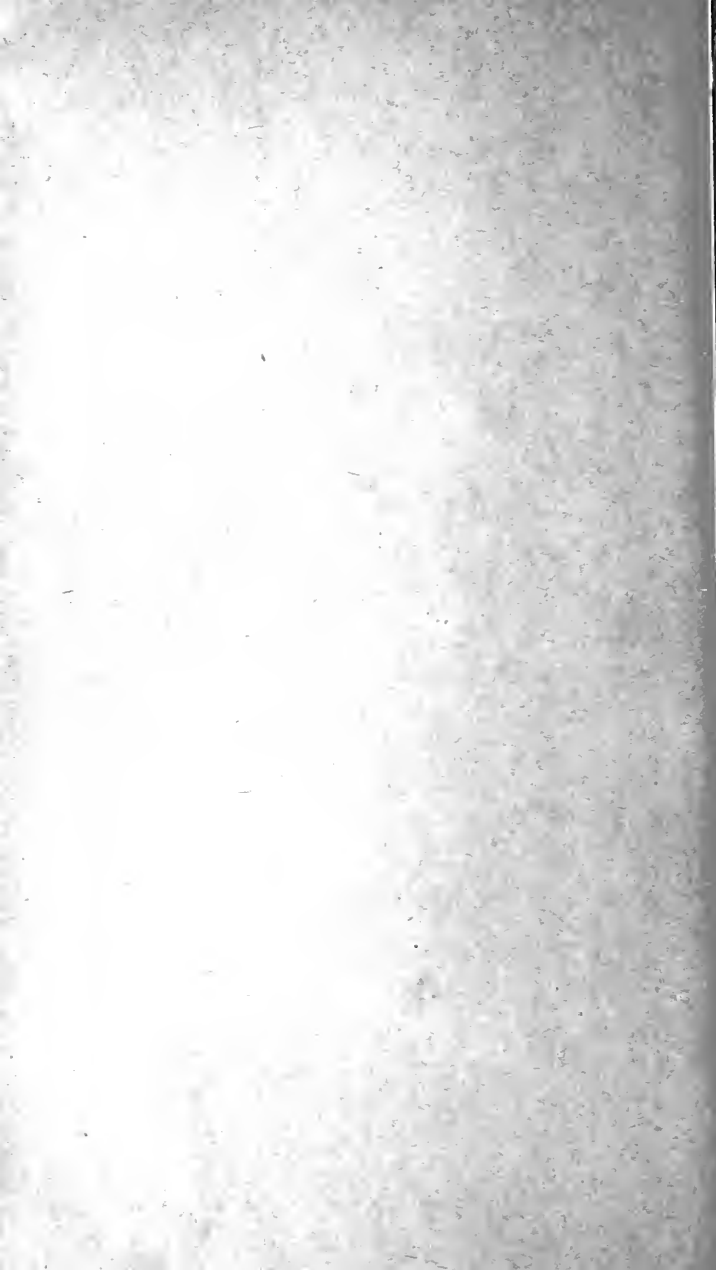
Está conforme com seu original.

O mestre, fr. THIMOTHEO.



INDEX

A caminho do mosteiro. Os fundadores e a fundação	1
Lorvão mosteiro dobrado	35
Mouros e christãos. O abbade João de Montemór. Lendas e historia	51
As monjas e o seu viver. D. Filippa d'Eça, D. João III e a Rota. As que foram santas e as que pediram esmola	77
O que rezam os livros dos obitos	135
Migalhas d'antiga opulencia. Privilegíos. Mortalidade. Noticias varias	149
A grande visionaria	189
Um acto d'opera comica	271







BINDING

**PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET**

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BX
4635
L62A77

Assumpção, Tomaz Lino da
As freiras de Lorvão

(16)

UTL AT DOWN:SVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 13 09 01 11 030 4